

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS

CRISTINA LAZZERINI

**Itens Lexicais Estrangeiros e Itens Culturais Específicos
em *Things Fall Apart*: um estudo de estilo
das traduções para o português com base em *corpus***

Belo Horizonte - MG

2016

CRISTINA LAZZERINI

**Itens Lexicais Estrangeiros e Itens Culturais Específicos
em *Things Fall Apart*: um estudo de estilo
das traduções para o português com base em *corpus***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada.

Área de Concentração: Linguística Aplicada

Linha de pesquisa: Estudos da Tradução

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Célia Maria Magalhães

Belo Horizonte – MG

2016

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

L432i Lazzerini, Cristina.
Itens lexicais estrangeiros e itens culturais específicos em *Things Fall Apart* [manuscrito] : um estudo de estilo das traduções para o português com base em *corpus* / Cristina Lazzerini. – 2016.
131 f., enc. : il., grafs., tabs., color., p&b.

Orientadora: Célia Maria Magalhães.

Área de concentração: Linguística Aplicada.

Linha de pesquisa: Estudos da Tradução.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 119-122.

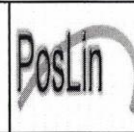
Anexos: f. 123-130.

1. Tradução e interpretação – Teses. 2. Linguística de corpus – Teses. 3. Funcionalismo (Linguística) – Teses. 4. Achebe, Chinua, 1930-2013. – *Things Fall Apart* – Traduções – Teses. I. Magalhães, Célia Maria. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 418.02



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS



FOLHA DE APROVAÇÃO


Itens Lexicais Estrangeiros e Itens Culturais Específicos em Things Fall Apart: um estudo de estilo das traduções para o português com base em corpus

CRISTINA LAZZERINI DE SOUZA

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA APLICADA, linha de pesquisa Estudos da Tradução.

Aprovada em 05 de agosto de 2016, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Celia Maria Magalhaes - Orientador
UFMG


Prof(a). Carolina Pereira Barcellos
UnB


Prof(a). Roberto Carlos de Assis
UFPb

Belo Horizonte, 5 de agosto de 2016.

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão

ao Universo, por conspirar a meu favor;

à infalibilidade da Lei de Causa e Efeito;

a minha família – meus pais, marido e filha - pelo amor e apoio incondicionais sempre;

à Professora Célia, pela dedicação e tempo empreendidos em minha orientação;

a todos os professores que contribuíram para minha formação, possibilitando que eu chegasse até aqui;

ao Programa Idiomas sem Fronteiras, pela oportunidade de trabalho, e aos coordenadores e colegas desse programa pelo aprendizado e crescimento;

aos colegas do POSLIN pela acolhida, em especial aos colegas do LETRA, pela generosidade em compartilhar seus conhecimentos comigo.

ao GRANT e ao LETRA, aos quais esta pesquisa se afilia.

“[...] identifying with someone is not agreeing with them. At the heart of fiction lies a unique human talent to identify with the pain, pleasure, joy, boredom of others. Once you base your art on that, you're political.”

ORHAN PAMUK

RESUMO

O estudo apresentado nesta dissertação investiga o estilo da tradução sob a perspectiva do uso de itens lexicais estrangeiros e itens culturais específicos em um *corpus* composto por um texto literário pós-colonial em inglês nigeriano e duas traduções para o português. O objetivo é averiguar a existência de padrões de uso diferenciados de itens lexicais estrangeiros, entre eles os itens culturais específicos, nos textos traduzidos e as presumíveis consequências no significado desses textos. O uso desses itens em textos literários traduzidos foi abordado em pesquisas afiliadas aos Estudos da Tradução Baseados em *Corpus* (FRANKENBERG-GARCIA, 2005) e aos estudos de estilo da tradução e do tradutor (SALDANHA, 2011a e MAGALHÃES e BLAUTH, 2015) sem que certas especificidades da escrita pós-colonial pudessem ser consideradas. O romance *Things Fall Apart*, de Chinua Achebe, apresenta elevada frequência de itens lexicais estrangeiros e itens culturais específicos em ibo, utilizados pelo autor para a construção da experiência de seu povo, para posicionar seu texto como resistente à hegemonia da língua do colonizador e para marcar alteridade. A análise estilística desenvolvida neste estudo utilizou a etapa descritiva da estilística tradutória (MALMKJAER 2003, 2004) e ferramentas e métodos da linguística de *corpus*, fazendo interface com os Estudos da Tradução Baseados em *Corpus*, os Estudos Descritivos da Tradução (AIXELÁ, 1996) e a linguística sistêmico-funcional (HALLIDAY e HASAN, 1976 e HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014). Os resultados alcançados mostram que a estratégia geral adotada pelos tradutores para a tradução dos itens lexicais estrangeiros e itens culturais específicos seguiu a estratégia de Achebe para a inserção do vocabulário ibo no romance. Entretanto, as mudanças de tradução em relação a esses itens resultaram em textos normalizados, mais explícitos - especialmente a tradução brasileira - e mais coesos que o texto fonte. A investigação dessas mudanças tradutórias identificou motivação diferente de uso de itens lexicais estrangeiros e itens culturais específicos nos textos traduzidos, acarretando construção de significados distintos nas traduções em relação ao texto fonte. Dessa forma, o uso de itens lexicais estrangeiros e itens culturais específicos nos textos traduzidos, apesar de ainda construir experiencialmente a cultura ibo, atenua a diferença em relação ao Outro e, conseqüentemente, a função de resistência à territorialidade do colonizador.

Palavras-chave: Estilo da tradução; Mudanças de tradução; Itens lexicais estrangeiros; Itens culturais específicos; *Things Fall Apart*.

ABSTRACT

This study investigates the style of translation from the perspective of the use of foreign lexical items and culture specific items in a *corpus* compiled with a post-colonial literary text in Nigerian English and two translations into Portuguese. The aim is to examine differentiated patterns of foreign lexical item use, among them the culture specific items in the translated texts and the presumable consequences in the meaning of these texts. The use of these items in translated literary texts was addressed in research affiliated to *Corpus* Based Translation Studies (FRANKENBERG-GARCIA, 2005) and to studies of the style of translation/translator (SALDANHA, 2011a; MAGALHÃES; BLAUTH, 2015). These studies did not take into account certain specificities of post-colonial writing. The novel *Things Fall Apart*, by Chinua Achebe, presents a high frequency of foreign lexical items and culture specific items in igbo, used by the author to construe the experience of his people, as well as to position his text as resistant to the hegemony of the language of the colonizer and to emphasize Otherness in it. The stylistic analysis carried out in this study uses the descriptive procedure of translational stylistics (MALMKJAER 2003, 2004) and tools and methods of *corpus* linguistics, with the support of *Corpus* Based Translation Studies, Descriptive Translation Studies (AIXELÁ, 1996) and systemic-functional linguistics (HALLIDAY and HASAN, 1976 and HALLIDAY and MATTHIESSEN, 2014). The findings show the general strategy adopted by the translators for the translation of foreign lexical items and culture specific items were the same strategy the author used to incorporate igbo vocabulary into the novel. However, translation shifts related to these items resulted in normalized, as well as more explicit - especially the Brazilian translation - and more cohesive texts than the source text. The investigation of these translation shifts identified different motivation for the use of foreign lexical items and culture specific items in the translated texts, which seem to have construed distinct meanings in the translations in relation to the source text. It showed the use of foreign lexical items and culture specific items in the translated texts still experientially construes the igbo culture; however, it attenuates the difference in relation to the Other and, consequently, the function of resisting the territoriality of the colonizer.

Key-words: The style of translation; Translation shifts; Foreign lexical items; Culture specific items; *Things Fall Apart*.

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Capa das edições que compõem o <i>corpus</i>	53
Figura 2: Ocorrências de ILEs traduzidas em TFA_Antunes_Rego	76
Figura 3: Demais procedimentos utilizados com ocorrências de <i>compound</i> em TFA_CostaSilva_83	78
Figura 4: ICEs com os quais foi utilizado o procedimento glosa extratextual	87
Figura 5: Fruto da árvore udala	94
Figura 6: Significados, origem e traduções de <i>compound</i> no Collins English Dictionary	123
Figura 7: Significados, etimologia e tradução de <i>compound</i> no American Heritage Dictionary of the English Language, Random House Kernerman Webster's College Dictionary e Kernerman English Multilingual Dictionary	124
Figura 8: Significado e etimologia de <i>compound</i> no Merriam-Webster Dictionary	125

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Comparação das frequências relativas dos recursos coesivos	99
Gráfico 2: Comparação das frequências relativas dos recursos coesivos	103
Gráfico 3: Comparação das frequências relativas dos recursos coesivos nos textos do <i>corpus</i>	106

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Objetivos, pressupostos, perguntas de pesquisa e hipóteses	19
Quadro 2: Categorias para a classificação de itálicos	58
Quadro 3: Procedimentos gerais para classificação dos ILEs	60
Quadro 4: Procedimentos específicos para classificação dos ILEs	63
Quadro 5: Tipos de recursos coesivos	67
Quadro 6: Exemplos de acréscimo de itálicos e de ILEs nos TTs	73
Quadro 7: Mudanças em relação à repetição de ICEs	83
Quadro 8: Utilização do procedimento acréscimo em TFA_Antunes_Rego	85
Quadro 9: Utilização do procedimento acréscimo em TFA_CostaSilva_83	86
Quadro 10: Utilização do procedimento glosa intratextual em TFA_CostaSilva_83	90
Quadro 11: Utilização do procedimento omissão	91
Quadro 12: Exemplos de mudanças de tipos de relação coesiva em TFA_Antunes_Rego	100
Quadro 13: Exemplos de mudanças de tipos de relação coesiva em TFA_CostaSilva_83	104
Quadro 14: Objetivos, pressupostos, perguntas de pesquisa e hipóteses respondidos	115

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Resultados quantitativos gerais do <i>corpus</i>	69
Tabela 2: Dados quantitativos de itálicos do <i>corpus</i>	71
Tabela 3: Resultados quantitativos da classificação das ocorrências de ILEs nos TTs com base nas categorias de procedimentos gerais.....	75
Tabela 4: Resultados quantitativos da classificação dos ICEs nos TTs com base nas categorias de procedimentos específicos	81
Tabela 5: Frequência relativa dos recursos coesivos em TFA_Antunes_Rego e TF	98
Tabela 6: Frequência relativa dos recursos coesivos em.....	103
Tabela 7: Frequência relativa dos recursos coesivos nos textos do <i>corpus</i>	106

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

- BNC – British National *Corpus*
- ET - Estudos da Tradução
- ETBC – Estudos da Tradução baseados em *Corpus*
- ESTRA – *Corpus* de Estilo da Tradução
- FALE – Faculdade de Letras
- GRANT - Grupo de Análise Textual e Tradução
- ICE – Item cultural específico
- ILE – Item lexical estrangeiro
- IO – Inglês original
- IT – Inglês traduzido
- LETRA – Laboratório Experimental de Tradução
- LSF – Linguística Sistemico-Funcional
- LC – Linguística de *Corpus*
- MJC – Margaret Jull Costa
- PB – Peter Bush
- PE – Palavra estrangeira
- PO – Português original
- PT – Português traduzido
- TEC - The Translational English *Corpus*
- TF – Texto fonte
- TFA – *Things Fall Apart*
- TO – Texto original
- TT – Texto traduzido
- TnT – Texto não traduzido
- UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais
- WST – *WordSmith Tools*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	22
1.1 Estilo nos Estudos da Tradução.....	22
1.2 ILEs e ICEs em tradução	29
1.3 Coesão em textos traduzidos	35
1.3.1 Recursos coesivos com base na LSF	35
1.3.2 LSF e análise de tradução	39
1.4 Literatura pós-colonial e estratégias linguísticas em textos pós-coloniais	46
2 CORPUS E METODOLOGIA	53
2.1 Descrição do <i>corpus</i>	53
2.2 Procedimentos de preparação do <i>corpus</i>	56
2.3 Procedimentos de análise.....	57
2.3.1 Quantificação dos dados gerais do <i>corpus</i>	57
2.3.2 Procedimentos de busca de itálicos no <i>corpus</i>	58
2.3.3 Procedimentos de classificação dos ILEs com base nas categorias gerais, adaptadas de Saldanha (2005, 2011a)	60
2.3.4 Procedimentos de classificação dos ILEs com base nas categorias específicas, adaptadas de Aixelá (1996)	63
2.3.5 Procedimentos de análise da coesão	67
3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	69
3.1 Dados gerais do <i>corpus</i>	69
3.2 Resultados da busca pelos itálicos do <i>corpus</i>	71
3.3 Resultados da classificação dos ILEs com base nas categorias gerais, adaptadas de Saldanha (2005, 2011a)	74
3.4 Resultados da classificação dos ILEs/ICEs com base nas categorias específicas, adaptadas de Aixelá (1996)	80
3.5 Resultados da análise da coesão	98

CONCLUSÕES	109
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	119
ANEXO A – Verbetes para <i>compound</i>	123
ANEXO B – Glossário de TFA_Antunes_Rego e notas do tradutor referentes a ILEs/ICEs nos TTs	126

INTRODUÇÃO

Os estudos de estilo da tradução vêm se desenvolvendo com a elaboração de metodologias e técnicas de pesquisa próprias e a compilação de *corpora* paralelos e utilização de *corpora* comparáveis especialmente para a análise estilística de textos traduzidos (TTs). Dentre os estudos que contribuíram para tal avanço estão Baker (2000), Malmkjaer (2003; 2004), Munday (2008) e Saldanha (2011b).

A pesquisa realizada em Baker (2000), precursora na elaboração de uma metodologia para o estudo de estilo de TTs e na construção de um *corpus* para tal fim, enfocou o estilo do tradutor através da estilística forense, na qual os hábitos linguísticos subconscientes do tradutor justificam as escolhas tradutórias que não são determinadas pelo sistema linguístico fonte ou pelas escolhas do autor do texto fonte (TF).

Os estudos em Malmkjaer (2003, 2004) propuseram a metodologia da estilística tradutória para investigação de estilo em textos traduzidos, demonstrando a necessidade de se comparar TF e TT na análise de estilo e de levar em conta o papel do tradutor de mediador na construção do significado do TT. Malmkjaer (2003, 2004) justificaram os padrões de escolha dos tradutores discutindo aspectos extralinguísticos, com base nas diferenças entre as culturas fonte e alvo.

Munday (2008) trabalhou da perspectiva da análise do discurso, investigando traços linguísticos considerados escolhas significativas no nível micro cujo acúmulo no texto se relaciona aos contextos de ideologia e produção cultural. O estudo enfocou o estilo dos tradutores investigados e a hipótese da fragmentação da voz autoral.

Saldanha (2011b) avançou a metodologia proposta em Baker (2000) através da elaboração das definições de estilo do tradutor e da tradução, o primeiro como atributo pessoal e o segundo como atributo textual. Tal metodologia procurou unir o estilo da tradução ao estilo do tradutor, mas os resultados da pesquisa enfocaram o estilo dos tradutores investigados.

Esta dissertação se afilia aos estudos de estilo da tradução embasada nos trabalhos acima mencionados, especificamente através da adoção da metodologia da estilística tradutória e da concepção de estilo da tradução como atributo textual, tendo como objetivo geral investigar o estilo da tradução sob a perspectiva do uso de itens lexicais estrangeiros

(ILEs)¹ e itens culturais específicos (ICEs)² em traduções para o português de um texto literário pós-colonial, visando identificar padrões de uso diferenciados desses itens nas traduções e seu provável efeito no significado dos textos traduzidos.

O uso de ILEs foi investigado no par de idiomas inglês-português com a utilização de procedimentos e ferramentas da Linguística de *Corpus* (LC) por Frankenberg-Garcia (2005), Saldanha (2011a) e Magalhães e Blauth (2015).

No âmbito dos Estudos da Tradução Baseados em *Corpus* (ETBC), Frankenberg-Garcia (2005) investigou a frequência de uso e a distribuição de empréstimos por língua em textos de ficção traduzidos e não traduzidos em dois *subcorpora* paralelos do COMPARA. Estabeleceu critérios e procedimentos metodológicos para determinar o que é considerado empréstimo, e para a busca, classificação e contabilização dos empréstimos.

No âmbito dos estudos de estilo da tradução, mas seguindo os procedimentos de análise em Frankenberg-Garcia (2005), Saldanha (2011a) descreveu a utilização de empréstimos em corpora de traduções de Peter Bush e Margaret Jull Costa, constatando que os padrões encontrados se devem a escolhas estilísticas individuais realizadas pelos tradutores enquanto mediadores entre as culturas alvo e fonte.

Ainda nos estudos de estilo da tradução, Magalhães e Blauth (2015) investigou o uso de palavras estrangeiras (PEs) e ICEs em um *corpus* de retraduições para o português de *Heart of Darkness*, seguindo a metodologia proposta em Saldanha (2011b) e os procedimentos de análise em Frankenberg-Garcia (2005) e Saldanha (2005, 2011a, 2011c). A análise foi feita sob a perspectiva do uso de itálicos para a marcação de ILEs e ICEs e suas funções comunicativas.

A presente dissertação faz, com Saldanha (2011a) e Magalhães e Blauth (2015), interface com os Estudos da Tradução Baseados em *Corpus*, no que utiliza as ferramentas de *corpus* e os procedimentos metodológicos estabelecidos em Frankenberg-Garcia (2005), além das categorias de classificação dos ICEs empregadas em Saldanha (2011a). Vai além dessas pesquisas porque investiga um texto literário pós-colonial, tipo textual que apresenta

¹ A pesquisa aqui proposta adota o termo itens lexicais estrangeiros seguindo Saldanha (2011a), como explicado na subseção ILEs e ICEs em tradução.

² Itens culturais específicos é a tradução adotada nesta pesquisa para *culture-specific items*, seguindo Magalhães e Blauth (2015), que considerou “itens culturais” como colocação, da mesma forma que “itens lexicais”, e “específicos” como um epíteto avaliativo do grupo nominal formado pela colocação. A definição de ICE utilizada é a de Aixelá (1996), apresentada na página 33.

estratégias distintas de uso de ILEs e ICEs daquelas apresentadas pelos textos literários investigados nas demais pesquisas.

A fim de abarcar as especificidades dos textos pós-coloniais, e em consonância com Frankenberg-Garcia (2005) quanto à relevância de se investigar o uso de ILEs em textos não traduzidos (TnTs), esta dissertação dialoga com os estudos de literaturas pós-coloniais, especificamente, nigeriana em língua inglesa. Esse diálogo se estabelece principalmente através dos estudos em Igboanusi (2001) e Bamiro (2006), os quais investigaram, do ponto de vista linguístico e ideológico, as estratégias de Achebe para inserção de ILEs e ICEs no TF, assim como suas funções.

Ainda devido às características particulares aos textos pós-coloniais, esta dissertação faz interface com os Estudos Descritivos da Tradução através do estudo em Aixelá (1996), o qual propôs onze categorias de procedimentos aplicados à tradução de ICEs, adotadas na segunda etapa da pesquisa apresentada nesta dissertação. O estudo em Aixelá (1996), assim como em Frankenberg-Garcia (2005), leva em conta o contexto de produção das traduções a fim de justificar as escolhas tradutórias. A presente dissertação vai além desses estudos ao buscar subsídios na linguística sistêmico-funcional (LSF) com o propósito de estabelecer o elo entre as escolhas linguísticas dos tradutores no nível local e suas estratégias estilísticas no nível global, que podem refletir a ideologia do tradutor e o contexto de produção dos textos.

No âmbito da linguística sistêmico-funcional, sob o recorte da coesão, esta dissertação se embasa em Halliday e Hasan (1976), Halliday e Matthiessen (2014), Blum-Kulka (1986), Baker (1992, 2011), Munday (2002) e Pagano et al (2015).

Esta dissertação se insere no âmbito do LETRA (Laboratório Experimental de Tradução/FALE/UFMG) com Magalhães e Blauth (2015) - Grupo de Análise Textual e Tradução (GRANT) - e Pagano et al (2015) - grupo de pesquisa Modelagem sistêmico-funcional da tradução e da produção textual multilíngue -, e mais especificamente no âmbito do GRANT, o qual vem contribuindo para o estudo de estilo em textos traduzidos por meio do desenvolvimento de pesquisas sobre o estilo da tradução e do tradutor, e da compilação de um *corpus* especialmente para este fim, o ESTRA (*Corpus* para o Estudo do Estilo da Tradução) (MAGALHÃES, 2014). O presente estudo acrescenta às pesquisas de estilo da tradução desenvolvidas pelo GRANT, ao utilizar um *subcorpus* do ESTRA, composto por um texto pós-colonial em inglês nigeriano e duas traduções para o português, para investigar especificidades no uso de ILEs e ICEs que até então não haviam sido exploradas nesta linha de pesquisa. Este trabalho estabelece ainda uma interface entre os estudos desenvolvidos

pelos dois grupos de pesquisa do LETRA acima mencionados, ao incorporar uma análise de coesão à análise de estilo da tradução.

Quanto à metodologia, esta dissertação seguiu os procedimentos usuais do ESTRA para preparação do *corpus* e o programa de análise lexical *WordSmith Tools 6.0 (WST)* (SCOTT, 2012) para a coleta dos dados gerais do *corpus*. A primeira etapa desta pesquisa consistiu em uma pesquisa exploratória na qual foram levantadas as linhas de concordância contendo os ILEs nos três textos do *corpus* com o auxílio da ferramenta *Concord* do programa *WST*. Nessa primeira etapa, a classificação dos procedimentos de tradução dos ILEs utilizou as categorias adotadas de Saldanha (2011a). A identificação de ILEs de uma terceira cultura no *corpus* deste estudo e as particularidades de uso desses ILEs exigiram ajustes metodológicos. Portanto, na segunda etapa desta pesquisa, foram utilizadas as categorias propostas em Aixelá (1996) para preencher a lacuna constatada nos estudos que até então embasavam a presente pesquisa. Verificou-se ainda a possibilidade de agregar análise linguística ao estudo, por conseguinte, adotou-se o modelo de coesão proposto em Halliday e Hasan (1976), sistematizado em Halliday e Matthiessen (2014), para a análise coesiva realizada na terceira etapa da pesquisa.

A revisão dos estudos que fundamentaram a presente pesquisa possibilitou a elaboração dos seguintes pressupostos teóricos, os quais serão retomados na discussão dos resultados das três etapas desta pesquisa:

- 1) O uso de itálicos no *corpus* é em sua maioria para diferenciação de itens lexicais estrangeiros (SALDANHA, 2005; Magalhães e Blauth, 2015).
- 2) A maioria dos ILEs nos textos do *corpus* estão italicizados (SALDANHA, 2005; 2011a).
- 3) Os ILEs nos TTs do *corpus* são em sua maioria na língua do TF (SALDANHA, 2011a; FRANKENBERG-GARCIA, 2005).
- 4) Há uma frequência alta de itens lexicais em *ibo* nos textos do *corpus*, compilado com um texto literário pós-colonial nigeriano escrito em língua inglesa (IGBOANUSI, 2001).
- 5) O uso de ILEs e ICEs nos textos do *corpus*, com características de escrita pós-colonial, é motivado (ASHCROFT ET AL, 1989, 2002; IGBOANUSI, 2001; BAMIRO, 2006).

6) O procedimento de tradução mais utilizado com os ILEs no *corpus* é trazer os ILEs do TF (SALDANHA, 2011a; FRANKENBERG-GARCIA, 2005).

7) Os tradutores fazem escolhas diferentes para lidar com os mesmos problemas de tradução (SALDANHA, 2011a).

8) Os procedimentos tradutórios empregados ao longo da tradução, cujo acúmulo determina a estratégia geral utilizada para a tradução dos ICEs, derivam da necessidade de fazer com que o texto literário traduzido represente o texto fonte na língua alvo e seja concomitantemente valorizado nessa língua (AIXELÁ, 1996; TOURY, 1980).

9) No âmbito linguístico, a tendência dos tradutores é de naturalizar, no sentido de utilizar as normas da língua alvo; no âmbito sociocultural, há uma tendência contrária, no sentido tornar o texto mais exótico (HOLMES, 1988 apud AIXELÁ, 1996).

10) Os TTs são mais redundantes do que o TF devido à mediação inerente ao processo tradutório; uma das formas de manifestação da redundância é uma maior explicitação das relações coesivas (BLUM-KULKA, 1986).

11) Os textos traduzidos para o português são mais coesos do que seu TF em inglês pois há uma preferência de utilização de pronomes em inglês e de repetição lexical em português para rastrear participantes do discurso (BAKER, 1992, 2011).

A partir dos pressupostos acima apresentados foi possível elaborar as seguintes perguntas de pesquisa:

- 1) Qual é a frequência dos usos de itálicos no *corpus* da presente pesquisa?
- 2) Qual a frequência de ILEs no *corpus* da presente pesquisa?
- 3) Os ILEs utilizados no *corpus* da presente pesquisa estão em sua maioria italicizados?
- 4) Os ILEs presentes nos TTs do *corpus* da presente pesquisa são em sua maioria na língua do TF?
- 5) Qual a frequência dos itens lexicais em ibo no *corpus* desta pesquisa?
- 6) Qual é a motivação para o uso de ILEs e ICEs no *corpus* da presente pesquisa?
- 7) Qual é a frequência dos procedimentos de tradução utilizados nos TTs do *corpus* da presente pesquisa?
- 8) Quais foram as instâncias em que os tradutores optaram por diferentes soluções na tradução dos ILEs e ICEs?

9) É possível distinguir a estratégia geral empregada pelos tradutores para a tradução dos ILEs e ICEs?

10) Sob a perspectiva da tradução dos ILEs e ICEs, quais foram as tendências predominantes nos TTs no âmbito linguístico e no âmbito sociocultural?

11) Sob o recorte das mudanças ocorridas com os ILEs e ICEs, qual é a frequência dos marcadores coesivos no TF e nos TTs?

12) Sob o recorte das mudanças ocorridas com os ILEs e ICEs, foram utilizados nos TTs marcadores coesivos diferentes daqueles utilizados no TF?

13) Sob o recorte das mudanças ocorridas com os ILEs e ICEs, há maior explicitação das relações coesivas nos TTs?

14) Sob o recorte das mudanças ocorridas com os ILEs e ICEs, os TTs são mais redundantes do que o TF?

15) Sob o recorte das mudanças ocorridas com os ILEs e ICEs, os TTs são mais coesos do que o TF?

Os objetivos específicos desta dissertação, apresentados a seguir, foram elaborados a partir das perguntas de pesquisa, visando identificar as mudanças de significado nos textos e no nível da metafunção textual, decorrentes de prováveis escolhas diferentes dos tradutores para a tradução dos ILEs e ICEs:

- 1) Verificar o uso de itálicos nos textos do *corpus* desta pesquisa.
- 2) Descrever os padrões de uso de ILEs e ICEs nos TTs em relação aos padrões de uso desses itens no TF.
- 3) Explicar o uso motivado de ILEs e ICEs nos textos do *corpus* desta pesquisa.
- 4) Identificar a estratégia geral utilizada pelos tradutores para a tradução dos ILEs.
- 5) Identificar as mudanças em relação ao uso de marcadores coesivos nos textos do *corpus*, sob o recorte de ILEs e ICEs.

A partir da fundamentação teórica, dos pressupostos elaborados e da exploração do *corpus* na primeira etapa da pesquisa, foram levantadas as seguintes hipóteses para investigação:

- 1) A tradutora Costa e Silva faz uso da estratégia de explicitação.
- 2) A tradução para o português europeu apresenta maior interferência do TF.

3) Os TTs são mais coesos e mais redundantes do que o TF.

O objetivo geral, pressupostos, perguntas de pesquisa, objetivos específicos e hipóteses são ilustrados no Quadro 1, a seguir.

Quadro 1: Objetivos, pressupostos, perguntas de pesquisa e hipóteses

Objetivo geral		
Investigar o estilo da tradução em um <i>corpus</i> paralelo compilado com o texto fonte e duas traduções em língua portuguesa do romance <i>Things Fall Apart</i> , de Chinua Achebe, sob a perspectiva do uso de itens lexicais estrangeiros e itens culturais específicos em língua estrangeira para verificar a existência de padrões de uso diferenciados desses itens nos textos traduzidos e as prováveis consequências no significado desses textos.		
Pressupostos	Perguntas	Objetivos específicos
O uso de itálicos no <i>corpus</i> é em sua maioria para diferenciação de itens lexicais estrangeiros.	Qual é a frequência dos usos de itálicos no <i>corpus</i> da presente pesquisa?	Verificar o uso de itálicos nos textos do <i>corpus</i> desta pesquisa.
A maioria dos ILEs nos textos do <i>corpus</i> está italicizada.	Qual a frequência de ILEs no <i>corpus</i> da presente pesquisa? Os ILEs utilizados no <i>corpus</i> da presente pesquisa estão em sua maioria italicizados?	Descrever os padrões de uso de ILEs e ICEs nos TTs em relação aos padrões de uso desses itens no TF.
Os ILEs nos TTs do <i>corpus</i> são em sua maioria na língua do TF.	Os ILEs presentes nos TTs do <i>corpus</i> da presente pesquisa são em sua maioria na língua do TF?	
Há uma frequência alta de itens lexicais em ibo nos textos do <i>corpus</i> , compilado com um texto literário pós-colonial nigeriano escrito em língua inglesa.	Qual a frequência dos itens lexicais em ibo no <i>corpus</i> desta pesquisa?	
O uso de ILEs e ICEs nos textos do <i>corpus</i> , com características de escrita pós-colonial, é motivado.	Qual é a motivação para o uso de ILEs e ICEs no <i>corpus</i> da presente pesquisa?	Explicar o uso motivado de ILEs e ICEs nos textos do <i>corpus</i> desta pesquisa.
O procedimento de tradução mais utilizado com os ILEs no <i>corpus</i> é trazer os ILEs do TF.	Qual é a frequência dos procedimentos de tradução utilizados nos TTs do <i>corpus</i> da presente pesquisa?	Identificar a estratégia geral utilizada pelos tradutores para a tradução dos ILEs.
Os tradutores fazem escolhas diferentes para lidar com os mesmos problemas de tradução.	Quais foram as instâncias em que os tradutores optaram por diferentes soluções na tradução dos ILEs e ICEs?	
Os procedimentos tradutórios empregados ao longo da	Quais foram os procedimentos empregados	

<p>tradução, cujo acúmulo determina a estratégia geral utilizada para a tradução dos ICEs, derivam da necessidade de fazer com que o texto literário traduzido represente o texto fonte na língua alvo e seja concomitantemente valorizado nessa língua.</p>	<p>pelos tradutores para a tradução dos ILEs e ICEs?</p>	
<p>No âmbito linguístico, a tendência dos tradutores é de naturalizar, no sentido de utilizar as normas da língua alvo; no âmbito sociocultural, há uma tendência contrária, no sentido tornar o texto mais exótico.</p>	<p>Sob a perspectiva da tradução dos ILEs e ICEs, quais foram as tendências predominantes nos TTs no âmbito linguístico e no âmbito sociocultural?</p>	
<p>Os TTs são mais redundantes do que o TF devido à mediação inerente ao processo tradutório; uma das formas de manifestação da redundância é uma maior explicitação das relações coesivas.</p>	<p>Sob o recorte das mudanças ocorridas com os ILEs e ICEs, qual é a frequência dos marcadores coesivos no TF e nos TTs?</p>	<p>Identificar as mudanças em relação ao uso de marcadores coesivos nos textos do <i>corpus</i>, sob o recorte de ILEs e ICEs.</p>
	<p>Sob o recorte das mudanças ocorridas com os ILEs e ICEs, foram utilizados nos TTs marcadores coesivos diferentes daqueles utilizados no TF?</p>	
	<p>Sob o recorte das mudanças ocorridas com os ILEs e ICEs, há maior explicitação das relações coesivas nos TTs?</p>	
	<p>Sob o recorte das mudanças ocorridas com os ILEs e ICEs, os TTs são mais redundantes do que o TF?</p>	
<p>Os textos traduzidos para o português são mais coesos do que seu TF em inglês, pois há uma preferência de utilização de pronomes em inglês e de repetição lexical em português para rastrear participantes do discurso.</p>	<p>Sob o recorte das mudanças ocorridas com os ILEs e ICEs, os TTs são mais coesos do que o TF?</p>	
Hipóteses		
A tradutora Costa e Silva faz uso da estratégia de explicitação.		
A tradução para o português europeu apresenta maior interferência do TF.		
Os TTs são mais coesos e mais redundantes do que o TF.		

Fonte: A autora

Esta dissertação é composta por esta Introdução e quatro capítulos. O primeiro capítulo apresenta uma revisão teórica dos estudos que embasaram esta pesquisa. O segundo capítulo apresenta o *corpus* de pesquisa e descreve os procedimentos metodológicos adotados em todas as etapas desenvolvidas. O terceiro capítulo apresenta e discute os resultados alcançados, retomando os pressupostos e perguntas de pesquisa. No quarto capítulo são tecidas considerações sobre as contribuições da pesquisa desenvolvida, suas limitações, e lacunas que podem ser exploradas em pesquisas futuras. Ao final, listam-se as referências bibliográficas.

A próxima seção apresenta a fundamentação teórica.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta seção se subdivide em quatro. A primeira apresenta uma revisão de estudos que desenvolveram metodologias com base em *corpus* para estudar estilo em tradução literária. A segunda apresenta uma revisão de pesquisas, também com base em *corpus*, que investigaram o uso de palavras estrangeiras em textos literários traduzidos e não traduzidos. A terceira introduz um modelo de coesão segundo a linguística sistêmico-funcional, e revisa trabalhos que empregaram tal modelo para realizar análise coesiva em TTs. A quarta aborda literatura pós-colonial, especificamente as literaturas africana, nigeriana e de Achebe, além de apresentar estratégias linguísticas dos textos pós-coloniais.

1.1 Estilo nos Estudos da Tradução

Baker (2000) delineou uma metodologia para o estudo do estilo da tradução literária e propôs um conceito de “estilo como um tipo de impressão digital expressa em características linguísticas como também não linguísticas” (BAKER, 2000, p. 245)³. Baker (2000) é fundamental porque, àquela época, não havia modelo, metodologia ou dados disponíveis para o tipo de análise pretendida. O estudo, orientado para o TT, pretendeu encontrar “padrões preferenciais ou recorrentes de comportamento linguístico” (BAKER, 2000, p. 245)⁴ que pudessem indicar o estilo individual de um tradutor literário. Distinguiu entre escolhas linguísticas conscientes e inconscientes que são foco da estilística literária e da estilística forense respectivamente, concentrando-se na última. Determinou que, para ser considerado estilo distinto de um tradutor, as escolhas preferenciais do tradutor não podem ser devidas ao estilo do autor do texto fonte nem imposições da língua-fonte ou do socioleto.

A análise estilística dos TTs e do tradutor proposta em Baker (2000) foi possível através da construção de um *corpus* – The Translational English *Corpus* (TEC) –

³ Todas as traduções apresentadas nesta dissertação são de responsabilidade da autora.

No original: “[...] style as a kind of thumb-print that is expressed in a range of linguistic - as well as non-linguistic - features.”

⁴ No original: “[...] preferred or recurring patterns of linguistic behavior [...]”

especialmente para este fim, uma vez que os corpora existentes não incluíam número suficiente de textos traduzidos. O *subcorpus* usado na pesquisa consistiu de traduções para o inglês de Peter Bush e Peter Clark. O primeiro tradutor trabalhou com textos em português brasileiro, espanhol europeu e espanhol sul americano, sendo que três dos cinco TFs eram ficção enquanto os outros dois eram autobiografia. Todos os três TFs traduzidos pelo segundo tradutor eram ficção e em árabe. O *subcorpus* de pesquisa não incluiu os TFs, mas incluiu um *subcorpus* de TnTs do *British National Corpus* (BNC) para comparação.

A metodologia empregada envolveu processar os textos em formato eletrônico através de programas de análise lexical. Baker (2000) investigou a razão forma/item, o tamanho das sentenças e o uso do verbo *say* em orações que apresentavam fala e pensamento. Empregou o programa *Wordsmith Tools* para coletar os dados quantitativos e para captar os padrões de uso do verbo *say* lematizado. Constatou que os dois tradutores fizeram escolhas diferentes de forma recorrente, por exemplo, Clark fez uso frequente do tempo passado, de modificadores com o verbo *say* e de discurso direto. Os TFs foram consultados para verificar se esses padrões ocorreram nesses textos e, quando os padrões não ocorreram, explicaram-se as consequências dessas mudanças estilísticas para o TT. Também utilizou corpora comparável, o BNC para TnTs em inglês e o TEC para TTs para o inglês, para contrastar com os dados do *corpus* de estudo em relação ao uso ou omissão do item opcional *that* com o verbo *say*.

Ao identificar e descrever os padrões recorrentes no TT, apesar de não contrastar sistematicamente o TT com o TF, Baker (2000) apresentou alguma similaridade com o que Malmkjaer (2003, 2004) iria estabelecer como a primeira etapa da Estilística Tradutória. Baker (2000) conjecturou as motivações para tais mudanças, procurando informações externas aos textos, no contexto em que os tradutores se encontram, nas diferenças entre as culturas e no distanciamento entre a cultura fonte e o leitor alvo, e até mesmo na natureza dos TFs. Essa tentativa de encontrar evidências para a motivação das escolhas que levaram a estilos diferenciados constitui a segunda etapa da Estilística Tradutória, conforme descrito mais a frente.

Constatando variáveis que interferem com os resultados desse tipo de estudo, Baker (2000) sugeriu trabalhar com traduções diferentes, em uma mesma língua alvo, de um mesmo TF, e conseqüentemente uma mesma língua fonte, numa tentativa de atenuá-las. Independentemente dessas questões metodológicas, Baker (2000) foi precursor em relacionar fatores linguísticos e extralinguísticos na busca de um estilo do tradutor. Sugeriu que, se é de fato possível identificar um estilo que é particular de um tradutor, então é possível reivindicar que a tradução é uma atividade criativa e não meramente reprodutiva.

Diferente de Baker (2000), Malmkjaer (2003, 2004) perceberam a relação entre textos fonte e meta como primordial para a análise do TT, uma vez que a liberdade criativa do tradutor se encontra limitada pelo que foi dito pelo autor. Essa constatação implica que enquanto o TF é aberto a influências de intertextualidade, o TT é uma mediação do TF e que, para realizar uma análise do TT voltada para a motivação do escritor, é necessária uma metodologia mais específica que a da estilística tradicional. Propuseram, para tanto, a estilística tradutória.

Malmkjaer (2003) distinguiu entre estudo de estilo, estilística e estilística tradutória. O primeiro se ocupa das “regularidades de ocorrências, consistentes e estatisticamente significantes, no texto, de certos itens e estruturas ou tipos de estruturas entre outros oferecidos pela língua como um todo” (MALMKJAER e CARTER 2002, apud MALMKJAER 2003, p. 38)⁵. A estilística difere, segundo Malmkjaer (2003), do estudo de estilo pela preocupação semântica, e se encarrega de explicar a maneira – como - e o motivo pelo qual – por que - o autor construiu o texto de determinada forma, tendo fatores extralinguísticos como limitadores de sua liberdade. A diferença entre a estilística e a estilística tradutória é que a primeira se aplica a qualquer tipo de texto, a segunda apenas a TTs, sendo a limitação imposta pelo TF o seu traço mais distinto.

Malmkjaer (2003) realizou uma análise estilística de textos literários utilizando 60 traduções de William Dulcken de estórias de Hans Christian Andersen. Seu *corpus* é constituído por TFs em dinamarquês e TTs em inglês. Seguindo a primeira etapa da metodologia, a pesquisa mostrou que o tradutor fez escolhas conscientes recorrentes e explicou como essas escolhas acarretaram mudanças de significado no TT. Dulcken evitou usar terminologias religiosas que se referem diretamente à deidade e cria um distanciamento dos mundos humano e divino nos planos físico, linguístico e metafórico que não existia nos TFs. Malmkjaer (2003) sugeriu que o tradutor manipulou o inglês para dar a impressão de fidelidade ao TF, quando, na verdade, alterou a natureza dos eventos para servir a sua visão de relacionamento apropriado entre o profano e o divino. Na segunda etapa da metodologia, o estudo não foi conclusivo sobre o porquê dessas escolhas, mas à luz de informações metatextuais, sugeriu que o motivo podia estar relacionado às histórias pessoais do autor e do tradutor, e aos aspectos socioculturais das sociedades fonte e alvo.

Malmkjaer (2004) sistematizou os conceitos trabalhados em Malmkjaer (2003), enfatizando o escopo da estilística tradutória voltada para a motivação do escritor, no caso, o

⁵ No original: “[...] a consistent and statistically significant regularity of occurrence in text of certain items and structures, or types of items and structures, among those offered by the language as a whole.”

tradutor, que consiste em explicar “por que, *dado o texto fonte*, a tradução foi construída de tal forma a vir significar o que significa” (MALMKJAER, 2003, p. 39, grifo da autora)⁶. Para tanto, abordou a questão da escolha e da mediação. Além das diferenças entre os sistemas linguísticos e da não correspondência dos detalhes contextuais das culturas em contato, as quais impõem restrições e demandam escolhas por parte do tradutor, Malmkjaer (2004) apontou características das traduções enquanto textos mediados que devem ser levadas em conta na análise da estilística tradutória:

- . um texto mediado é afetado pela interpretação do texto original feita pelo mediador;
- . a mediação através de tradução sempre tem um propósito;
- . o propósito estabelecido para a tradução pode ser diferente daquele do texto original;
- . a audiência da tradução é quase sempre diferente da audiência do texto original. (MALMKJAER 2004, p.16)⁷

Em um exercício de estilística tradutória, Malmkjaer (2004) comparou as linhas de abertura da tradução de Dulcken com o texto fonte *Den lille Pige med Svovlstikkerne* de Hans Christian Andersen. O estudo mostrou que a abertura do TF é uma descrição para evocar *pathos* e que as escolhas do tradutor distanciaram o leitor da personagem, com a qual o leitor do TF vinha criando empatia. Dentre os padrões detectados para tanto estão evitar redundância semântica e não utilizar intensificadores, o que resulta também em linguagem mais econômica por parte do tradutor. Malmkjaer (2004) sugeriu que o tradutor manipulou a relação entre o leitor e a personagem, adequando a criança da estória para que se encaixasse no lugar no universo ordenado que seus leitores projetados considerariam apropriado para ela. O estudo demonstrou que tanto esse lugar quanto esse universo não eram os mesmos ocupados pela personagem de Andersen. Levando em conta as características do texto mediado descritas no parágrafo anterior, Malmkjaer (2004) fez conjeturas sobre as motivações do tradutor, mas não conseguiu explicar o porquê de suas escolhas. Enfatizou, porém, que

⁶ No original: [...] “explain why, *given the source text*, the translation has been shaped in such a way that it comes to mean what it does”

⁷ No original:

- a mediated text is affected by the mediator’s interpretation of the original;
- mediation through translation always has a purpose;
- the purpose the translation is intended to serve may differ from the purpose the original text was intended to serve;
- the audience for the translation is almost always different from the audience for the original text.”

questões sobre a motivação do escritor só aparecem em TTs se eles forem vistos no contexto do TF.

Munday (2008) fez seis estudos de caso de tradutores ou de contextos de tradução vinculados à América Latina. Trabalhou, portanto, com corpora paralelos de TFs em espanhol e TTs em inglês, mas utilizou também corpora de referência para verificar se as estratégias adotadas pelos tradutores quanto a padrões identificados nos TTs conformaram-se ou não aos padrões prototípicos da língua alvo. Dentre os tradutores investigados estão Gregory Rabassa e Harriet de Onís, mas também investigou um autor – Gabriel Garcia Marques – traduzido por vários tradutores, através do qual testou a hipótese da fragmentação da voz autoral.

Os estudos em Munday (2008) tratam de questões como ideologia e consequências ideológicas de escolhas estilísticas, e tradução e identidade. Segundo o trabalho, “os resultados e discussões dos diferentes estudos de caso irão contribuir para o desenvolvimento do conceito de estilo em tradução, suas características, funções e os fatores que nele causam impacto” (MUNDAY, 2008, p. 9)⁸.

Munday (2008), como Malmkjaer (2003, 2004), utilizou a metodologia da estilística tradutória e abordou a questão da mediação. Adaptando o esquema narrativo de Schiavi (1996), Munday (2008) propôs um esquema no qual o tradutor real é identificado como o leitor real do TF. Segundo a pesquisa, a mensagem recebida pelo leitor da tradução é dividida, vindo em parte do autor, mediado pelo tradutor, e em parte do tradutor, num código que carrega a impressão do tradutor.

Ainda alinhado com Malmkjaer (2003, 2004), Munday (2008) considerou que é pelo contraste com o TF que o estilo do tradutor se revela. Malmkjaer (2003, 2004), entretanto, enfocou as escolhas motivadas ou conscientes do tradutor. Seguindo Baker (2000), Munday (2008) incluiu as escolhas subconscientes do tradutor na análise estilística. O estudo adotou a abordagem da análise do discurso para a investigação da ideologia, a narratologia para o estudo do ponto de vista, além da voz, segundo Hermans (1996), na busca de evidências para a motivação das escolhas que levam ao estilo diferenciado do tradutor.

Saldanha (2011b) teve por objetivo propor e testar uma definição operacional de estilo do tradutor, a fim de preencher uma lacuna teórica e metodológica na área. Saldanha (2011b) afirmou que a noção de estilo baseada em traços linguísticos e associada ao TT não permite

⁸ No original: “The results and comparisons of the different case studies will assist in developing the concept of style in translation, its characteristics, function, and the factors which impact upon it.”

ao leitor distinguir a responsabilidade pelas escolhas linguísticas deliberadas realizadas no texto. O estudo partiu da definição de estilo de Leech (2008) para propor o estilo da tradução como atributo textual. Já a definição de estilo do tradutor, a seguir, partiu da definição de escrita autoral de Short (1996), que foi adaptada para incorporar especificidades distintas do estilo do tradutor e incluiu cinco parâmetros. Saldanha (2011b) propôs o estilo do tradutor como atributo pessoal.

Um “modo de traduzir” que:

- . considera-se que pode ser reconhecido em uma série de traduções de um mesmo tradutor,
- . distingue o trabalho de um tradutor do trabalho de outros tradutores;
- constitui um padrão coerente de escolhas,
- . é “motivado” no sentido de que tem uma ou mais funções discerníveis, e
- . não pode ser explicado puramente com referência ao estilo do autor ou do texto fonte ou como resultado de restrições linguísticas. (SALDANHA 2011b, p. 31)⁹

Para testar a definição acima, Saldanha (2011) realizou um estudo de *corpus* dos estilos dos tradutores Peter Bush (PB) e Margaret Jull Costa (MJC), enfocando o uso de itálicos para enfatizar e de palavras estrangeiras, assim como o uso do conectivo *that* depois dos verbos SAY e TELL. Trabalhou com dois corpora – os mesmos utilizados em Saldanha (2005 e 2011a) –, um com cinco traduções de MJC e outro com cinco de PB, todas para o inglês e com seus respectivos TFs em português ou espanhol, além de um *corpus* de controle para estabelecer a proeminência das escolhas dos tradutores em relação a um *corpus* maior de tradução.

A metodologia empregada em Saldanha (2011b) procurou unir o estilo da tradução e o estilo do tradutor. Consistiu na análise quantitativa de traços linguísticos proeminentes encontrados nos *corpora* e análise qualitativa das funções semânticas desempenhadas por esses traços. A abordagem adotada não partiu de uma hipótese concreta sobre os padrões a serem encontrados no trabalho de cada tradutor, mas foi guiada pelo *corpus*. A análise linguística revelou padrões de escolha motivados, cujos resultados foram triangulados com dados metatextuais e de entrevistas com os tradutores.

⁹ No original: “A ‘way of translating’ which

- is felt to be recognizable across a range of translations by the same translator,
- distinguishes the translator’s work from that of others,
- constitutes a coherent pattern of choice,
- is ‘motivated’, in the sense that it has a discernible function or functions, and
- cannot be explained purely with reference to the author or source-text style, or as the result of linguistic constraints.”

Quanto ao uso de itálicos, Saldanha (2011b) constatou uma falta de correspondência entre o uso de itálico nos TFs e TTs e a emergência de dois padrões: o uso de itálico para enfatizar PEs foi o mais omitido e adicionado no *corpus* de Peter Bush e o segundo mais omitido no *corpus* de Margaret Jull Costa. O itálico para ênfase foi o mais adicionado no *corpus* de MJC e muito raro no *corpus* de PB. No entanto, em ambos os *corpora*, a maioria das PEs marcadas por itálicos era da língua do TF.

Saldanha (2005) havia encontrado número pequeno de ocorrência de ILEs em seus *corpora*, 22 em MJC e 90 em PB, num total de 358.521 itens. O estudo encontrou padrões consistentes apenas para itens nas línguas-fontes. Os resultados mostram que empréstimos das culturas fonte foram muito mais frequentes nas traduções de PB do que de MJC, que adotou uma estratégia de domesticação. Saldanha (2011b) mostrou que os tradutores empregaram estratégias diferentes para lidar com os mesmos problemas. Por exemplo, MJC usou itálico em nomes de moedas, enquanto PB não. MJC teve tendência a esclarecer o significado ou a função de PEs por meio de explicitação, enquanto PB preferiu deixar essas palavras sem explicação. Segundo a pesquisa, a explicitação torna o texto mais coeso e coerente enquanto o uso de PEs sem explicação torna a leitura mais difícil, deixando que os leitores lidem com as diferenças culturais.

Saldanha (2011b) considerou os padrões de escolhas acima mencionados consistentes e distintos entre os dois tradutores, mas concluiu que “nenhuma das marcas estilísticas descritas [...] é suficientemente pervasiva ou saliente para ser considerada uma característica estilística proeminente dos textos individuais” (SALDANHA 2011b, p. 45-46)¹⁰. Reconheceu que os resultados da pesquisa foram superficiais e que a interação entre os traços estilísticos proeminentes de um tradutor e o estilo autoral, assim como sua influência no estilo do TT, só seriam perceptíveis a partir de investigações extensas que identificassem uma maior gama desses traços.

A subseção seguinte apresenta uma revisão de estudos que investigam o uso de itens lexicais estrangeiros (ILEs) e itens culturais específicos (ICEs) em *corpora*, no par de idiomas inglês/português.

¹⁰ No original: “[...] none of the stylistic markers described [...] is pervasive or salient enough to be considered a prominent stylistic feature of the individual texts themselves.”

1.2 ILEs e ICEs em tradução

Entre os estudos sobre ILEs em tradução utilizando metodologia da LC no par de idiomas inglês-português estão Frankenberg-Garcia (2005), afiliado aos ETBC, que investigou o uso de PEs em textos traduzidos e não traduzidos do COMPARA, bem como Saldanha (2011a), afiliado aos estudos de estilo, que investigou o uso de PEs em traduções de Margaret Jull Costa e Peter Bush para o inglês. O uso de ICEs também foi analisado em Magalhães e Blauth (2015), como traço de estilo da tradução e do tradutor, num *corpus* de traduções e retraduições para o português de *Heart of Darkness*. Da perspectiva teórica dos estudos descritivos da tradução, Aixelá (1996), redefiniu item cultural específico e propôs categorias de classificação para os procedimentos de tratamento dos ICEs, fazendo um estudo de caso de traduções de *The Maltese Falcon*. Tais estudos são apresentados a seguir.

Frankenberg-Garcia (2005) utilizou dois *subcorpora* paralelos do COMPARA para montar um *corpus* de estudo comparável bilíngue, selecionando textos publicados nos últimos 30 anos, uma vez que a utilização de empréstimos tende a variar diacronicamente. Foram analisados TFs em português e suas traduções para o inglês, assim como TFs em inglês e suas traduções para o português. A pesquisa teve como objetivo comparar o uso de empréstimos em textos de ficção traduzidos e não traduzidos, no par de idiomas inglês português, enfocando a frequência de uso e a distribuição dos empréstimos por língua. Frankenberg-Garcia (2005) enfatizou que o uso de empréstimos não é característica apenas de textos traduzidos e apontou a necessidade de se analisar o uso de PEs em TnTs. Também chamou atenção para o fato de o uso de empréstimos ser associado à dificuldade de se traduzir conceitos culturalmente específicos e às questões de prestígio da cultura e língua fontes.

Para encontrar os empréstimos nos textos, em Frankenberg-Garcia (2005) optou-se por utilizar o recurso busca complexa do COMPARA. Esta ferramenta encontra automaticamente palavras em línguas diferentes daquela do texto que foram marcadas tipograficamente – principalmente em itálicos - segundo os parâmetros do autor ou tradutor ou editor. Portanto, em Frankenberg-Garcia (2005) e no COMPARA, a decisão do que é considerado ILE foi pré-determinada, não ficando a critério do leitor ou do usuário do *corpus*. No estudo apresentado em Frankenberg-Garcia (2005), títulos de livros e filmes, e nomes de pessoas, lugares, produtos e organizações em outra língua não foram considerados empréstimos e foram filtrados manualmente. No entanto, foram contabilizados como empréstimos cada citação em outras línguas, assim como as repetições. A separação das palavras por língua foi baseada na

origem da palavra, e as expressões contendo mais de uma PE foram consideradas um único empréstimo.

Os dados levantados em cada um dos quatro grupos de textos foram comparados. Os resultados em Frankenberg-Garcia (2005) mostraram que nos TnTs, os textos em inglês possuíam (11 vezes) mais empréstimos que os em português; nos TTs, os textos em português possuíam (6 vezes) mais empréstimos que os em inglês; os TTs em português possuíam (16 vezes) mais empréstimos que os TnTs em português; os TnTs em inglês possuíam (4 vezes) mais empréstimos que os TTs em inglês. Não obstante, quando comparados com seus respectivos TFs, as traduções, tanto em inglês quanto em português, apresentaram três vezes mais empréstimos que os originais. Frankenberg-Garcia (2005) utilizou as terminologias empréstimos em comum/ preservados, empréstimos adicionados e empréstimos removidos quando comparando os empréstimos nas traduções com aqueles nos respectivos TFs. A tendência maior, constatada em ambas as línguas, foi preservar os empréstimos nos TFs; em segundo lugar, a tendência foi acrescentar alguns empréstimos; a menor tendência foi removê-los. O estudo sugeriu que o uso de empréstimos em TTs e TnTs em inglês e português é bastante diferente.

A pesquisa relatada em Saldanha (2011a) trabalhou com dois corpora, um de traduções de Peter Bush e outro de Margaret Jull Costa, todas para o inglês e publicadas nos últimos 25 anos. Cada *corpus* incluiu também os cinco TFs, de autores distintos, cujas línguas são o espanhol e o português. Saldanha (2011a) utilizou o COMPARA como *corpus* de referência para os ILEs italicizados.

O estudo acima mencionado partiu de uma pesquisa anterior - Saldanha (2005) - sobre marcadores tipográficos, realizada com os mesmos *corpora*, que investigou o uso de itálicos utilizando as funções comunicativas de uso de itálicos propostas em manuais de estilo - distinção, diferenciação e ênfase. Além de classificar os itálicos por essas funções, estabeleceu categorias de análise para verificar se os itálicos foram trazidos do TF, omitidos, adicionados ou substituídos. Saldanha (2005) constatou que uma das funções básicas da tipologia dos itálicos era a *diferenciação* para marcar PEs e que havia uma tendência a omitir e a acrescentar itálicos e aspas utilizados para marcação de PEs nas traduções, apesar de todos os manuais de estilo consultados serem unânimes em recomendar o uso de itálicos para marcação de palavras estrangeiras. Saldanha (2005) teve como objetivo identificar traços estilísticos que pudessem ser atribuídos a cada um dos tradutores investigados.

Assim como Frankenberg-Garcia (2005), Saldanha (2011a) inicialmente buscou os ILEs marcados por itálicos e aspas. Em uma segunda etapa, utilizou as listas de palavras geradas pelo programa *WST* para procurar manualmente outros ILEs. Não incluiu nomes próprios, títulos e citações em línguas estrangeiras. Para verificar se determinado ILE já havia sido assimilado em inglês, usou como critério a inclusão no *Collins English Dictionary*. Ocorrências com mais de uma PE representando uma única ideia ou conceito foram consideradas uma única unidade; portanto, adotou a terminologia item lexical estrangeiro ao invés de palavra estrangeira.

Saldanha (2011a) adotou as categorias trazidos do TF, omitidos, adicionados ou substituídos, utilizadas em Saldanha (2005) com os itálicos, para a classificação dos ILEs. O estudo constatou que a maioria dos ILEs italicizados nos TTs pertencia à língua-fonte dos TFs. Segundo a pesquisa, havia uma maior ocorrência de ILEs no *corpus* de Peter Bush do que de Margaret Jull Costa, incluindo um maior número de ILEs não repetidos no *corpus* de PB; e que, mesmo ao utilizarem os mesmos empréstimos, os dois tradutores o fizeram de maneira distinta e em momentos diferentes.

Saldanha (2011a) concluiu que PB utilizou mais empréstimos para lidar com os ICEs do que MJC; e que, diferente de PB, MJC evitou utilizar ILEs com os quais seus leitores não estivessem familiarizados e, se o fez, procurou facilitar o entendimento através de informação contextual. Saldanha (2011a) atribuiu os padrões de uso dos ILEs a escolhas estilísticas pessoais dos tradutores (p. 237) e sugeriu, a partir da análise de dados metatextuais, que essas escolhas se deveram principalmente ao papel que cada tradutor se atribuía enquanto mediador intercultural, em relação a seus leitores.

Magalhães e Blauth (2015) investigou o uso de itálicos e abordou PEs e ICEs sob a perspectiva da marcação tipográfica em quatro retraduições¹¹ para o português brasileiro, uma tradução e uma retradução para o português europeu de *Heart of Darkness*, de Joseph Conrad (1902, 1994), além de testar a hipótese da retradução¹². Fundamentado em estudos de estilo da tradução e do tradutor, a pesquisa utilizou a metodologia desenvolvida em Saldanha (2011b). O estudo adotou, com Saldanha (2011a), o termo palavra estrangeira, apesar de

¹¹ Magalhães e Blauth (2015) adotou a definição de Koskinen e Paloposki (2010), segundo a qual retradução significa cada uma das diversas traduções de um TF para uma mesma língua alvo.

¹² A hipótese da retradução investigada em Magalhães e Blauth (2015) foi a operacionalizada em Chesterman (2000), e considera que as primeiras traduções são mais padronizadas/domesticadoras, mas abrem caminho para as posteriores, as quais são mais influenciadas pelo TF/estrangeirizadoras, e, por isso, consideradas superiores às primeiras.

entender que a unidade de busca poderia compreender mais de um item lexical. Utilizou também as categorias trazidos do TF, omitidos, adicionados ou substituídos para classificar os procedimentos de tratamento de itálicos usados pelos tradutores.

Magalhães e Blauth (2015) constatou um menor número de itálicos de ênfase nos TTs, com a não substituição desse recurso tipográfico por outro, em casos de omissão. Constatou, ainda, que em todos os TTs, os itálicos com função de diferenciação eram a maioria; marcavam PEs e ICEs, tanto na língua-fonte como em outras línguas; foram os mais acrescentados; e que os tradutores brasileiros apresentaram uma menor tendência a italicizar ICEs que os portugueses, e essa estratégia poderia ser indicativa do prestígio da língua fonte entre os brasileiros.

Os dados obtidos em Magalhães e Blauth (2015) não confirmaram a hipótese da retradução; destacaram a tradução de Aníbal Fernandes e a retradução de Hamilton Trevisan quanto ao número geral de itálicos; e diferenciaram a tradução de Regina Régis Junqueira pelo menor número de itálicos para marcar PEs e pelo menor uso de PEs, aproximando-a da estratégia utilizada no texto fonte.

Magalhães e Blauth (2015) não chegou a explicar as escolhas dos tradutores quanto aos traços proeminentes observados na pesquisa, mas apontou duas opções para fazê-lo. Uma através do estilo da tradução, que leva em conta a mediação do texto pelo tradutor, o propósito e o público alvo da tradução, além de dados metatextuais para analisar a motivação de tais escolhas, como faz Malmkjaer (2004) e Munday (2008). A outra opção, seguindo Saldanha (2011^a; 2011b; 2011c), seria através do estilo do tradutor; a atribuição de determinado traço estilístico a um tradutor depende da consistência com que ele utiliza o recurso em questão e pode ser constatada através da análise de um *corpus* de TTs por aquele tradutor, preferencialmente de autores diferentes. Magalhães e Blauth (2015) validou a metodologia de *corpus* para o estudo do estilo em tradução.

Ainda sobre ICEs em tradução, embora com abordagem diferente dos estudos mencionados acima, destaca-se Aixelá (1996), cuja definição de item cultural específico e categorias de classificação foram empregadas na presente pesquisa. Aixelá (1996) fez uma análise de três traduções de *The Maltese Falcon* para o espanhol, separadas por períodos de cerca de 30 anos, com o objetivo de demonstrar que manipulações culturais ocorrem nas traduções. O estudo considerou a tradução como um processo de reescrita no qual duas ou mais culturas estão em contato, o que inevitavelmente envolve um equilíbrio de forças.

Aixelá (1996) explicou que os ICEs representam conceitos externos ao texto, os quais são expressos na estrutura textual através de opiniões, hábitos, sistemas de medida e classificação, e objetos particulares à cultura fonte. Aixelá (1996) assim definiu os ICEs:

Aqueles itens textualmente efetivados cuja função e conotações em um texto fonte envolvem um problema de tradução em sua transferência para um texto traduzido, sempre que este problema seja produto da não existência do item referido ou de seu status intertextual diferente no sistema cultural dos leitores do texto traduzido. (AIXELÁ 1986, p.58)¹³

Desta definição depreende-se que é na lacuna existente na cultura alvo que um item se define como específico de outra cultura; envolve a percepção, pela cultura alvo ou pelo tradutor, da função do ICE no texto e o valor a ele atribuído; e implica que essa percepção e valorização podem evoluir com o tempo.

A definição de ICE proposta em Aixelá (1996) tem por base a noção de que toda tradução literária é, ao mesmo tempo, uma obra literária de valor na língua alvo e uma representação, na língua alvo, de um texto fonte (TOURY, 1980 apud AIXELÁ 1986, p. 52-53), o que resulta em uma “dupla tensão” (TOURY, 1980 apud AIXELÁ, 1996) no TT. Essa tensão faz com que o tradutor adote procedimentos tradutórios que oscilam entre os polos fonte e alvo. É a recorrência da utilização desses procedimentos no decorrer do texto que determina a estratégia geral adotada pelo tradutor. Sobre a dupla tensão sofrida pelo TT, Holmes (1988) constatou que

Entre tradutores contemporâneos [...], parece haver uma tendência marcada à modernização e naturalização do contexto linguístico, alinhada a uma tendência similar, porém menos clara, em relação ao intertexto literário, mas uma tendência oposta no sentido de tornar exótico e historicizar na situação sociocultural. (HOLMES, 1988 apud AIXELÁ, 1996, p. 56)¹⁴

¹³ No original: “Those textually actualized items whose function and connotations in a source text involves a translation problem in its transference to a target text, whenever this problem is a product of the nonexistence of the referred item or of its different intertextual status in the cultural system of the readers of the target text.”

¹⁴ No original: “Among contemporary translators [...], there would seem to be a marked tendency towards modernization and naturalization of linguistic context, paired with a similar but less clear tendency in the same direction in regard to the literary intertext, but an opposing tendency towards exoticizing and historicizing in the socio-cultural situation.”

Assim sendo, Aixelá (1996, p. 56) concluiu que existe uma tendência de as traduções serem lidas como *um* original do ponto de vista estilístico como *o* original¹⁵ da perspectiva sociocultural. A naturalização nos níveis linguísticos – os quais constituem os pilares da estrutura do texto - ocorre, segundo Aixelá (1996), para permitir ao leitor alvo captar os aspectos informativo, estético, emotivo, entre outros, que o TT objetiva transmitir.

Aixelá (1996) identificou onze procedimentos principais aplicados à tradução de ICEs: repetição, adaptação ortográfica, tradução linguística, glosa extratextual, glosa intratextual, sinonímia, universalização limitada, universalização absoluta, naturalização, eliminação e criação autônoma. Aixelá (1996) agrupou esses procedimentos, que serão retomados na subseção Procedimentos de classificação dos ILEs com base nas categorias específicas, adaptadas de Aixelá (1996), em duas grandes categorias: conservação e substituição; ordenando-os de acordo com o grau de manipulação intercultural que encerram. Segundo Aixelá (1996), os procedimentos de conservação implicam a aceitação da diferença contida no Outro¹⁶, enquanto os de substituição implicam transformar o Outro em algo reconhecível e/ou aceitável na cultura alvo.

Aixelá (1996) apresentou variáveis para tentar explicar as razões que podem levar os tradutores a escolher determinados procedimentos tradutórios. Segundo o estudo, existem parâmetros supratextuais, que incluem o grau de prescritivismo linguístico, a natureza e expectativas dos leitores potenciais, a natureza e objetivos dos iniciadores, e as condições de trabalho, treinamento e status social do tradutor; os parâmetros textuais, que abarcam restrições textuais, traduções prévias, e canonização; a natureza do ICE, que envolve a existência de traduções pré-estabelecidas, o grau de transparência do ICE, o status ideológico do ICE nas culturas envolvidas, e referências a uma terceira cultura; e os parâmetros intratextuais, que abrangem a função textual do ICE no TF, a consideração cultural que o ICE recebe no TF, a relevância e recorrência do ICE, a coerência do TT quando à aplicação de procedimentos tradutórios.

O estudo apresentado em Aixelá (1996) não fez generalizações, devido a seu restrito volume de dados, mas demonstrou a relevância para a tradução do posicionamento central ou periférico de uma obra no polo alvo. Também confirmou que, na Espanha, as normas de tradução são fortemente operantes para obras canonizadas; e que as expressões comuns

¹⁵ Lida como *um* original e lida como *o* original é uma formulação da escola de Itamar Even-Zohar e seus discípulos Gideon Toury e James S. Holmes.

¹⁶ O conceito de Outro é abordado na subseção Literatura pós-colonial e estratégias linguísticas em textos pós-coloniais.

tendem a sofrer mais domesticação cultural do que os nomes próprios. Enfatizou ainda que a decisão de aceitar ou não as restrições encerradas no TF, assim como o grau de aceitação dessas restrições, é uma prerrogativa do polo alvo, e que as escolhas dos tradutores para o tratamento dos ICEs tendem a ser sistemáticas.

A próxima subseção trata de coesão, apresentando os recursos coesivos sob a perspectiva da linguística sistêmico-funcional de Halliday (1970, 1985, 1994, 2004, 2014) e revisando alguns estudos que empregaram a LSF para análise do discurso em tradução.

1.3 Coesão em textos traduzidos

Esta subseção possui duas partes, a primeira apresenta os recursos coesivos segundo a linguística sistêmico-funcional de Halliday (1970, 1985, 1994, 2004, 2014), e a segunda revisa pesquisas que empregaram tal modelo coesivo para analisar discurso em tradução.

1.3.1 Recursos coesivos com base na LSF

Cohesion in English (1976) formulou o modelo de coesão empregado em Blum-Kulka (1986), Baker (1992, 2011), Munday (2002), Malmkjaer (2005) e Pagano et al (2015). Desenvolvido por Halliday e Hasan para a língua inglesa, tal modelo identifica referência, substituição, elipse, conjunção e coesão lexical como os principais recursos coesivos. Esse modelo foi retomado e explicitamente sistematizado em Halliday e Matthiessen (2014). Embora existam vários outros modelos de coesão na literatura, este foi o modelo empregado na presente pesquisa.

Halliday e Hasan (1976, p. 4) afirma que coesão diz respeito a relações de significado dentro do texto e ocorre quando a interpretação do significado de um elemento no discurso requer necessariamente que se recorra a outro elemento no texto, e que a escolha de recursos coesivos influencia a textura, o estilo e o significado do texto. É importante ressaltar que, segundo a LSF, os padrões de coesão, juntamente com a estrutura temática, são responsáveis por realizar a organização e a estrutura do texto, portanto a análise dos recursos coesivos é feita através da função textual. Os recursos coesivos são apresentados a seguir.

Segundo Halliday e Hasan (1976), a propriedade de referência implica que um item precisa remeter a outro item a fim de reaver sua identidade, ou seja, não encerra um significado semântico em si, mas possui a capacidade de recuperar seu significado referencial. Da perspectiva textual, referência denota uma relação entre dois elementos linguísticos e pode ser estabelecida a qualquer distância dentro de um texto. Os itens empregados para fazer referência são gramaticais. Referência cria coesão através dos elos estabelecidos entre elementos linguísticos, quando um referente reentra no texto, dando continuidade à cadeia.

Referência cujo referente está dentro de um mesmo texto é endofórica; é estabelecida no instancial de significado criado no desenvolver do texto e, portanto, cria coesão. Endófora que aponta para um referente no texto precedente é denominada anáfora, e aquela que aponta para um referente no texto subsequente é denominada catáfora. Referência cujo referente está fora do texto é exofórica; estabelecida no contexto de situação, exófora é levada pouco em conta na função textual, porque, embora ligue o texto ao seu ambiente, não cria coesão textual. Todas as *foras* pressupõem referente, no entanto, se o referente pressuposto for o mesmo, fazem correferência. Na língua inglesa, existem dois tipos de correferência: pessoal e demonstrativa. Se o referente pressuposto for outro referente da mesma classe, a referência é comparativa. Referência comparativa pode ser geral ou específica.

Per Halliday e Hasan (1976)

Referência pessoal é referência por meio da função na situação de fala, pela categoria PESSOA. Referência demonstrativa é referência por meio de localização, na escala da PROXIMIDADE. Referência comparativa é referência indireta por meio de IDENTIDADE ou SIMILARIDADE. (HALLIDAY e HASAN, 1976, p. 37)¹⁷

Ainda segundo os autores, é no grupo nominal que a grande maioria dos itens de referência opera; apenas os advérbios demonstrativos e alguns dos advérbios comparativos não o fazem.

Os itens de referência pessoal são pronomes pessoais servindo como Núcleo (*Head*) do grupo nominal; determinantes e pronomes possessivos servindo como Dêitico no grupo nominal, como Pré-modificador, ou Núcleo. No inglês, são geralmente temáticos e usados de maneira anafórica, que é a estratégia não marcada.

¹⁷ No original: “Personal reference is reference by means of function in the speech situation, through the category of PERSON. Demonstrative reference is reference by means of location, on the scale of PROXIMITY. Comparative reference is indirect reference by means of IDENTITY or SIMILARITY.”

Os itens de referência demonstrativa são os pronomes ou determinantes *this/that*, *these/those*, *it* e *the*; e os advérbios locativos *here/there* e temporais *now/then*. *The* é o determinante não marcado porque apesar de sinalizar que a identidade de um item é conhecida, não a especifica, como fazem *this/that* e *these/those*, por proximidade.

Os itens de referência comparativa funcionam em grupos nominais ou adverbiais, e a comparação é feita em referência a características gerais de identidade, similaridade ou diferença, ou a características específicas de qualidade ou quantidade.

Os autores afirmam que substituição e elipse são variantes do mesmo tipo de relação coesiva, sendo que a primeira pode ser entendida como a substituição de um item por outro e a segunda de um item por zero, ou seja, sua omissão. Diferentemente da referência, substituição e elipse estabelecem uma relação léxico-gramatical, a qual opera no nível do fraseado, da oração ou de outro item menor, e não diretamente no significado. Assim sendo, é a função gramatical do item que está sendo substituído que determina os tipos de substituição e elipse, a saber: nominal, verbal ou oracional (*clausal*).

Elipse realiza uma forma de coesão anafórica no texto quando é possível pressupor algo por meio do que foi omitido e marca o status textual de informação contínua dentro de certa estrutura gramatical, uma vez que os elementos não proeminentes são omitidos e apenas os elementos proeminentes permanecem no texto, recebendo o status de contrastivos no ambiente de informação contínua.

As conjunções constituem o quarto grupo de itens gramaticais que realizam relações coesivas. Diferente dos demais tipos de itens que realizam relações coesivas no nível da gramática, as conjunções não remetem a referentes anafóricos, mas requerem a presença, no texto, de determinados constituintes do discurso a partir do significado que expressam. Desta forma, as conjunções especificam a sequência do discurso.

As conjunções não apresentaram relevância na análise linguística realizada no contexto dos ILEs e ICEs investigados nesta pesquisa, portanto, pouco espaço é dado a elas nesta revisão teórica.

Coesão lexical “[...] é o efeito coesivo alcançado pela seleção de vocabulário” (HALLIDAY e HASAN, 1976, p. 274).¹⁸ Todo item lexical tem o potencial de estabelecer

¹⁸ No original: “[...] is the cohesive effect achieved by the selection of vocabulary.”

relações coesivas, mas não coeri por si só; o funcionamento coesivo de um item lexical só pode ser estabelecido no texto. Portanto, coesão lexical depende da existência de redes de itens lexicais no texto, através das quais o significado instancial de cada item é determinado.

Coesão lexical faz uso dos padrões inerentes na organização paradigmática ou sintagmática do léxico. As relações paradigmáticas são intrínsecas da organização do léxico como recurso; já as sintagmáticas são mantidas entre itens lexicais que tendem a ocorrer juntos no mesmo ambiente lexical. Assim sendo, Halliday e Hasan (1976) classificou coesão lexical em reiteração e colocação, a primeira categoria paradigmática e a segunda sintagmática.

Halliday e Hasan (1976, p. 278) considera reiteração instâncias nas quais um item lexical refere anaforicamente a outro com o qual possui um referente comum. Reiteração, no entanto, não é o mesmo que referência, apesar do tênue limite entre esses tipos de coesão, a primeira é lexical e a segunda gramatical. Além disso, existem casos de reiteração nos quais a identidade de referência não é necessária para que haja coesão, como os antônimos. Segundo Halliday e Hasan (1976, p. 288), reiteração pode ser realizada através de repetição, sinonímia, superordenado e palavra genérica (*general word*). Halliday e Matthiessen (2014), o qual reestruturou e refinou o grau de delicadeza dos sistemas de coesão lexical, afirma que as relações paradigmáticas podem ser de elaboração - por repetição, sinonímia ou hiponímia -, ou de extensão - por meronímia.

Repetição é uma forma de coesão baseada na identidade, onde um item lexical reafirma o outro. Um item lexical não precisa ter a mesma forma morfológica do que outro para ser considerado como repetido, podendo ser uma variante de outro.

Sinonímia é um tipo de coesão lexical que ocorre quando um sinônimo ou quase sinônimo de um item lexical no texto precedente é utilizado. Sinonímia pode ocorrer com identidade de referência ou não. No primeiro caso, inclui sinônimos no mesmo nível de generalidade ou superordenados; no segundo, inclui sinônimos que não possuem relação referencial, entre eles antônimos, e que ainda assim são coesivos.

Hiponímia é relação de elaboração de atribuição, na qual *é um tipo de* estabelece a coesão entre os itens lexicais. Ocorre quando um item lexical de uma mesma classe é utilizado para fazer reiteração, mas é de nível de generalidade mais alto ou mais baixo que o primeiro item lexical; ou quando o item lexical é do mesmo nível de generalidade, porém, de outra classe.

Meronímia é relação coesiva de extensão na qual o item que reitera estabelece uma relação *é uma parte de* com o item reiterado, ou vice-versa.

Colocação é a tendência de itens lexicais a coocorrer com frequência em contextos similares, estabelecendo relações coesivas sintagmáticas. Halliday e Matthiessen (2014) afirma que, embora seja possível encontrar relação semântica entre colocados, esse não é um requisito para itens lexicais colocarem, pois a relação entre esses itens é uma associação direta no contexto. Halliday e Hasan (1976) classifica nessa categoria as ocorrências de coesão lexical que não envolvem reiteração.

A próxima subseção apresenta uma revisão de estudos que realizaram análise coesiva em TTs empregando o modelo abordado nesta subseção.

1.3.2 LSF e análise de tradução

A linguística sistêmico-funcional vem sendo utilizada para análise do discurso em tradução em diversos estudos nacionais e internacionais como Vieira (1982), Blum-Kulka (1986), Baker (1992), Munday (2002), Malmkjaer (2005), Pagano et al (2015) entre outros. Apresenta-se, a seguir, uma revisão de alguns desses estudos sob o recorte da função textual, e mais especificamente dos recursos coesivos, os quais são relevantes para a análise desenvolvida na presente pesquisa.

Blum-Kulka (1986, p.18) partiu do princípio de que mudanças nas relações textuais e de discurso são intrínsecas ao processo de tradução. O estudo, intitulado *Shifts of Cohesion and Coherence in Translation*, definiu coesão como “*uma relação manifesta entre partes do texto, expressa por marcadores linguísticos específicos*” (BLUM-KULKA 1986, p. 17).¹⁹

Trabalhando principalmente no par de idiomas inglês-hebraico, Blum-Kulka (1986) verificou que a escolha de recursos coesivos diferentes no TT pode provocar mudanças no nível de explicitação e no significado do texto. Constatou ainda que, nos TTs, há uma tendência a aumentar o nível de explicitação e, conseqüentemente, o nível de redundância. O estudo propôs a hipótese da explicitação segundo a qual uma maior explicitação das relações coesivas é característica do processo tradutório, sugerindo também que, no processo de mediação linguística, explicitação poderia ser um universal. Blum-Kulka (1986), assim como

¹⁹ No original: “[...] *an overt relationship holding between parts of the text, expressed by language specific markers.*”

os demais estudos acima mencionados, adotou o modelo de coesão proposto em Halliday e Hasan (1976), o qual identifica referência, substituição, elipse, conjunção e coesão lexical como os principais recursos coesivos. Esses recursos foram explicados na subseção Recursos coesivos pela LSF.

Blum-Kulka (1986) associou as mudanças no nível de explicitação que ocorrem na tradução ao fato de que, estilisticamente, as línguas envolvidas preferem marcadores coesivos diferentes. O estudo afirma que a tendência à explicitação é refletida no tamanho maior dos textos. Entre as constatações feitas, está a de que repetição lexical é mais frequente em hebraico do que em inglês. Apesar de o hebraico ser uma língua distante do português, Blum-Kulka (1986) cita Vieira (1982), relevante para o presente estudo por ter constatado “que traços coesivos em português refletem uma maior necessidade de clareza e um maior grau de especificação que o inglês” (BLUM-KULKA, 1986, p. 19).²⁰

Blum-Kulka (1986) afirma que os marcadores coesivos são escolhidos para desempenhar determinadas funções no texto, principalmente em textos literários, e que escolhas de marcadores diferentes no TT podem alterar essas funções e, em consequência, o significado do texto.

Baker (1992, 2011) é um livro de referência teórica e prática destinado à formação de tradutores profissionais, o qual traz conceitos-chaves de teorias linguísticas - especialmente da linguística sistêmico-funcional – aplicáveis à tradução. O trabalho utilizou TTs autênticos em diversas línguas para ilustrar problemas de tradução e sugerir estratégias para resolvê-los. O capítulo seis aborda equivalência textual sob a perspectiva da coesão, definindo coesão como “a rede de relações lexicais, gramaticais e outras as quais propiciam ligações entre diversas partes de um texto” (BAKER, 2011, p. 190).²¹

Baker (1992, 2011) discorre sobre os cinco recursos coesivos principais segundo o modelo de Halliday e Hasan (1976), qualificando-o como o modelo mais especificado disponível na época. Como esses recursos e modelo já foram apresentados na subseção Recursos coesivos com base na LSF, considerou-se desnecessário repeti-los aqui. Limitou-se, então, a apresentar as verificações feitas em Baker (1992, 2011) sobre as diferentes

²⁰ No original: “[...] that cohesive features in Portuguese reflect a stronger need for clarity and a higher degree of specification than English.”

²¹ No original: “[...] the network of lexical, grammatical and other relations which provide links between various parts of a text.”

preferências exibidas pelas línguas, especificamente a inglesa e a portuguesa, para o rastreamento de participantes do discurso.

Baker (1992, 2011) analisou o uso de recursos coesivos em um artigo sobre o presidente da *Sony Corporation* publicado na edição em inglês e na edição em português da revista *Playboy*. Baker (1992, 2011) constatou que, para o participante que está sendo rastreado, o texto em inglês retoma a referência com um pronome, mesmo tendo sido a última menção deste participante feita também com um pronome. No texto em português, a referência é retomada através de repetição lexical, mesmo tendo sido a última menção do participante feita com um nome próprio. Baker (1992, 2011) constatou que nesse mesmo parágrafo, o texto em inglês dá continuidade à cadeia de referência com o uso de pronomes enquanto o texto em português repete o nome próprio mais duas vezes. O estudo salientou que o texto em português é ainda mais coeso porque o fato da língua portuguesa flexionar os verbos em pessoa e número permite relacionar processos e ações a determinados participantes. Baker (1992, 2011) afirma que o português brasileiro tende a favorecer a repetição lexical para o rastreamento de participantes do discurso, enquanto o inglês tende a fazê-lo através do uso de referências pronominais, e que tais preferências também podem variar de acordo com o tipo textual.

O estudo afirma que, em relação ao rastreamento de participantes do discurso, a maioria das línguas faz uso de todo e qualquer recurso disponível em seu sistema na tentativa de sanar ambiguidades. Pontua que o sistema gramatical inglês, que pouco distingue quanto a gênero, número e concordância verbal, prefere repetição lexical para desambiguar, tendência ainda mais acentuada em certos tipos textuais, como o legal.

Baker (1992, 2011) explicou que as fronteiras entre os tipos de recursos coesivos nem sempre são distintas e que línguas diferentes possuem recursos diferentes para criar elos entre os elementos textuais, assim organizando e construindo um texto. Na tradução, segundo Baker (1992, 2011), muitas vezes não é possível simplesmente transferir os recursos coesivos do TF para o TT; é necessário escolher formas de construir coesão conforme as normas da língua alvo, utilizando cadeias de referência típicas dessa língua e do tipo textual em questão. O estudo verificou que os tradutores geralmente buscam o equilíbrio entre exatidão e naturalidade, mas que o propósito da tradução e o grau de liberdade do tradutor determinam o padrão de coesão do TT, podendo este conformar com os padrões das línguas fonte ou alvo. Baker (1992, 2011) propôs que manter o TT mais próximo dos padrões da língua fonte acarreta menores mudanças de significado, mas também pode fazer com que o texto cause estranhamento por desviar dos padrões típicos da língua alvo.

Baker (1992, 2011) afirma que a o grau de coesão textual varia de uma língua para outra, e mesmo dentro de uma mesma língua, conforme o tipo textual. Cita a assertiva em Vieira (1982) de que coesão em português é realizada de forma mais explícita do que em inglês, e a hipótese de explicitação em Blum-Kulka (1986), apresentada no início desta seção, explicando que o nível de redundância de um texto é mais alto quando há presença de marcadores explícitos de coesão.

Munday (2002) desenvolveu um modelo para análise de tradução que, segundo o autor, é específico, sistemático e replicável; utilizou a linguística sistêmico-funcional de Halliday (1970, 1985, 1994, 2004, 2014) e ferramentas de linguística de *corpus*, e levou em conta o contexto sociocultural dos textos. Com esse modelo, Munday (2002) veio preencher uma lacuna, identificada em Toury (1995), nos Estudos da Tradução, de uma metodologia e técnicas de pesquisa próprias para que a área desenvolvesse uma subárea descritiva sistemática.

A metodologia de Toury (1995), retomada em Munday (2002), é baseada nas teorias do sistema e polissistema. Munday (2002) considerou que a forma de comparação de textos originais e traduções proposta em Toury (1995), embora flexível e não prescritiva, não era suficientemente sistemática e que as técnicas de pesquisa utilizadas não estavam suficientemente claras. O estudo apontou ainda a necessidade de se considerar os TTs não apenas no contexto sociocultural da cultura alvo, como também em seu próprio.

No modelo proposto em Munday (2002)

“O TF é situado em seu próprio sistema cultural e comparado com o papel e aceitação do TT em seu sistema correspondente; um perfil linguístico do TF é produzido, seguindo uma abordagem extensiva, porém flexível, de repertório de traços, que é comparado ao perfil correspondente do TT. Desta forma, mudanças linguísticas são identificadas e uma tentativa é feita de medir seu impacto no nível cultural.” (MUNDAY 2002, p. 78)²²

Para a elaboração dos perfis linguísticos dos textos, Munday (2002) utilizou ferramentas da linguística de *corpus* e as três metafunções – ideacional, interpessoal e textual – propostas pela linguística sistêmico-funcional de Halliday (1970, 1985, 1994, 2004, 2014). Segundo a LSF, na função ideacional, significado é visto como representação; essa

²² No original: The ST is located within its own cultural system and compared to the TT's role and reception in its own corresponding TT system; a linguistic profile of the ST is produced, following an extensive yet flexible 'repertoire of features' approach and this is compared to the corresponding profile for the TT. In this way linguistic shifts are identified and an attempt is made to gauge their impact on the cultural level.

metafunção é realizada no nível da léxico-gramática pelo sistema de transitividade, onde a denotação dos itens escolhidos é crucial para o significado. A função interpessoal vê significado como troca, e é o sistema de modalidade que permite ao falante ou escritor expressar sua opinião sobre o que está dizendo ou escrevendo. Na metafunção textual, significado é visto como mensagem e é realizado pela estrutura temática e pelos padrões de coesão textual.

Em uma segunda etapa, os perfis linguísticos dos textos fonte e meta foram comparados. Munday (2002, p. 79) afirma que a comparação dos padrões de transitividade, modalidade, estrutura temática e coesão nos textos permite vislumbrar mudanças no nível das metafunções e propõe tal abordagem para analisar mudanças de tradução e processos de tomada de decisão do tradutor.

No terceiro estágio da metodologia de Munday (2002), procurou-se no contexto sociocultural outros fatores que pudessem ter motivado as mudanças (*shifts*). Para tanto, o estudo empregou a LSF porque ela possibilita relacionar as escolhas linguísticas ao contexto sociocultural. De acordo com a LSF, o contexto de cultura regula o contexto de situação, que é determinado pelas metafunções, que por sua vez são realizadas pelos padrões léxico-gramaticais. Halliday (1978) define o contexto de cultura como “o mais alto nível de tessitura e ideologia do sistema social e o gênero linguístico ao qual um texto específico pertence.” (HALLIDAY, 1978, p. 189).²³ O contexto de situação é “o ambiente imediato do texto” (HALLIDAY e HASAN, 1985, p.6)²⁴ e é constituído por campo, sintonia e modo, representando respectivamente, o que está acontecendo, os papéis sociais e discursivos, e as instâncias de língua em uso.

Munday (2002) aplicou o modelo à análise de traduções para o inglês de um texto de Gabriel Garcia Márquez sobre o naufrago cubano Elián González publicadas em diferentes meios de comunicação. Alguns dos resultados da pesquisa em Munday (2002) são apresentados a seguir.

Da análise dos dados estatísticos gerais do *corpus*, Munday (2002) constatou que todas as traduções eram mais curtas que o TF, fato contrário a um dos universais da tradução de que os TTs são geralmente mais longos do que os TFs, devido à hipótese da explicitação proposta em Blum-Kulka (1986), apresentada no início desta seção.

²³ No original: “the higher-level fabric and ideology of the social system and the language genre to which a specific text belongs”

²⁴ No original: “the immediate environment of the text”

A análise metafuncional dos textos apurou que, na função ideacional, os padrões de transitividade foram alterados nos TTs, com o uso da passiva frequentemente desviando a responsabilidade das ações de acordo com a ideologia do meio de comunicação. Na função interpessoal, o estudo detectou omissões de metáforas interpessoais e epítetos atitudinais que tornaram o texto mais factual, com algumas instâncias em que as omissões removeram emoções e diminuíram a força interpessoal do texto. Na função textual, Munday (2002) verificou que a tradução publicada pelo *The Guardian* apresentou maior coesão do que o TF devido ao aumento da frequência do nome Elián e de outro nome próprio para substituir sinônimos e, em um caso, para especificar *el llanto* (choro). Esse resultado é condizente com a proposta em Blum-Kulka (1986) de que os textos traduzidos tendem a ser mais coesos do que os TFs. Outro ponto observado sob a função textual foi diferença no tamanho das sentenças, com mudanças em pontuação; o estudo explicou que o uso da conjunção *y* (e) é típica da escrita de García Márquez e sua substituição por ponto final ou outros recursos linguísticos acarretou ruptura do estilo do autor do TF nos TTs.

Dentre as motivações para as mudanças encontradas nas traduções, o estudo apontou a possibilidade de os meios de comunicação terem propositalmente tentado passar uma perspectiva diferente do acontecido à sua audiência. Munday (2002) propôs que entrevistas com tradutores e editores fossem feitas para elucidar as decisões tomadas, além de uma análise minuciosa de reações posteriores na mídia para medir a recepção dos textos.

Munday (2002) atestou a eficácia das ferramentas da linguística de *corpus* para o manuseio e para a observação de determinadas tendências dos textos, assim como a utilidade da LSF para identificar mudanças e suas consequências nos textos. O estudo enfatizou a flexibilidade e replicabilidade do modelo proposto para a análise de traduções, que pode ser adaptado para outras línguas, uma vez que leva em conta se determinado traço é marcado ou não nos pares de textos examinados ou invés de apenas descrever suas realizações léxico-gramaticais. A metodologia desenvolvida em Munday (2002) veio contribuir para a sistematização da tradução enquanto fenômeno.

Pagano et al (2015) investigou os padrões coesivos em um *subcorpus* do Klap!, *corpus* paralelo bidirecional em inglês e português compilado pelo LETRA. O estudo objetivou fornecer evidências empíricas para a afirmativa de que o português brasileiro e o inglês fazem rastreamento de participantes do discurso de formas diferentes, o primeiro utilizando mais frequentemente coesão lexical e o segundo coesão gramatical através do emprego de pronomes pessoais. Essa afirmativa foi feita em Baker (1992, 2011), baseada em

Vieira (1982). Pagano et al (2015) considerou também a hipótese de que o português, quando utiliza correferência pessoal, favorece a elipse de pronomes pessoais, porque flexiona verbos em número e pessoa.

O estudo empregou o modelo coesivo de Halliday e Hasan (1976) e Halliday e Matthiessen (2014) para analisar os mecanismos coesivos. Segundo tal modelo, o rastreamento dos participantes do discurso é realizado pelos sistemas de CORREFERÊNCIA e COESÃO LEXICAL. A composição de cada um desses sistemas foi apresentada na subseção Recursos coesivos pela LSF do presente trabalho.

Pagano et al (2015) selecionou amostras com tamanho aproximado de 300 palavras dos oito tipos textuais do Klapt! - artigo acadêmico, discurso político, divulgação científica, ficção, manual de instrução, propaganda turística, resenha e website educacional – tanto em inglês quanto em português. Trabalhou com parágrafos inteiros de textos diferentes, extraídos de partes diferentes dos textos. O estudo utilizou o software *UAM Corpus Tool*, 3.0 (O'DONNELL, 2008) para analisar e anotar as amostras, e realizou testes de significância e de proporções no ambiente de programação *R* (R CORE TEAM, 2014).

Segundo a pesquisa, as frequências relativas dos mecanismos coesivos empregados demonstraram que o tipo textual Resenha é o único no qual há predomínio de correferência em inglês e de coesão lexical em português, corroborando a afirmativa em Baker (1992, 2011) em sua totalidade, enquanto Divulgação Científica é o tipo textual que mais a contradiz. Observou ainda que a afirmativa é sustentada em uma ou outra direção de tradução, desta forma, Ficção e Artigo Acadêmico o fazem na direção IO-PT, e Propaganda Turística na direção PO-IT.

Pagano et al (2015) constatou que nos tipos textuais Discurso Político e Website Educacional predomina correferência nas duas línguas e direções de tradução, já no tipo textual Manual de Instrução, coesão lexical é mais frequente em todos os casos. O estudo sugere que a escolha dos mecanismos coesivos é primeiramente influenciada pelo tipo de texto.

De acordo com a pesquisa, os resultados estatisticamente relevantes revelaram que Discurso Político e Ficção, ambos no IO, no PT e no IT, são os tipos de texto que mais corroboram a afirmativa em Baker (1992, 2011), e que Divulgação Científica, no PO, é o que mais a contradiz.

Os resultados por língua mostraram, segundo frequências relativas, que coesão lexical ocorre com maior frequência no IO e no PT, e correferência no IT e PO. Embora os testes estatísticos empregados tenham qualificado vários dos resultados nas frequências relativas

como não significativos, Pagano et al (2015) verificou, a partir das frequências absolutas dos mecanismos coesivos, que no par IO-PT predomina coesão lexical e no par PO-IT correferência é mais frequente, sugerindo que os padrões coesivos dos TFs são reproduzidos nos TTs devido a uma provável influência da língua fonte. Conseqüentemente, o estudo apontou a relevância da direção de tradução para a escolha dos mecanismos coesivos no TT.

Pagano et al (2015) concluiu que a afirmativa em Baker (1992, 2011) de que o português brasileiro prefere coesão lexical e o inglês correferência para fazer o rastreamento de participantes do discurso não pode ser generalizada para as duas línguas.

A próxima subseção aborda as literaturas pós-colonial, africana, nigeriana e de Achebe, e estratégias linguísticas típicas de textos pós-coloniais.

1.4 Literatura pós-colonial e estratégias linguísticas em textos pós-coloniais

Esta subseção aborda literatura pós-colonial, literatura africana, literatura nigeriana e literatura de Achebe, apresentando suas características e estratégias linguísticas.

Literatura pós-colonial inclui romance, poesia e drama de países como Índia, Nigéria, Brasil, Jamaica, entre tantos outros, que foram colônias no passado. Ashcroft et al (1989, 2002) considera literatura pós-colonial toda escrita acometida pelo imperialismo, mesmo após as independências desses países. A literatura pós-colonial preocupa-se em restaurar a conexão entre povos indígenas, espaços e lugares, rompida pelo processo de colonização; reafirmar a riqueza e validade das culturas indígenas suprimidas pelo colonizador; e apresentar a história da perspectiva dos povos colonizados. Tem como características a descrição da realidade indígena como forma de resistir ou neutralizar os estereótipos e generalizações difundidos pelo colonizador; a apropriação da língua do colonizador, com a incorporação de palavras, estilos, ritmos e sintaxe das línguas indígenas; e o remodelamento das formas artísticas do colonizador para refletir os modos de expressão artística indígenas.

A escrita pós-colonial localiza-se na interface entre duas culturas na qual a realidade cultural daquele que é diferente ou estrangeiro, o Outro, é criada. Ashcroft et al (1989, 2002) afirmam que é principalmente na língua, através da tensão entre o que se revela e o que se omite sobre a cultura, que os textos pós-coloniais constroem diferença. Entre as estratégias

utilizadas para esse fim, cita o uso de glosa, de palavras não traduzidas, de interlinguagem, fusão sintática, mudança de código e transcrição vernacular. Segundo Ascroft et al (1989, 2002), o emprego de itens lexicais não traduzidos é a estratégia mais utilizada para expressar distinção cultural e “[...] é um claro significante de que a língua que na verdade informa o romance é uma Outra língua” (ASCROFT ET AL, 1989, 2002, p. 63)²⁵, apontando para o caráter *cross-cultural* do texto.

Ascroft et al (1989, 2002) explica que, nos textos pós-coloniais, o item não traduzido não constitui um significado diferente de um item equivalente na língua alvo, mas um signo completamente diferente. Desta forma, a ausência de tradução dos ILEs requer do leitor um engajamento com a cultura fonte para interpretá-los e enfatiza a importância do contexto de situação para a construção do significado dos ILEs. Ao mesmo tempo, os textos pós-coloniais utilizam estratégias para aproximar o leitor dessa cultura, as quais permitem ao leitor ter um entendimento desses ILEs, sem que tenha, no entanto, noção de suas nuances. Segundo o estudo, “A escolha de deixar palavras não traduzidas em textos pós-coloniais é um ato político, porque, enquanto a tradução em si não seja inadmissível, a glosa dá à palavra traduzida, e, portanto, à cultura ‘receptora’, o status mais alto” (ASCROFT ET AL, 1989, 2002, p. 65).²⁶

A Literatura Africana foi experimentalmente definida como “escrita criativa na qual um contexto africano é autenticamente tratado ou para a qual experiências originadas na África são essenciais” (ACHEBE, 1975, p.1).²⁷ Essa definição foi produzida na conferência que discutiu literatura africana em Fourah Bay College em 1963 e seguiu a tentativa sem sucesso de definir tal literatura realizada na Conferência de Escritores Africanos de Expressão Inglesa de 1952. Achebe (1975) considera impossível uma definição pura e restrita de literatura africana; percebe-a como a totalidade das literaturas nacionais e étnicas daquele continente. Achebe (1975) entende como literatura nacional aquela que é escrita na língua nacional, abrange todo o território e alcança toda a sua população; e como literatura étnica aquela restrita a apenas um grupo étnico, como, por exemplo, o ibo. Segundo Igboanusi

²⁵ No original: “[...] is a clear signifier of the fact that the language which actually informs the novel is an/Other language.”

²⁶ No original: “The choice of leaving words untranslated in post-colonial texts is a political act, because while translation is not inadmissible in itself, glossing gives the translated word, and thus the ‘receptor’ culture, the higher status.”

²⁷ No original: “Creative writing in which an African setting is authentically handled or to which experiences originating in Africa are integral.”

(2001), a tradição literária ibo expressa a cultura ibo em língua inglesa e utiliza estratégias de transferência cultural e linguística.

Achebe (1975) define literatura nigeriana como aquela produzida na Nigéria em língua inglesa. Justifica o inglês como língua nacional da Nigéria pelo fato de o país conhecido como tal ter sido criado a partir da intervenção britânica. O artigo vê como positiva a unificação das diversas comunidades antes separadas e aponta a importância da língua nacional como facilitadora da comunicação entre elas. Explica ainda que os escritores africanos que adotaram a língua do colonizador sofreram a influência do processo que deu origem aos estados-nação daquele continente. Achebe (1975) não ignora os elementos negativos herdados junto com a língua, mas reconhece a importância da língua franca, imposta pelo colonizador, para a divulgação da experiência africana.

A contribuição da obra de Achebe para o desenvolvimento da literatura nigeriana e africana é reconhecida. King (1972) e Igboanusi (2001) creditam a *Things Fall Apart*, o primeiro romance de Achebe, publicado em 1958, o início da tradição literária ibo em textos ficcionais nigerianos em língua inglesa. Essa tradição consiste em expressar experiências étnicas na língua herdada do colonizador e implica o emprego de processos linguísticos de inovação que deram origem também ao *New English*.

Segundo King (1972),

[...] Achebe foi o primeiro escritor nigeriano a transmutar com sucesso as convenções do romance, uma forma artística europeia, em literatura africana. Sua habilidade pode ser vista na maneira como cria uma textura completamente nigeriana para sua ficção: idiomas ibo traduzidos para o inglês são usados livremente; o estudo do personagem europeu é subordinado à retratação da vida comunal; a economia europeia da forma é substituída por uma estética apropriada aos ritmos da vida tribal tradicional. Os temas de Achebe refletem os traços culturais dos ibos, o impacto da civilização europeia na sociedade tradicional africana, e o papel dos valores tribais na vida urbana moderna. (KING, 1972, p.3 apud IGBOANUSI, 2001, p.54)²⁸

Bamiro (2006) investigou ideologia e gênero nos romances de Achebe, enfocando a construção e negociação de significados que ocorrem na zona de contato entre grupos sociais,

²⁸ No original: [...] Achebe was the first Nigerian writer to successfully transmute the conventions of the novel, a European art form, into African literature. His craftsmanship can be seen in the way he creates a totally Nigerian texture for his fiction: Ibo idioms translated into English are used freely; European character study is subordinated to the portrayal of communal life; European economy of form is replaced by an aesthetic appropriate to the rhythms of traditional tribal life. Achebe's themes reflect the cultural traits of the Ibos, the impact of European civilization upon traditional African society, and the role of tribal values in modern urban life.

línguas e culturas diferentes. O estudo mostrou como a polarização de forças na sociedade nigeriana é refletida na polarização linguística. Bamiro (2006) identificou na ficção de Achebe a estratégia de nativização, a qual consiste em alterar a forma do inglês para que ele adquira novos sentidos culturais, assim subvertendo a hegemonia da língua do colonizador. Essa estratégia consiste na hibridização linguística e na africanização do inglês.

Segundo o estudo, a hibridização linguística, a qual se manifesta na utilização de palavras não traduzidas do ibo no texto em inglês, polariza os discursos nigeriano e colonial e é uma estratégia contradiscursiva para enfatizar a distinção cultural e marcar alteridade. Bamiro (2006) explica que é a necessidade de dar destaque a objetos ligados à cultura e aos domínios de experiência ibos - como instrumentos, comidas, roupas, cânticos, conceitos e máximas tradicionais - que levou Achebe a incorporar itens lexicais do ibo em seus textos. Em consonância com Ashcroft et al (1989, 2002), Bamiro (2006) afirma que a utilização de ILEs sem glosa tem a função de estabelecer uma lacuna cultural no texto - a distância entre o escritor e o leitor -, e o hibridismo linguístico é um signo da ausência que não pode ser transposta apenas por interpretação.

Bamiro (2006) afirma que, na metafunção textual, o fato dos itens lexicais em ibo significarem objetos e conceitos particulares à cultura ibo, os quais não possuem equivalentes na língua em que o texto é escrito, evidencia o caráter pré-colonial desses objetos e conceitos, subvertendo a hegemonia da língua do colonizador, a qual evidencia o caráter pós-colonial do texto.

Quanto à africanização do inglês, Bamiro (2006) afirma que esta é conscientemente feita por Achebe:

Em relação à semântica, especialmente através dos processos de relexificação e apropriação, Achebe inscreve significados e valores nigerianos em palavras existentes em inglês. Palavras em inglês são manipuladas por Achebe para produzir e transmitir significados que vão além da referência puramente denotativa das palavras, transmitindo, assim, uma ampla gama de conteúdo emocional, atitudinal, e simbólico. Esta é uma estratégia contradiscursiva para desafiar os cânones linguísticos dominantes do inglês britânico. (BAMIRO, 2006, p. 319)²⁹

O estudo apresenta as três variedades de inglês como segunda-língua existentes na Nigéria: o acroleto (*acrolect*), o mesoleto (*mesolect*) e o basileto (*basilect*). O primeiro é

²⁹ No original: In terms of semantics, especially through the processes of relexification and appropriation, Achebe inscribes Nigerian meaning and values into extant English words. English words are manipulated by Achebe to produce and transmit meanings beyond the purely denotative reference of the words, thereby conveying a wide range of emotional, attitudinal, and symbolic content. This is a counter-discursive strategy for challenging the dominant linguistic canons of British English.

aquele utilizado internacionalmente e considerado superior; o segundo é utilizado nacionalmente e considerado intermediário, e o último é utilizado pela população sem acesso à educação formal, considerado inferior. Bamiro (2006) explica que Achebe utiliza o acroleto para narrar a história para seus leitores, e a ele contrapõe o basileto, - na forma do pidgin, utilizado por certos personagens -, e o mesoleto - através de traços geolinguísticos que realizam a africanização do inglês. Nessa contraposição, Achebe destaca (*foregrounds*) o mesoleto e o basileto.

Igboanusi (2001) investigou sete autores ibos que utilizaram o inglês para escrever suas obras e teve como objetivo estabelecer a inovação léxico-semântica como um recurso estilístico da literatura ibo em língua inglesa. Igboanusi (2001) identificou em seu *corpus* de estudo, constituído por romances pós-coloniais nigerianos em língua inglesa, um elevado número de empréstimos do ibo, os quais, segundo o estudo, permitem a retenção do significado e da forma da palavra em ibo e refletem títulos, comida, religião e costumes tradicionais.

O estudo propôs as seguintes categorias para a classificação das variações léxico-semânticas no inglês nigeriano: empréstimos (*loan-words*), cunhagens (*coinages*), empréstimos-misturas (*loan-blends*), equivalentes tradutórios (*translation equivalents*), extensão semântica (*semantic extension*), extensão de colocados (*collocational extension*), e coloquialismos (*colloquialisms*).

Igboanusi (2001) explicou que todos esses processos linguísticos de inovação são resultado da interferência do escritor e, embora se relacionem uns com os outros, são diferentes entre si: os empréstimos retêm o significado e a forma em ibo; as cunhagens, palavras novas criadas para expressar a realidade ibo/nigeriana, são geralmente uma paráfrase do conceito em ibo expressa em palavras-compostas em inglês; os empréstimos-misturas combinam uma forma em ibo com seu equivalente parcial em inglês em um grupo nominal no qual o item em inglês é o núcleo e o item em ibo o modificador, dando origem a novos significados. Já nos equivalentes tradutórios, popularmente chamados de tradução literal, ocorre transferência tanto de forma quanto de significado. Em extensão semântica, palavras em inglês são usadas para expressar contextos ibos e assim têm seu significado ampliado; em extensão de colocados, verbos e substantivos que usualmente não coocorrem em inglês são utilizados juntos adquirindo novos significados; e os coloquialismos expressam, em inglês, estilos de conversação informal em ibo.

A respeito do uso de itens lexicais em ibo nos textos, Igboanusi (2001) afirmou que alguns deles são trazidos do TF para preencher lacunas lexicais, uma vez que não possuem equivalentes em inglês, enquanto outros são utilizados porque possuem apenas equivalentes parciais que não expressam todas as nuances dos itens em ibo. O estudo constatou que os contextos nos quais os empréstimos ocorrem permitem ao leitor em língua inglesa inferir o significado daquele item, sem, no entanto, saber seu significado completo.

Dentre os processos linguísticos de inovação identificados por Igboanusi (2001), o uso de empréstimos, empréstimos-misturas e equivalentes tradutórios ajudam a explicar a estratégia utilizada por Achebe em *Things Fall Apart* para a introdução do vocabulário ibo. O presente estudo não considera os equivalentes tradutórios utilizados nas traduções de provérbios, figuras de linguagem e iboismos³⁰, como faz Igboanusi (2001), mas aqueles utilizados nos TTs em relação aos ILEs presentes no TF.

Anchieta (2014) realizou a tradução de três contos de Achebe. Para tanto, investigou a obra do autor, especialmente *Things Fall Apart*, a fim de identificar estratégias características do estilo do autor. O estudo afirmou que a utilização de palavras em ibo provoca estranhamento no leitor, lacunas no texto, e enfatiza o autor como mediador cultural. Anchieta (2014) estabeleceu quatro categorias de estratégias utilizadas por Achebe para a inserção do vocabulário ibo em *Things Fall Apart*, as quais denominou tradução literal, repetição, paráfrase e contextual.

A primeira categoria inclui itens lexicais em ibo seguidos por *or* ou precedidos por *called*, junto ao item equivalente em inglês. O exemplo (1), a seguir, ilustra tal estratégia.

(1) They were mostly the kind of people that were called *efulefu*, worthless, empty men.

Em repetição, Anchieta (2014) alocou itens lexicais em ibo com elevada frequência no texto. Segundo o estudo, esses itens são relevantes no contexto e a decisão de repeti-los tem como objetivo familiarizar o leitor com o item e seu sentido. Os itens *egwugwu* e *obi* são exemplos dessa estratégia, pois apresentam 35 e 36 ocorrências respectivamente.

³⁰ Iboismos são “[...] usos que refletem a vida tradicional ibo e hábitos culturais” (IGBOANUSI, 2001, p. 63); no original: “[...] “usages that reflect traditional Ibo life and cultural habits.”

A categoria paráfrase abarca os casos em que certa situação é explicada antes ou depois da inserção do item lexical em ibo. Para ilustrar tal estratégia, Anchieta (2014) apresentou o seguinte exemplo (2).

(2) What is *iyi-uwa?*” she asked in return.

You know what it is. You buried it in the ground somewhere so that you can die and return again to torment your mother.

As ocorrências nas quais itens em ibo podem ser compreendidos pelo contexto foram agrupadas na categoria contextual. O exemplo (3) foi escolhido para ilustrar tal estratégia em Anchieta (2014).

(3) All else was silent. Then from the distance came the faint beating of the *ekwe*.

Anchieta (2014) verificou que Achebe ocasionalmente utilizou mais de uma estratégia com um mesmo item em ibo e que as estratégias identificadas em TFA reocorrem em outras obras do escritor. O estudo afirma que o emprego de tais estratégias facilita o entendimento dos itens em ibo, tornando o glossário, que algumas vezes apenas repete o que já está no texto, dispensável. Anchieta (2014) também constatou que em outras instâncias, Achebe utiliza itens em ibo sem adotar essas estratégias, criando resistência e distanciando o leitor do texto.

A seção subsequente apresenta o *corpus* de estudo e os procedimentos metodológicos empregados em todas as etapas da presente pesquisa.

2 CORPUS E METODOLOGIA

Esta seção está dividida em três subseções. A primeira apresenta o *corpus*, o autor e os tradutores, a segunda descreve os procedimentos de preparação do *corpus* e a terceira os procedimentos de análise empregados nas três etapas desta pesquisa.

2.1 Descrição do *corpus*

O *corpus* selecionado para esta pesquisa é paralelo, composto pela obra *Things Fall Apart*, do escritor nigeriano Chinua Achebe, edição de 1994; sua tradução para o português brasileiro, *O Mundo se Despedaça*, edição de 1983, realizada por Vera Queiróz da Costa e Silva; e sua tradução para o português europeu *Quando Tudo se Desmorona*, edição de 2008, realizada por Eugénia Antunes e Paulo Rego. Esse *corpus* totaliza 156.000 itens (*tokens*), excluídos os paratextos. A Figura 1, a seguir, apresenta as capas das edições usadas na compilação do *corpus*.

Figura 1: Capa das edições que compõem o *corpus*



Fonte: A autora, com base nas capas originais dos romances

Esse *corpus* foi selecionado para esta pesquisa por ser um *subcorpus* do *Corpus* de Estilo da Tradução – ESTRA – do Laboratório Experimental de Tradução – LETRA – da Faculdade de Letras da UFMG, e porque se espera encontrar nas obras de Chinua Achebe o uso recorrente de ILEs, e, portanto, estratégias diferenciadas na tradução desses itens nos TTs.

O ESTRA (MAGALHÃES, 2014) integra o Portal Min@s³¹ e contém cerca de 3,5 milhões de itens em textos ficcionais nos pares linguísticos inglês-português, inglês-espanhol e espanhol- português. Sua compilação teve o propósito de possibilitar o estudo do estilo da tradução, do tradutor e da retradução em textos literários de ficção.

Things Fall Apart é considerado um romance universal, pois ao retratar o que aconteceu na Nigéria, chama atenção para o embate de culturas indígenas com outras culturas no processo de colonização. A estória, narrada do ponto de vista da cultura ibo, oferece uma visão diferente da África pré-colonial e de seu processo de colonização daquela percebida por nosso olhar ocidental. Dessa forma, grande parte do romance é dedicada à representação da cultura ibo: descreve-se os ciclos de plantio e colheita, regidos pelas estações, o trabalho e as festividades, a música e a dança, as leis e o sistema de justiça, os costumes e a religião. Ao mesmo tempo em que conta a trágica trajetória de Okonkwo dentro de sua própria tribo, conta também o declínio e destruição daquela tribo devido às mudanças decorrentes da colonização.

Chinua Achebe é considerado um dos expoentes da literatura africana. Diferente de outros escritores africanos que priorizaram suas línguas-maternas, o escritor pós-colonial nigeriano adotou a língua do colonizador para transmitir as experiências de seu povo. Achebe é creditado por ter criado o *New English*, que mistura a oralidade africana com a forma literária inglesa. Uma de suas estratégias é a utilização de palavras e expressões em ibo para a representação cultural da experiência africana. Segundo Bamiro (2006), essa incorporação lexical nas obras de Achebe é uma forma de desafiar a territorialidade do colonizador. *Things Fall Apart* (1958) é o primeiro e mais conhecido romance de Achebe, traduzido para mais de 50 línguas. Entre outras obras do escritor estão *Arrow of God* (1964), *A man of the people* (1966) e *Anthills of the Savannah* (1987).

Albert Chinualumogu Achebe nasceu em Ogidi, na Ibolândia, em 16 de novembro de 1930. Foi educado em um colégio missionário anglicano e criado na cultura tradicional de seu grupo étnico, Ibo. Estudou medicina e literatura na Universidade de Ibadan, época em que abandonou seu nome britânico, Albert, e passou a usar seu nome ibo, Chinualumogu, ou apenas Chinua. Trabalhou na Companhia de Radiodifusão Nigeriana e durante a guerra do Biafra tomou partido de seu povo, depois da qual passou vários períodos no exílio. Começou sua carreira acadêmica na Universidade da Nigéria, em 1967, e lecionou

³¹ O Portal Min@s reúne corpora de fala e escrita e está em fase de implantação na URL <http://portalminas.lettras.ufmg.br>

nas universidades de Massachusetts, Connecticut e Brown. Recebeu inúmeros prêmios e condecorações tanto como escritor quanto como professor. Achebe era casado e tinha quatro filhos, faleceu aos 82 anos em Boston, onde vivia.

Vera Queiroz da Costa e Silva (1931-2011)³² era brasileira, mas falava e escrevia fluentemente em espanhol, italiano, francês e inglês. Foi casada com o escritor, historiador e diplomata Alberto da Costa e Silva, com quem teve três filhos. Durante os anos que viveram na Venezuela, Vera da Costa e Silva traduziu contos de diversos autores brasileiros para revistas locais. Nos anos 70, traduziu para a Editora Nova Fronteira as obras *Noces* e *L'Été*, de Albert Camus. Quando moravam na Nigéria, foi convidada a traduzir *Things Fall Apart*, pelo diretor da coleção *Autores africanos* da Editora Ática, o Professor Fernando de Albuquerque. Durante os trabalhos de tradução, Costa e Silva se valeu de suas experiências pessoais na África, de livros acadêmicos sobre a história e a cultura dos ibos, e de informações recebidas de amigos ibos e de seu empregado ibo, de mais de 60 anos. A tradução publicada pela Ática recebeu o prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte de 1983 na categoria de tradução. Seu último trabalho de tradução foi *Arrow of God*, também de Chinua Achebe, publicado pela Companhia das Letras em 2011.

Os tradutores Eugénia Antunes e Paulo Rego³³ são portugueses e o casal realiza algumas traduções em conjunto. Para a tradução de *Things Fall Apart*, os capítulos foram divididos intercaladamente entre os tradutores. Ao final do trabalho de tradução, todos os capítulos foram relidos por ambos os tradutores, atentos a quaisquer passagens que lhes causassem estranheza. Essas passagens foram marcadas para posterior discussão em equipe, visando obter uniformidade em termos estilísticos.

Antunes e Rego se consideram de formação humanista, católicos mais por cultura e tradição familiar do que por prática. No entanto, procuram não deixar que seu trabalho seja influenciado por vertentes religiosas, filosóficas ou políticas, procurando manter a imparcialidade mesmo quando o assunto traduzido é contrário às suas convicções. Consideram que seu papel como tradutores é o de intermediário entre o autor e o leitor, visando proporcionar ao leitor uma experiência o mais próxima possível da leitura do texto

³² As informações a respeito da tradutora Vera Queiroz da Costa e Silva foram fornecidas por Alberto da Costa e Silva em correspondência pessoal à Professora Doutora Célia Maria Magalhães que gentilmente as cedeu para utilização no presente estudo.

³³ As informações a respeito dos tradutores Eugénia Antunes e Paulo Rego foram fornecidas por eles mesmos em correspondência pessoal à pesquisadora Cristina Lazzerini.

fonte. No caso de dúvidas, se viável, procuram o autor para solucioná-las e chegar ao melhor compromisso entre o que o autor pretende expressar e o que a língua portuguesa permite realizar.

A próxima subseção apresenta os procedimentos de preparação do *corpus* desta pesquisa.

2.2 Procedimentos de preparação do *corpus*

Os arquivos de texto do ESTRA são nomeados com as iniciais dos títulos originais em letras maiúsculas, seguido por traço baixo, o sobrenome do autor com a primeira letra maiúscula e, quando há mais de um autor, outro traço baixo e o sobrenome do segundo autor. No caso de haver mais de uma edição, os dois últimos dígitos do ano da edição são acrescentados após o sobrenome do autor, precedido por traço baixo. Assim sendo, os arquivos do *corpus* selecionado são TFA_Achebe, TFA_Antunes_Rego e TFA_CostaSilva_83.

Os arquivos são preparados para serem utilizados com ferramentas de *corpus* e incluem metatextos. A preparação dos textos do ESTRA, e conseqüentemente do *corpus* deste estudo, inclui a digitalização dos mesmos e a inserção de metatextos – cabeçalhos, textos de orelhas, prefácios, introduções, notas dos tradutores, posfácios e quartas capas – que são codificados no corpo dos textos, seguindo os padrões do *Text Encoding Initiative (TEI)*. Os textos do *corpus* possuem etiquetas que foram acrescentadas para as ocorrências de itálicos, reticências, negrito e notas de pé de página. Os ILEs, no entanto, não possuem marcação específica no *corpus*.

Os arquivos de texto em extensão *.doc* foram revisados para conferência de digitação, espaçamento e das marcações textuais, uma vez que esses tipos de erros acarretam leitura incorreta pela ferramenta de *corpus*. Foram gerados arquivos com e sem metatextos. Os arquivos em extensão *.doc* foram convertidos em arquivos em extensão *.txt*, formato requerido pelo programa utilizado. Com os textos assim preparados, passou-se à etapa de análise do *corpus*.

2.3 Procedimentos de análise

As próximas subseções apresentam os procedimentos de análise do *corpus*.

2.3.1 Quantificação dos dados gerais do *corpus*

As metodologias de pesquisa baseadas em *corpus* envolvem procedimentos quantitativos e qualitativos. Os primeiros referem-se à identificação, contabilização e distribuição de itens, e são facilitados pelo formato digital dos textos e pelas ferramentas de *corpus*, gerando resultados que parecem explícitos e objetivos. Essas evidências, no entanto, requerem interpretação ou investigação mais profunda e para isso são empregados procedimentos qualitativos.

Diferentemente das pesquisas que visam à descrição de línguas, o tipo de investigação realizada nesta pesquisa não demandou o uso de estatística inferencial, portanto, foram utilizados apenas os recursos básicos da estatística descritiva.

A quantificação dos dados gerais do *corpus* empregou o programa *WordSmith Tools 6.0* (SCOTT, 2012). O *WST* é um programa de análise lexical desenvolvido por Mike Scott. O programa possui três ferramentas – *Concord*, *KeyWords* e *WordList* - e doze utilitários.

A coleta dos dados gerais do *corpus* da presente pesquisa foi feita com o auxílio da ferramenta *WordList* do *WST*. Essa ferramenta gerou as listas de palavras para cada um dos textos do *corpus*. Essas listas trazem dados quantitativos dos textos, como número de itens (*tokens*) e formas (*types*) e a razão entre eles, além de permitir que as palavras sejam ordenadas por frequência de ocorrência ou por ordem alfabética.

Segundo Berber-Sardinha (2006), itens equivale ao número total de palavras no texto, leva em conta as palavras repetidas. Formas representa o total de ocorrências de palavras não repetidas no texto. A razão forma/item é calculada dividindo o total de formas pelo total de itens e significa a extensão da variação lexical do texto: quanto maior a razão forma/item, mais palavras diferentes o texto possui e vice-versa. A razão forma/item padronizada diz respeito à variação lexical média, no caso, a cada 1.000 palavras de texto; é útil para comparar textos de tamanhos diferentes, evitando que a extensão dos textos distorça os resultados, já que textos maiores tendem a ter mais repetições.

2.3.2 Procedimentos de busca de itálicos no *corpus*

Esta pesquisa partiu da investigação dos itálicos com o objetivo de encontrar ILEs, justificando-se pelas pesquisas realizadas em Frankenberg-Garcia (2005) e Saldanha (2011a), descritas na subseção ILEs e ICEs em tradução. A exemplo de Saldanha (2011a), adotou a terminologia itens lexicais estrangeiros (ILEs) uma vez que considera ocorrências com mais de uma palavra estrangeira como uma só unidade. Seguindo Frankenberg-Garcia (2005), em uma primeira etapa, a decisão do que é considerado ILE foi pré-determinada por quem o marcou tipograficamente. Em uma segunda etapa, descrita mais adiante, itens lexicais não marcados tipograficamente foram considerados estrangeiros se em língua diferente daquela do texto em que se encontram.

Para a busca dos itens lexicais italicizados foi utilizada a ferramenta *Concord* do *WST*. Buscando pela etiqueta <i> que marca onde se inicia um item italicizado no texto, a ferramenta gerou as linhas de concordâncias desses itens para cada texto. Cada um dos arquivos produzidos pelo *Concord* traz o número total de itálicos em cada texto. Usando a opção *set* do *Concord*, essas linhas de concordância foram classificadas conforme as categorias de funções do uso de itálicos, mostradas no Quadro 2, a seguir. As funções do uso de itálicos também foram apresentadas na subseção *ILEs e ICEs em tradução*. O cálculo do número total de itálicos marcando ILEs foi feito descartando-se os itálicos usados com outras funções e conferindo-se os itálicos de diferenciação que também podem ser usados para marcar autorreferencialidade. Apenas as linhas em que os itálicos marcam ILEs foram contabilizadas.

Quadro 2: Categorias para a classificação de itálicos

Distinção	Diferenciação	Ênfase
- para destacar partes do texto, como título ou capítulo; outra fonte ou tamanho de fonte serviria para desempenhar a mesma função;	- para marcar itens estrangeiros; - para marcar itens mencionados em vez de usados, como nos casos de autorreferencialidade;	- para marcar na escrita o foco da informação que é marcado por tonicidade na fala;

Fonte: A autora, com adaptações a partir de Saldanha (2005, 2011c)

Na etapa seguinte, as linhas de concordância de cada texto contendo ILEs foram alinhadas e dispostas em um quadro. Esse alinhamento foi feito semi manualmente devido a limitações do *WST* e de outros programas disponíveis gratuitamente para alinhar a quantidade de dados gerados. O procedimento é descrito nos próximos parágrafos. Embora bastante demorado, o alinhamento manual teve a vantagem de permitir à pesquisadora expandir o cotexto que havia sido selecionado pelo *WST*, a fim de observar o que ocorre com os itens lexicais estrangeiros na tradução.

O primeiro procedimento para o alinhamento das linhas de concordância contendo os ILEs foi colocar todas as ocorrências de ILEs na ordem em que apareceram no texto. Para tanto, foi utilizada a opção *concordance sort* do *Concord*, que pode ser acessada pressionando F6 com o arquivo das linhas de concordância aberto. Quando a janela do *concordance sort* se abre, seleciona-se a aba *main sort* e a opção *file order*.

Em um procedimento seguinte, as linhas de concordância, arranjadas na ordem em que aparecem no texto, foram expandidas e o cotexto selecionado. Foram então recortadas uma a uma e coladas em um quadro criado com o programa *Word* do pacote *Office* (Microsoft, 2007). Esse procedimento foi repetido para cada um dos três textos. Elaborou-se um quadro que contém três colunas de linhas de concordância equivalentes. Na primeira coluna foram coladas as linhas de concordância do TF, na segunda coluna as linhas de concordância do TT para o português europeu e na terceira coluna as linhas do TT para o português brasileiro.

Ao final desse processo, pôde-se observar que havia várias linhas de concordância sem suas equivalentes, nas duas direções, do TF para os TTs e dos TTs para o TF. Isso ocorreu ou porque o itálico realmente não foi utilizado ou porque houve falha no processamento e preparação dos textos que impediu a leitura correta pelo *WST*. Constatou-se, assim, a necessidade de revisar os arquivos para conferência de digitação, espaçamento e das marcações textuais.

As lacunas acima descritas foram preenchidas da seguinte forma: localizou-se a linha de concordância no texto e escolheu-se um ponto de referência que pôde ser utilizado para encontrá-la nos demais textos, como o número do capítulo, ou outro item lexical estrangeiro próximo que tivesse linha de concordância equivalente. Caso houvesse mais de uma linha de concordância do mesmo item sem a linha equivalente nos demais textos do *corpus*, além de seguir o procedimento acima descrito, utilizou-se o *Concord* para gerar as linhas de concordância que faltavam, a partir dos itens lexicais equivalentes empregados nos demais textos – encontrados através do primeiro procedimento.

Na etapa subsequente, seguindo Saldanha (2011a), foram utilizadas as listas de palavras de cada um dos textos do *corpus*, geradas pela ferramenta *WordList* do programa *WST*, para procurar manualmente outros ILEs que por ventura não tivessem sido encontrados através dos procedimentos empregados anteriormente.

O quadro de linhas de concordância alinhadas completo possui 313 linhas de cada um dos textos do *corpus*, perfazendo um total de 939 linhas de concordância analisadas. Com o quadro pronto, calculou-se o total de ILEs para cada texto, que, portanto, incluía ILEs não marcados por itálicos. Por exemplo, em TFA_CostaeSilva, a palavra “Afo” está italicizada, mas em TFA_Achebe e em TFA_Antunes_Rego não. Buscaram-se as linhas de concordância de “Afo” em TFA_Achebe e TFA_Antunes_Rego equivalentes às de TFA_CostaeSilva, e essas ocorrências de “Afo” foram contabilizadas no total de ILEs dos outros dois textos.

Criaram-se também planilhas para cada um dos textos do *corpus* com o programa *Excel* do pacote *Office* (Microsoft, 2007). Na primeira aba de cada planilha foram colocadas as linhas de concordância contendo os ILEs italicizados, na segunda aba os demais ILEs não marcados por itálicos.

2.3.3 Procedimentos de classificação dos ILEs com base nas categorias gerais, adaptadas de Saldanha (2005, 2011a)

A próxima etapa metodológica consistiu em identificar as ocorrências de ILEs nos TTs, classificando-os em quatro categorias. O Quadro 3 mostra as categorias usadas para classificar os procedimentos empregados pelos tradutores com os ILEs. Tais categorias foram adaptadas de Saldanha (2005, 2011a) que as utilizou para a classificação de itálicos e estão sendo denominadas categorias gerais, por sua ampla abrangência.

Quadro 3: Procedimentos gerais para classificação dos ILEs

Trazidos do TF	Traduzidos	Omitidos	Acrescentados
O tradutor leva para o TT o ILE utilizado pelo autor do TF.	O tradutor utiliza um item na língua alvo equivalente ao ILE utilizado pelo autor do TF.	O tradutor descarta o ILE utilizado pelo autor do TF.	O tradutor utiliza um ILE que não está no TF.

Fonte: A autora, com adaptações a partir de Saldanha (2005, 2011a)

As linhas de concordância classificadas com base nas categorias gerais foram organizadas nas planilhas *Excel*, abrindo-se uma aba para cada categoria. A seguir, o número de ILEs em cada uma das categorias foi contabilizado, e procurou-se por padrões de uso dos ILEs. Os padrões identificados nos TTs foram comparados entre si e em relação ao TF. As mudanças de tradução (*shifts in translation*) ocorridas e suas implicações no estilo dos TTs foram descritas.

O item *compound* demandou decisões metodológicas difíceis. *Compound* não é ILE no TF, mas foi levado para TFA_CostaSilva_83 como tal, porém constitui ICE em ambos os textos. *Compound* foi classificado como ICE no TF porque Achebe imbuiu na palavra inglesa “significados e valores nigerianos” (Bamiro, 2006) os quais não encontram equivalência em português. Os exemplos a seguir ilustram a estratégia que Bamiro (2006) denomina africanização do inglês e Igboanusi (2001) extensão semântica utilizada por Achebe com *compound*:

(4) She walked through Okonkwo’s hut into the circular compound and went straight toward Ekwefi’s hut.

(5) She hurried through Okonkwo's hut and went outside.

(6) They thought the priestess might be going to her house, but she went to Okonkwo's compound, passed through his *obi* and into Ekwefi’s hut and walked into her bedroom.

(7) As soon as he entered his last year in exile Okonkwo sent money to Obierika to build him two huts in his old compound where he and his family would live until he built more huts and the outside wall of his compound.

(8) He could not ask another man to build his own *obi* for him, nor the walls of his compound. Those things a man built for himself or inherited from his father.

Os exemplos (4), (5) e (6) nos permitem ver que para entrar e sair do *compound* é necessário passar por dentro da casa do chefe da família, o *obi*, de onde ele tem uma posição privilegiada para controlar quem entra e sai, assim como a vida familiar. Os exemplos (7) e (8) demonstram o valor que a cultura ibo atrela a *compound*: *compound* é centro da vida familiar (na cultura ibo a família também é diferente do conceito de família ocidental, pois naquela o homem é poligâmico e supremo) e, além do direito de controlá-lo, cada chefe de família tem o dever de protegê-lo. Todo homem ibo, ao sair do *compound* de seu pai para

constituir família tem que construir seu próprio *compound*, sendo a única outra opção herdá-lo de seu pai. No caso de Okonkwo, que estava cumprindo exílio de sete anos, seu *compound* precisava ser reconstruído. O exemplo (8) demonstra que é aceitável na cultura ibo pedir ajuda para construir partes menos importantes do *compound*, mas aquelas que garantem sua segurança, como os muros e o *obi* têm que ser construídas pessoalmente pelo chefe da família.

Os significados acima explicados vão além da denotação do item lexical *compound* em inglês, como pode ser atestado com base nos verbetes do Collins English Dictionary, Merriam-Webster Dictionary, American Heritage Dictionary of the English Language e Random House Kernerman Webster's College Dictionary apresentados no Apêndice 1. O item complexo, uma opção oferecida pela língua portuguesa para a tradução do item *compound*, seria, portanto, um equivalente parcial, pois não consegue expressar as conotações imbuídas no item por Achebe. Parece factível que a palavra complexo seja equivalente a *compound* quando o item expressa os sentidos mostrados nos verbetes, e que nenhuma outra palavra em português consiga expressar seus significados ibos, os quais não existem na cultura brasileira. Portanto, o ILE *compound* levado para TFA_CostaSilva_83 também foi classificado como ICE no TT.

A alta frequência de ocorrência de *compound* nos textos atesta sua importância no contexto do romance e pode justificar a decisão da tradutora Costa e Silva, a qual identificou a carga cultural imbuída em *compound*. Essa especificidade do item, no entanto, gerou dúvidas a respeito de como abordá-lo. Decidiu-se, por fim, que, na análise baseada nas categorias gerais, as ocorrências de *compound* levadas para o TT seriam contabilizadas na categoria ILEs acrescentados; os demais procedimentos utilizados pela tradutora Costa e Silva para tratar outras ocorrências de *compound*, que não as levadas para o TT, seriam analisados sem, contudo, serem contabilizados porque tecnicamente esse item lexical não é ILE no TF.

A subseção seguinte descreve os procedimentos metodológicos para classificação dos ICEs com base nas categorias adaptadas de Aixelá (1996).

2.3.4 Procedimentos de classificação dos ILEs com base nas categorias específicas, adaptadas de Aixelá (1996)

A presente subseção explica as mudanças metodológicas empreendidas para a realização da segunda etapa da presente pesquisa e apresenta os procedimentos de análise utilizados para a classificação dos ILEs com base nas categorias específicas.

Esta etapa da pesquisa foi guiada pelo *corpus* cujas especificidades tornaram necessária uma reformulação da metodologia até então empregada para que pudessem ser devidamente analisadas. A metodologia adotada nesta segunda etapa buscou subsídios nos Estudos Descritivos da Tradução por meio das categorias propostas em Aixelá (1996) para classificação dos procedimentos de tradução utilizados com os ICEs pelos tradutores. Essas categorias foram denominadas específicas em contraste com as categorias utilizadas na etapa anterior da pesquisa e porque conseguem abranger uma diversidade maior de procedimentos e suas especificidades. O quadro teórico-metodológico doravante adotado inclui as categorias propostas em Aixelá (1996) e traz de Saldanha (2005, 2011a) as categorias omissão e acréscimo.

As categorias criadas por Aixelá (1996), esparsas em seu texto, foram reunidas no Quadro 4, a seguir, juntamente com as duas categorias trazidas de Saldanha (2005, 2011a).

Quadro 4: Procedimentos específicos para classificação dos ILEs

Conservação	Substituição	Acréscimo
Repetição: a referência original é mantida ao máximo.	Sinonímia: sinônimos ou referências paralelas são utilizados para não repetir o ICE.	Acréscimo: ocorrências extras de um ICE já existente são inseridas no TT.
Adaptação ortográfica: inclui procedimentos como transcrição ou transliteração.	Universalização limitada: o ICE é considerado muito obscuro e é substituído por outra referência, também da cultura da LF, porém menos específica e mais próxima dos leitores da TL.	
Tradução linguística (não cultural): utilização de uma referência denotativa bem próxima da original, já pré-estabelecida na LA, que ainda pode ser reconhecida como pertencendo ao sistema cultural do TF.	Universalização absoluta: procedimento semelhante ao acima, porém a conotação estrangeira é completamente apagada e o ICE é substituído por uma referência neutra para os leitores da TL.	

<p>Glosa extratextual: um dos procedimentos acima é utilizado, porém, uma explicação do significado ou implicações do ICE, é inserida separadamente do texto. Pode ser em forma de nota de rodapé, nota final, glossário, comentário ou tradução em parênteses ou itálicos.</p>	<p>Naturalização: o ICE é trazido para o <i>corpus</i> intertextual considerado específico para cultura da TL.</p>	
<p>Glosa intratextual: procedimento semelhante ao acima, porém, a explicação não é separada do texto.</p>	<p>Eliminação: o ICE é considerado inaceitável ideológica ou estilisticamente, ou irrelevante para o esforço de compreensão exigido dos leitores, ou muito obscuro, portanto, é completamente apagado do TT.</p>	
	<p>Criação autônoma: opção de colocar uma referência cultural no TT que não existia no TF.</p>	
	<p>Omissão: certas ocorrências de um ICE que ainda está presente no TT são deixadas de fora.</p>	

Fonte: A autora, adaptado e traduzido a partir de Aixelá (1996) e Saldanha (2005, 2011a)

Diferente de Aixelá (1996) que utilizou o termo estratégias, a presente pesquisa adotou o termo procedimentos em relação às escolhas locais no nível linguístico que irão resultar em estratégias estilísticas no nível global. Assim sendo, a classificação de Aixelá (1996) aloca onze procedimentos nas categorias *conservação* e *substituição*; e ordena-os segundo o grau de manipulação intercultural. Essa ordenação das subcategorias foi questionada em estudos como Davies (2003), o qual alega que as divisões entre as categorias nem sempre são distintas, tornando difícil determinar qual delas está além no contínuo. Embora no presente trabalho não se tenha ordenado as subcategorias por grau de manipulação cultural, a preferência dos tradutores por determinados procedimentos pode ser um indicativo de que o TT teve interferência do TF ou foi padronizado.

Os procedimentos propostos em Aixelá (1996), apesar de bastante profícuos para analisar as mudanças encontradas no *corpus* da presente pesquisa quanto aos ICEs, não contemplaram todos os tipos de mudança verificados. Para dar conta dos casos em que certas ocorrências de um determinado ICE não foram levadas para o TF, foi trazida de Saldanha

(2005, 2011a) a subcategoria *omissão*. Essa subcategoria foi incluída em *substituição* porque se assemelha à *eliminação*, com a diferença que ainda há outras ocorrências do ICE no TT. Para contemplar os casos em que ocorrências inexistentes no TF de um determinado ICE apareceram no TT, foi necessário trazer de Saldanha (2005, 2011a) a categoria *acréscimo*. Considerou-se que a categoria *acréscimo* não poderia ser incluída nem em *conservação*, nem em *substituição*, portanto, foi considerada uma terceira categoria. Uma vez estabelecidas as categorias de procedimentos a serem utilizadas, as linhas de concordância foram examinadas, classificadas e quantificadas.

As linhas de concordância marcadas conforme o procedimento específico empregado foram organizadas em uma planilha criada com o programa *Excel* (Microsoft, 2007). Foi criada uma aba para cada texto do *corpus* na planilha. Em cada aba, criou-se um quadro com três colunas; na primeira coluna foram colocados os procedimentos empregados, na segunda, os ICEs classificados segundo os procedimentos, e, na terceira, as linhas de concordância correspondentes. Aplicaram-se filtros às colunas para mais fácil visualização e contabilização dos resultados.

Inicialmente foi feita a contabilização dos procedimentos de tradução incluindo todas as ocorrências de cada ICE porque se considerou que assim seria possível demonstrar de forma mais clara as mudanças de tradução ocorridas com os ICEs. Porém, o procedimento *glosa extratextual* não se enquadrou nesse parâmetro; teria sido artificial multiplicar a glosa para um determinado ICE pelo número de vezes que aquele item apareceu no texto, a fim de adequar o procedimento ao parâmetro. O mesmo ocorreu com os procedimentos *criação autônoma*, *eliminação* e *adaptação ortográfica*. Por outro lado, os demais procedimentos puderam ser contabilizados em relação aos ICEs distintos, sem prejuízo à observação de padrões e diferenças, porque todas as ocorrências do ICE foram examinadas, atentando-se para o fato de que a um mesmo ICE poderia ter sido aplicado mais de um procedimento. Essa decisão metodológica foi viável porque o número de ICEs distintos no TF era grande o suficiente para contemplar o emprego de quase todos os procedimentos de tradução propostos na categorização adotada. Portanto, a exemplo de Aixelá (1996), o presente estudo contabilizou os procedimentos específicos de tradução por ICEs distintos, mas acrescentou uma análise descritiva que permite perceber padrões e diferenças. As frequências relativas foram calculadas considerando-se que o total de procedimentos utilizados em cada TT é 100%. Os resultados quantitativos foram organizados em uma tabela elaborada com o programa *Word* do pacote *Office* (Microsoft, 2007).

Para o procedimento *glosa extratextual*, o glossário em TFA_Antunes_Rego não foi contabilizado porque ele é uma tradução do glossário existente em TFA_Achebe, e sabe-se, através de fonte com acesso à primeira edição de TFA_Achebe, que nela não existe glossário. A inserção do glossário em edições subsequentes de TFA_Achebe foi uma decisão editorial e o glossário conservado em TFA_Antunes_Rego não apresenta nenhuma mudança em relação ao tratamento de ILEs do TF para o TT. Segundo os tradutores Eugénia Antunes e Paulo Rego (informação pessoal)³⁴, “A escolha de se manter o glossário nem foi questionada, uma vez que serve em português o mesmo propósito que serviu em inglês: elucidar o leitor acerca de termos estranhos à cultura europeia e, especificamente, portuguesa. Para nós era óbvio mantê-lo e a editora terá pensado o mesmo.” Ademais, estudo realizado em Anchieta (2014), mostrou que o glossário em TFA_Achebe é desnecessário para o entendimento dos ICEs que nele constam porque as estratégias de inserção do vocabulário ibo utilizadas por Achebe, descritas na subseção *Literaturas pós-coloniais e estratégias linguísticas em textos pós-coloniais*, possibilitam o entendimento desses ICEs. Portanto, nesta pesquisa, o glossário em TFA_Antunes_Rego foi utilizado para análise, mas não foi contabilizado como *glosa extratextual*.

Em conformidade com a decisão metodológica tomada em relação ao item lexical *compound* na etapa anterior desta pesquisa, devido ao fato de esse item ser um ILE em TFA_CostaeSilva_83 e não em TFA_Achebe, decidiu-se que na classificação baseada nas categorias específicas o item *compound* seria contabilizado nas categorias *repetição*, *acréscimo* e *glosa extratextual*, mas não seria contabilizado nas categorias *sinonímia* e *omissão*. Todas as ocorrências de *compound* foram analisadas, tanto no TF, quanto no TT para o português brasileiro, para identificação e descrição das mudanças de tradução ocorridas.

A próxima subseção apresenta os procedimentos metodológicos utilizados na análise de coesão pelo recorte dos ILEs/ICEs.

³⁴ Correspondência pessoal à pesquisadora Cristina Lazzerini.

2.3.5 Procedimentos de análise da coesão

Esta subseção apresenta justificativa para a análise coesiva realizada na terceira etapa da pesquisa e apresenta os procedimentos metodológicos utilizados para realizá-la.

Durante o processo de classificação dos ICEs baseada tanto nas categorias gerais, quanto nas específicas, verificou-se que o emprego de certos procedimentos para tradução dos ICEs, ocasionava mudanças de coesão no texto traduzido. O acúmulo de mudanças coesivas no desenvolver do TT torna-o mais ou menos coeso em relação ao TF, o que pode resultar em mudanças de significado de um texto para outro. Por esse motivo, decidiu-se realizar uma análise das relações coesivas nos textos e entre os textos, sob o recorte das mudanças ocorridas com os ICEs, utilizando o modelo de coesão da linguística sistêmico-funcional proposto em Halliday e Hasan (1976) e Halliday e Matthiessen (2014), apresentado na subseção Recursos coesivos com base na LSF desta dissertação. O Quadro 5, a seguir, mostra os tipos de recursos coesivos analisados nesta pesquisa.

Quadro 5: Tipos de recursos coesivos

Recursos gramaticais	(Cor)referência	Pessoal	
		Demonstrativa	
	Elipse Substituição		
Recursos lexicais	Coesão lexical	Elaboração	Repetição
			Sinonímia
			Hiponímia
		Extensão	Meronímia
		Colocação	

Fonte: Adaptado e traduzido pela autora a partir de Halliday e Matthiessen (2014)

Para a realização da análise de coesão, as linhas de concordância dos TTs que haviam apresentado mudanças de tradução foram examinadas. Assim sendo, as linhas que haviam sido classificadas sob as categorias *sinonímia*, *acréscimo* e *omissão* na segunda etapa da pesquisa foram selecionadas. Os itens equivalentes, os ICEs acrescidos ou a ausência dos ICEs foram examinados em seu cotexto para identificação de outro item, anterior ou posterior à ocorrência em questão, com o qual o item da ocorrência estabelece o elo coesivo. A seguir, os tipos de relação coesiva identificados foram contabilizados. Paralelamente, realizou-se a análise de coesão das linhas de concordância equivalentes no TF a fim de identificar e

contabilizar as mudanças ocorridas. As frequências relativas dos tipos de recursos coesivos que apresentaram mudanças nos TTs em relação ao TF foram calculadas considerando-se o total de 100% para a soma de todos os recursos empregados por texto. Os resultados obtidos foram organizados em tabelas elaboradas com o programa *Excel* do pacote *Office* (Microsoft, 2007).

Nas etapas anteriores do presente estudo foram tomadas decisões metodológicas específicas relativas ao item lexical *compound*, em decorrência de esse item não ser um ILE no TF, mas ter sido transformado em ILE em TFA_CostaSilva_83. Nesta etapa da pesquisa, contabilizaram-se apenas as ocorrências de *compound* nas quais a relação coesiva foi do tipo *coesão lexical por repetição* no TT. No entanto, todas as ocorrências relativas ao item *compound* que apresentaram mudanças de tradução foram analisadas, em ambos o TF e o TT para o português brasileiro, para identificação e descrição das mudanças de coesão ocorridas.

Na terceira etapa da pesquisa, na qual foram investigadas as mudanças de tradução ocorridas com os ICEs do ponto de vista dos traços linguísticos e suas funções semânticas, utilizando a função textual, voltou-se a empregar o termo item lexical estrangeiro (ILE) por considerá-lo mais adequado a esse tipo de análise, ainda que todos os ILEs no presente estudo tenham sido identificados como ICEs. Esta etapa da pesquisa faz interface com a linguística sistêmico-funcional objetivando entender, através do produto, os procedimentos tradutórios utilizados pelos tradutores.

A seção subsequente apresenta os resultados das análises realizadas no presente estudo.

3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1 Dados gerais do *corpus*

O primeiro procedimento de análise foi realizado com o suporte da ferramenta *WordList*, aplicada aos textos do *corpus*, e gerou as três listas de palavras. Os resultados quantitativos gerais do *corpus* obtidos com as listas de palavras são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1: Resultados quantitativos gerais do *corpus*

	Itens (tokens)	Formas (types)	Razão forma/item	Razão forma/item padronizada
TFA_ Achebe	51.541	4.421	8,58%	39,03%
TFA_ Antunes_Rego	50.550	6.926	13,70%	45,73%
TFA_CostaeSilva_83	53.909	7.375	13,68%	47,29%
Total	156.000			

Fonte: A autora

O *corpus* possui 156.000 palavras. Quanto ao número de itens, depreende-se que TFA_Antunes_Rego é 1,93% menor do que o TF e TFA_CostaeSilva é 4,59% maior do que o TF. O fato de a tradução para o português europeu ter menos itens do que o TF não pode ser atribuído à diferença entre língua-fonte e meta levantada por Klaudy and Károly (2005), segundo a qual o fato de as línguas serem ou mais analíticas ou mais sintéticas influi no tamanho dos textos fonte e meta, pois as línguas analíticas são consideradas mais econômicas, e nas línguas em questão, o inglês é considerado mais analítico do que o português.

A princípio, o menor número de itens de TFA_Antunes_Rego alinha-se com a constatação em Malmkjaer (2004) de que o tradutor geralmente se expressa de forma mais econômica do que o autor do TF, quando não compelido pelas limitações de seu sistema linguístico, pois procura evitar redundância semântica e o uso de certos intensificadores, como pode ser visto, não apenas sob o recorte dos ICEs, no exemplo (9):

- (9) The women had gone to the bush to collect firewood, and the little children to visit their playmates in the **neighboring compounds**.

As mulheres tinham ido buscar lenha ao mato e as crianças [ø: pequenas] visitar os amigos na [ø: (nos) *compounds* vizinhos] **vizinhança**.

Por outro lado, TFA_CostaSilva_83, com maior número de itens do que o TF, aponta para explicitação, considerada por Blum-Kulka (1986, p.19) intrínseca ao processo tradutório. Essa tendência foi observada a partir das linhas de concordância geradas e será discutida quando da classificação dos ILEs com base nas categorias específicas, adaptadas de Aixelá (1996).

A razão forma/item de ambos os TTs é maior do que a do TF, o que pode ser um indicativo de que os tradutores usam uma maior variedade de vocabulário que o autor. Constatou-se que quanto à razão bruta, os números variam pouco de uma tradução para outra; de acordo com a razão normalizada, a variedade de vocabulário utilizada por Costa e Silva é 1,56% maior do que a empregada por Antunes e Rego. Em relação ao TF, a variedade de vocabulário de Antunes e Rego é 6,7% maior e a de Costa e Silva 8,26% maior. Deve-se ter cautela com esta interpretação, já que há diferenças nos dois sistemas linguísticos no que tange sua morfologia.

Os exemplos (10) e (11) mostram ocorrências de ILES no TF e tendências diferentes para traduzi-los nos TTs, com a explicitação usada pela tradutora Costa e Silva.

- (10) the faint beating of the *ekwe*.
 o débil tocar do *ekwe*.
 o vago bater do *ekwe*, o tambor de madeira.
- (11) "It is *iba*,"
 -- É *iba* --
 -- É a *iba*, a malária --

Verifica-se nos exemplos (10) e (11) que tanto em TFA_Achebe quanto em TFA_Antunes_Rego, os itens *ekwe* e *iba* foram incorporados aos textos sem nenhuma explicação. Em TFA_CostaSilva_83, no entanto, a tradutora acrescentou um aposto explicativo. Esse tipo de mudança facilita a leitura do texto e constitui uma estratégia diferente daquela empregada pelo autor do TF e pelos tradutores Antunes e Rego.

A próxima subseção discute os resultados da busca pelos itálicos no *corpus* e da classificação dos ILEs com base nas categorias propostas em Saldanha (2005).

3.2 Resultados da busca pelos itálicos do *corpus*

Após a obtenção dos resultados quantitativos gerais do *corpus*, procedeu-se à busca das etiquetas de itálicos, com o objetivo de verificar o uso de itálicos e encontrar ILEs nos textos do *corpus*. A Tabela 2, a seguir, mostra os resultados obtidos com a contabilização dos itálicos.

Tabela 2: Dados quantitativos de itálicos do *corpus*

	Total	Diferenciação	Ênfase	Distinção
TFA_Achebe	237 100%	222 93,67%	7 2,95%	8 3,37%
TFA_Antunes_Rego	254 100%	232 91,33%	5 1,95%	17 6,69%
TFA_CostaeSilva_83	305 100%	289 94,75%	5 1,63%	11 3,60%

Fonte: A autora

O número total de itálicos para cada texto foi gerado pela ferramenta *Concord* quando se buscou pela etiqueta <i> e depois conferido manualmente. O TF apresentou 237 ocorrências de itálicos, o TT para o português europeu, 254, e o TT para o português brasileiro, 305; portanto, ambos os TTs apresentaram maior número de ocorrências de itálicos do que o TF. Em TFA_Antunes_Rego, houve acréscimo de 7,17% do número total de itálicos em relação a TFA_Achebe; e em TFA_CostaeSilva_83 esse acréscimo foi de 28,69% com relação ao TF.

Quanto à quantificação dos itálicos segundo as funções de uso, foram encontradas oito ocorrências de itálicos de distinção no TF, 17 em TFA_Antunes_Rego, e 11 em TFA_CostaeSilva_83; sete ocorrências de itálicos de ênfase no TF e cinco em cada TT; os itálicos de diferenciação totalizam 222 ocorrências em TFA_Achebe, 232 em TFA_Antunes_Rego, e 289 em TFA_CostaeSilva_83. Portanto, em ambos os TTs, houve aumento do número de itálicos de distinção e diferenciação, e diminuição do número de itálicos de ênfase em relação ao TF. Constatou-se que mais de 90% dos itálicos em cada um dos textos do *corpus* deste estudo foram utilizados com a função de diferenciação, corroborando os resultados em Saldanha (2005). Os resultados acima, portanto, apresentaram a frequência de uso de itálicos no *corpus* investigado, respondendo à primeira pergunta de pesquisa. Devido ao recorte de enfoque nos ILEs deste estudo, e à investigação dos itálicos ter

tido por finalidade encontrar esses ILEs no *corpus*, doravante a análise se concentrou nos itálicos de diferenciação.

A investigação do uso de itálicos constatou que todos os itálicos de diferenciação do *corpus* foram usados para marcação de ILEs; em TFA_Achebe, representaram 93,67% das ocorrências de itálicos; esta porcentagem caiu para 91,33% em TFA_Antunes_Rego e aumentou para 94,75% em TFA_CostaeSilva_83. Esses números também são condizentes com os resultados de Saldanha (2005) e Magalhães e Blauth (2015), e permitem confirmar o primeiro pressuposto teórico de que os itálicos são usados em sua maioria com a função de diferenciação de ILEs.

Em TFA_Antunes_Rego, 232 ocorrências de itálicos marcando ILEs significaram um aumento de 4,50% em relação ao TF; este aumento foi ainda maior em TFA_CostaeSilva_83, em que 289 representam 30,18%. O aumento de ocorrências de itálicos de diferenciação em TFA_Antunes_Rego deveu-se ao acréscimo de um ILE distinto, *ewuro*, com quatro ocorrências, que não existe em TFA_Achebe e que os tradutores decidiram marcar com itálicos, além do acréscimo de ocorrências de outros ILEs já existentes e já marcados por itálicos no TF. Costa e Silva decidiu acrescentar itálicos às ocorrências dos ILEs *Afo*, *egusi*, *Eke*, *foo-foo* e *udala* – que estão presentes em TFA_Achebe, no entanto, sem marcação de itálicos. Ademais, optou por trazer do TF e destacar com itálicos a palavra *compound*, que não é ILE no TF e, a princípio, poderia ter equivalente em português.

A análise do uso de itálicos de diferenciação para marcar ILEs em TFA_Achebe permitiu confirmar que Achebe utilizou itens lexicais em ibo para designar entes da realidade ibo, os quais pertencem ao domínio extralinguístico e se referem à natureza, a objetos do cotidiano, e a conceitos inerentes à sociedade e à ideologia do povo ibo.³⁵ No texto pós-colonial do *corpus* os ILEs também têm a função de marcar diferenças culturais e promover o engajamento do leitor com a cultura fonte, necessário para interpretá-los. Neste ponto da pesquisa, essa constatação é ainda parcial porque a investigação partiu dos ILEs marcados por itálicos, não obstante, condiz com o pressuposto de que o uso de ILEs em textos literários pós-coloniais é motivado e constitui subsídio para explicar tal motivação.

Investigando-se os itálicos no TF, constatou-se que Achebe não italicizou os ILEs referentes à comida – *egusi* e *foo-foo* -, entes da natureza - *udala* - e dias da semana – *Afo* e *Eke*. Há uma ocorrência de *Oye* - nome de um dos quatro dias da semana - que está italicizada, mas este uso de itálicos foi classificado como de ênfase, como pode ser visto pelo

³⁵ O Anexo B apresenta o glossário em TFA_Antunes_Rego e as notas do tradutor referentes aos ILEs/ICEs nos dois TTs.

cotexto, apresentado no exemplo (12), a seguir. Esses ILEs expressam realidades com as quais o colonizador está familiarizado e provavelmente não foram considerados tão diferentes para serem marcados com itálicos como outros ILEs que expressam, por exemplo, realidades da cultura ideológica ibo, não compartilhadas pelo colonizador.

(12) "On what market-day was it born?" he asked.

"Oye," replied Okonkwo.

"And it died this morning?"

Okonkwo said yes, and only then realized for the first time that the child had died on the same market-day as it had been born. The neighbors and relations also saw the coincidence and said among themselves that it was very significant.

Em TFA_Antunes_Rego, os tradutores seguiram o padrão de marcação de ILEs com itálicos do TF, exceto quando introduziram o ILE *ewuro* - referente a uma planta usada na culinária - pois tomaram a decisão de marcá-lo com itálicos, divergindo do procedimento usado no TF. Em relação aos ILEs referentes à comida, a tradução para o português europeu apresentou outras mudanças, as quais serão discutidas adiante, quando da classificação dos ILEs com base nas categorias gerais.

Em TFA_CostaeSilva_83, houve normalização do uso de itálicos com a decisão da tradutora de italicizar no TT ILEs que não estavam italicizados no TF. Essa decisão estilística, ao mesmo tempo em que conforma o TT às normas de uso de itálicos da língua alvo, culturalmente intensifica a diferença nos ILEs que o autor do TF havia decidido atenuar. Ao diferir da estratégia de italicização de ILEs do autor, a tradutora acarretou mudança de significado no TT. A decisão de Costa e Silva é condizente com o pressuposto (9) de que os tradutores atuais tendem a naturalizar linguisticamente, ou seja, aproximar o TT das normas da língua alvo, e a torná-los exóticos socioculturalmente, distanciando-os da cultura alvo.

O Quadro 6, a seguir, mostra exemplos em que ocorrem acréscimos de ILEs e de itálicos nos ILEs nos TTs.

Quadro 6: Exemplos de acréscimo de itálicos e de ILEs nos TTs

	TFA_Achebe	TFA_Antunes_Rego	TFA_CostaeSilva_83
(13)	bitter-leaf soup	sopa de folhas amargas de <i>ewuro</i>	sopa de folha-amarga
(14)	on every other Afo day	dia Afo sim dia Afo não	nos dias de <i>Afo</i>
(15)	outside their compound	do lado de fora do recinto	quase ao lado do

			<i>compound</i>
(16)	egusi soup	sopa de egussi	sopa de <i>egusi</i>

Fonte: A autora

3.3 Resultados da classificação dos ILEs com base nas categorias gerais, adaptadas de Saldanha (2005, 2011a)

Com o objetivo de descrever os padrões de uso dos ILEs nos TTs em relação a esses padrões no TF e responder à segunda pergunta de pesquisa sobre a frequência de ILEs no *corpus*, as linhas de concordância de cada texto contendo ILEs, as quais haviam sido alinhadas segundo os procedimentos descritos na subseção Procedimentos de classificação dos ILEs baseada nas categorias gerais adaptadas de Saldanha (2005, 2011a), foram analisadas.

Constatou-se que o preenchimento das lacunas do quadro de linhas de concordância alinhadas acarretou a inclusão de ILEs que não haviam sido marcados por itálicos. Em TFA_Achebe foram encontrados 22 ILEs não italicizados, e em TFA_Antunes_Rego, quatro; não foram encontrados ILEs não italicizados em TFA_CostaSilva_83. Assim sendo, o total de ocorrências de ILEs em TFA_Achebe e TFA_Antunes_Rego é maior que o número de ocorrências de ILEs marcados por itálicos nesses textos. Em TFA_CostaSilva_83, esses números são iguais, confirmando que todas as ocorrências de ILEs encontradas estão marcadas por itálicos. Apesar de terem sido encontrados ILEs não marcados por itálicos, o número de ILEs marcados por este recurso tipográfico (Tabela 2, acima) responde afirmativamente à pergunta de pesquisa 3 e confirma o pressuposto teórico 2 de que a maioria dos ILEs nos textos do *corpus* estão italicizados.

Seguindo os critérios estabelecidos na subseção ILEs e ICEs em tradução desta dissertação, foi encontrado um total de 771 ocorrências de ILEs em todo o *corpus* de estudo, sendo 526 nos TTs; os TTs totalizam 104.459 itens (*tokens*). Esses números não corroboram os resultados de Saldanha (2005, p. 144) que encontrou um total de 112 ocorrências de ILEs num *corpus* com 358.521 itens, mas confirmam a alta ocorrência de ILEs/ICEs em TFA. Outra constatação a que se chegou é que os ILEs nos TTs do presente estudo são em grande maioria na língua de uma terceira cultura, a qual é retratada nos textos. Dos 57 ILEs distintos encontrados em TFA_CostaSilva_83, apenas *compound* é na língua do TF, e *kotma* e *sah* são em pidgin. TFA_Antunes_Rego, com 54 ILEs distintos, apresenta os mesmos itens em pidgin que a tradução para o português brasileiro, mas não possui nenhum ILE na língua do TF. Esse

resultado também difere dos de Saldanha (2005) e Frankenberg-Garcia (2005), respondendo negativamente à quarta pergunta de pesquisa e contradizendo o terceiro pressuposto teórico de que a maioria dos ILEs nos TTs são na língua do TF. Ambos os resultados, no entanto, são condizentes com os de Igboanusi (2001), o qual identificou “um número impressionante de empréstimos do ibo nos romances” (IGBOANUSI, 2001, p. 57)³⁶; respondem, portanto, à quinta pergunta de pesquisa e confirmam o quarto pressuposto teórico de que há uma alta frequência de itens lexicais em ibo no *corpus* desta pesquisa, compilado com um texto literário pós-colonial nigeriano em língua inglesa.

Visando identificar a estratégia geral utilizada para a tradução dos ILEs nos dois TTs, procedeu-se à classificação das ocorrências de ILEs nos TTs com base das categorias adaptadas de Saldanha (2005, 2011a) e realizada com o suporte das linhas de concordância. Os resultados quantitativos dessa classificação são apresentados na Tabela 3, a seguir.

Tabela 3: Resultados quantitativos da classificação das ocorrências de ILEs nos TTs com base nas categorias de procedimentos gerais

	Total de ILEs	Número de ILEs trazidos do TF	Número de ILEs traduzidos	Número de ILEs omitidos	Número de ILEs acrescentados
TFA_Achebe	245				
TFA_Antunes_Rego	237 100%	213 89,87%	20 8,43%	2 0,84%	14 5,90%
TFA_CostaeSilva_83	289 100%	230 79,58%	12 4,15%	6 2,07%	62 21,45%

Fonte: A autora, com adaptações de Saldanha (2005, 2011a)

Os resultados da Tabela 3 mostram que TFA_Antunes_Rego possui número total de ILEs menor e TFA_CostaeSilva_83 maior do que o número de ILES encontrado no TF, respectivamente 96,73% e 117,95% e respondem à sétima pergunta de pesquisa sobre a frequência dos procedimentos de tradução utilizados nos TTs.

Em TFA_Antunes_Rego 89,87% das ocorrências são de ILEs trazidos do TF, em TFA_CostaeSilva_83 essa frequência é de 79,58%, demonstrando que esse é o procedimento mais utilizado com dos ILEs em ambos os TTs. Esses resultados são condizentes com os

³⁶ No original: [...] an impressive number of loan-words from Igbo in the novels.

resultados em Saldanha (2005) e Frankenberg-Garcia (2005) e confirmam o sexto pressuposto teórico de que o procedimento mais utilizado com os ILEs é trazê-los do TF.

O procedimento menos utilizado, em ambos os TTs, é a omissão de ocorrências de ILEs; com 0,84% de frequência no TT para o português europeu e 2,07% no TT para o português brasileiro. O procedimento tradução é mais utilizado em TFA_Antunes_Rego do que em TFA_CostaSilva_83, 8,43% no primeiro e 4,15% no segundo; e o número de ILEs acrescentados é bem maior em TFA_CostaSilva_83 - 21,45% - do que em TFA_Antunes_Rego - 5,90%.

O menor número de ILEs em TFA_Antunes_Rego em relação ao TF se deve principalmente às 20 ocorrências de ILEs traduzidas, uma vez que são realizadas apenas duas omissões de ocorrências de ILEs. As ocorrências de tradução de ILEs em TFA_Antunes_Rego podem ser vistas na Figura 2, a seguir.

Figura 2: Ocorrências de ILEs traduzidas em TFA_Antunes_Rego

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T
1	egusi	Havia fufu e caldo de inhame, sopa de egussi e de folhas amargas de <i> ewuro </i> e vasilha atrás de vasilha de vinho de palma.																		
2	egusi	Algumas pessoas comeram-no com a sopa de egussi e outras com sopa de folhas amargas de <i> ewuro </i>.																		
3	foo-foo	Fufu de inhame e sopa de legumes eram os pratos principais da celebração.																		
4	foo-foo	E contava-se sempre a história de um homem abastado que colocara frente aos seus convidados um monte de fufu tão alto que os que estavam sentados de um dos lados não conseguiam ver o qu																		
5	foo-foo	mas sim como o homem da canção que tivera dez e uma mulheres mas nunca sopa suficiente para o seu fufu .																		
6	foo-foo	Quando isso acontecia, cada uma levava a sua tigela de fufu e de sopa ao marido.																		
7	foo-foo	Quase de imediato, esta entrou com uma enorme tigela de fufu .																		
8	foo-foo	Ainda esta manhã -- disse Obierika -- Okonkwo e eu estivemos a falar sobre Abame e Aninta, onde homens titulados trepam às árvores e moem fufu para as mulheres.																		
9	foo-foo	Ezinma e a mãe estavam sentadas numa esteira no chão depois do jantar de fufu de inhame e sopa de folhas amargas de <i> ewuro </i>.																		
10	foo-foo	O mundo estava silencioso, à excepção dos estridentes zunidos dos insectos, que faziam parte da noite, e do som do pilão e almofariz de madeira enquanto Nwayieke moía o seu fufu .																		
11	foo-foo	As panelas iam e vinham e o fufu era moído em centenas de almofarizes de madeira.																		
12	foo-foo	Os jovens molam o fufu ou radiavam madeira.																		
13	foo-foo	Havia enormes tigelas de fufu e panelas fumegantes de sopa. Havia também panelas de caldo de inhame. Era um grande festim.																		
14	foo-foo	Havia fufu e caldo de inhame, sopa de egussi e de folhas amargas de <i> ewuro </i> e vasilha atrás de vasilha de vinho de palma.																		
15	foo-foo	O caldo de inhame foi servido primeiro, por ser mais leve que o fufu e porque o inhame vinha sempre primeiro.																		
16	foo-foo	Foi servido então o fufu .																		
17	iba	disse Okonkwo e pegou no seu machete e correu para o mato para reunir as folhas, ervas e cascas de árvore usadas na confecção do medicamento para a febre .																		
18	sah	Sim, senhor -- disse o beleguim fazendo continência.																		
19	udala	Nwoye pensara de imediato em Nwayieke, que vivia perto da macieira .																		
20	udala	Quando chegou perto da grande macieira , Ezinma virou à esquerda em direcção ao mato, e a multidão seguiu-a.																		

Fonte: A autora

Noventa por cento das ocorrências de ILEs traduzidas em TFA_Antunes_Rego correspondem a todas as ocorrências de *egusi*, *foo-foo*, e *udala* presentes no TF. Como mencionado anteriormente, esses ILEs não haviam sido marcados com itálicos no TF, e a decisão dos tradutores Antunes e Rego de traduzi-los, embora seja um procedimento diferente do empregado no TF, concorre com a decisão de Achebe no sentido de atenuar a diferença em relação ao Outro. A categoria traduzidos (Saldanha 2005), assim como as demais adotadas nesta etapa da pesquisa, é bastante ampla e não contempla especificidades como o fato de *egussi* e *fufu* poderem ser consideradas adaptações ortográficas, e *udala* não ser exatamente uma *macieira*.

Em TFA_CostaeSilva_83, 50% das 12 ocorrências traduzidas são do item *ogene*, que teve todas as seis ocorrências traduzidas por *agogô*. Os outros ILEs que se referem a instrumentos musicais – *ekwe* e *udu* – foram trazidos do TF, porém acrescentados de apostro explicativo na primeira ocorrência, onde os três itens coocorrem. Os ILEs *foo-foo*, *ozo*, *sah* e *udala* também tiveram ocorrências traduzidas, o primeiro foi traduzido três vezes e os demais uma vez cada. Constatou-se que as duas primeiras ocorrências de *foo-foo* foram traduzidas antes que o ILE começasse a ser trazido do TF. É possível que esta tenha sido uma tentativa da tradutora de familiarizar o leitor com o item, possibilitada pelo fato do ILE ocorrer com frequência em contextos similares. *Udala* também foi traduzida em sua primeira ocorrência no TT e trazida do TF na segunda ocorrência. *Sah* é ILE em pidgin e não em ibo, nos dois TTs ele foi traduzido, porém Costa e Silva manteve o traço dialetal, utilizando o equivalente *siô*, enquanto Antunes e Rego optaram por apagar este traço, utilizando *senhor*. Constatou-se, portanto, que os tradutores tomaram decisões diferentes quanto aos ILEs a serem traduzidos, e também quando traduziram ocorrências de um mesmo ILE. Essas decisões não foram determinadas pelo sistema da língua alvo.

O elevado número de ocorrências de ILEs em TFA_CostaeSilva_83 em relação aos outros dois textos se explica principalmente pelo item *compound*; os demais acréscimos foram para ocorrências dos ILEs *egwugwu*, *iyi-uwa*, *ogbanje* e *osu*, abordadas na subseção sobre análise coesiva. *Compound* foi transformado em ILE no TT e marcado com itálicos. Esse item não é palavra estrangeira no TF, nem em TFA_Antunes_Rego, em que foi traduzido por *recinto*, *casa* e *redil*, mas constitui ILE acrescentado em TFA_CostaeSilva_83, com 53 ocorrências. No TF, foram constatadas 60 ocorrências do item *compound*, indicando que Costa e Silva utilizou outros procedimentos para tratar as demais ocorrências de *compound* do TF.

Compound é um empréstimo decalcado, tanto fonologicamente quanto grafologicamente, do malaio para o inglês. Verbetes³⁷ do Collins English Dictionary, Merriam-Webster Dictionary, American Heritage Dictionary of the English Language e Random House Kernerman Webster's College Dictionary confirmam que o item lexical *compound* foi incorporado ao inglês do malaio, é de etimologia folclórica, originalmente *kampung*, com os significados *village*, *collection*, *gathering*. *Compound* foi utilizado em

³⁷ Os verbetes são apresentados no Anexo A.

contextos coloniais britânicos para designar “*a separate area, usually fenced or walled, containing residences, business offices, barracks, or other structures*”.³⁸

Na nota do tradutor para o item *compound* em TFA_CostaSilva_83, lê-se: conjunto de habitações onde mora uma família, normalmente cercado ou murado. O elevado número de repetições desse item no TT, seu significado estabelecido no contexto cultural colonial e o fato de poder ser considerado um empréstimo do malaio podem ter contribuído para a decisão da tradutora de trazer o item do TF ao invés de utilizar *complexo*, item equivalente disponível em português.

Os procedimentos utilizados pela tradutora Costa e Silva com as demais ocorrências de *compound* senão aquelas trazidas do TF são apresentados na Figura 3, a seguir. Seguindo as decisões metodológicas em relação ao item lexical *compound*, essas ocorrências foram anotadas e analisadas, mas não foram contabilizadas nos resultados quantitativos da classificação das ocorrências de ILEs nos TTs, porque tecnicamente *compound* não é ILE no TF.

Figura 3: Demais procedimentos utilizados com ocorrências de *compound* em TFA_CostaSilva_83

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q															
1	tradução	pergun	ti	à	segunda	esposa,	que	saia	de	sua	cabana,	para	tirar	água	de	um	gigantesco	pote	que	ficava	à	sombra	de	uma	árvore	pequenina,	no	meio	do	terreiro.		
2	tradução	Ekwe	fi	colocou	algumas	bragas	num	caco	de	barro	e	Ezinma	levou-as,	pelo	terreiro	recém-	varrido,	até	à	casa	da	mãe	de	Nwoye.								
3	tradução	Um	silêncio	de	morte	baixou	sobre	o	terreiro	de	Okonkwo.																					
4	tradução	O	rapaz	sorriu,	apertou	a	mão	de	Okonkwo	e	saiu	para	o	terreiro.																		
5	tradução	Maduka	saiu	como	um	raio	na	direção	do	terreiro.																						
6	omissão	Os	vizinhos	de	Okonkwo	ouviram	os	gritos	da	mulher	e	perguntaram,	por	cima	do	muro	[do	compound],	o	que	estava	acontecendo.										
7	omissão	Nesse	preciso	momento,	o	filho	de	Obierika,	Maduka,	entrou	no	<i>	obi	</i>,	cumprimentou	Okonkwo	e	fez	menção	de	afastar-se	[em	direção	ao	compound].							
8	omissão	Ali,	ele	e	a	família	morariam,	até	que	pudesse	construir	outras	cabanas	e	o	muro	exterior	[de	seu	compound].												
9	omissão	Mas,	no	momento	em	que	os	três	ou	quatro	primeiros	<i>	egwugwus	</i>	apareceram	nas	proximidades	da	igreja,	ele	esteve	à	pique	de	sair	fugindo,	em	disparada.				
10	acrésimo	O	choro	estava	agora	muito	perto,	e	a	fieira	de	crianças	entrou	no	<i>	compound	</i>,	com	bilhas	de	vários	tamanhos	à	cabeça,	de	acordo	com	a	idade	de	cada	uma.
11	acrésimo	Atravessou	a	correr	a	casa	de	Okonkwo	e	saiu	do	<i>	compound	</i>.																		

Fonte: A autora

Verifica-se, na Figura 3, que Costa e Silva optou por traduzir cinco das ocorrências de *compound* por *terreiro*; Antunes e Rego traduziram as mesmas ocorrências por *recinto*. Há dois acréscimos que deixaram o TT mais claro e quatro ocorrências em que a tradutora deixou de trazer o item *compound* do TF, mas que não acarretaram prejuízo ao entendimento, o qual é facilitado pelo contexto. A decisão da tradutora de não trazer as quatro ocorrências pode ser vista como uma tentativa de economia de linguagem para compensar outras mudanças em sentido contrário realizadas no decorrer do texto, como acréscimos de ILEs e explicitações.

³⁸ Random House Kernerman Webster's College Dictionary, © 2010 K Dictionaries Ltd. Copyright 2005, 1997, 1991 by Random House, Inc.

Quanto às omissões propriamente ditas, embora seja o procedimento menos utilizado em ambos os TTs, constataram-se diferenças. Em TFA_Antunes_Rego houve omissão apenas de uma ocorrência dos ILEs *iyi-uwa* e *obi*, os quais continuaram existindo no TT. Já em TFA_CostaeSilva_83, além da omissão de uma ocorrência dos ILEs *egwugwu*, *iyi-uwa*, *obi* e *obodo dike*, os quais também continuaram existindo no TT, todas as ocorrências *uli* foram omitidas, acarretando o desaparecimento do ILE no TT. Os acréscimos e omissões são retomados e discutidos na análise coesiva realizada na terceira etapa desta pesquisa.

A descrição dos usos de ILEs nos TTs acima apresentada comparou e contrastou esses usos nas duas traduções e aos usos de ILEs no TF. Dessa forma, foi possível mostrar instâncias em que os tradutores portugueses e a tradutora brasileira fizeram mudanças em relação ao TF ou optaram por soluções diferentes na tradução dos ILEs. Essa discussão respondeu, portanto, à oitava pergunta de pesquisa e confirmou o sétimo pressuposto teórico de que os tradutores fazem escolhas diferentes para lidar com os mesmos problemas de tradução. Esse pressuposto será retomado nas etapas subsequentes desta dissertação.

Retomando a pergunta de pesquisa (9) sobre a possibilidade de distinguir a estratégia geral empregada pelos tradutores para a tradução dos ILEs nesta primeira etapa da pesquisa, embora os dados quantitativos gerados tenham mostrado que o procedimento mais frequente em ambos os TTs tenha sido trazer os ILEs do TF e, portanto, manter o uso desses itens semelhante ao TF, a análise das mudanças de tradução em relação aos ILEs mostrou tendências diferentes. TFA_Antunes_Rego apresentou uma tendência a seguir as normas da língua alvo, em que o menor número de ILEs nesse TT em relação ao TF deveu-se ao fato de o segundo procedimento mais utilizado ter sido a tradução de ILEs, a qual significa uma adequação à língua alvo. TFA_CostaeSilva apresentou um maior número de ILEs que o TF devido ao fato de o segundo procedimento mais utilizado ter sido o acréscimo de ILEs, principalmente através da transformação do item *compound* em item lexical estrangeiro no TT. Isso demonstra uma maior criatividade por parte da tradutora e uma menor interferência do TF no TT. Por outro lado, a italicização de todos os ILEs no TT para o português brasileiro também demonstra uma tendência à normalização linguística. Esta pergunta será retomada nas etapas seguintes da pesquisa até que se possa respondê-la de forma mais abrangente e a resposta global permita um posicionamento em relação ao pressuposto 8.

No decorrer desta etapa de pesquisa, ficou claro que a classificação dos ILEs baseada nas categorias gerais não conseguiu demonstrar a complexidade das escolhas dos tradutores

em relação aos ILEs. A proposta inicial desta pesquisa era trabalhar com a metodologia de Saldanha (2005; 20011a) dentro dos ETBC, mas os resultados obtidos com a manipulação do *corpus* demandaram um reajuste metodológico. O fator determinante foi a tipologia textual do *corpus* da presente pesquisa que não confirmou certos resultados em Saldanha (2005), Frankenberg-Garcia (2005) e Magalhães e Blauth (2015). A diferença crucial não foi apenas na quantidade bem mais elevada de ILEs presentes no *corpus* deste estudo, o que é profícuo para análise, mas principalmente a natureza desses itens, pertencentes a uma terceira língua e conseqüentemente a uma terceira cultura. Os textos pós-coloniais apresentam características específicas e motivação diferenciada de outros tipos de texto para o emprego de ILEs e, por essas razões, a tradução dessas marcas culturais requer também procedimentos específicos, diversos daqueles aplicados à tradução de outros tipos textuais. Dessa forma, a presente pesquisa se alinha com os estudos acima mencionados no sentido de preencher esta lacuna, ou seja, investigar textos pós-coloniais, tendo como base estudos anteriores que confirmam a alta frequência de ILEs nesse tipo de texto.

Para tanto, buscaram-se teorias e procedimentos para lidar com os ILEs que expressam realidades culturais específicas. Diversas categorias de análise foram estudadas e consideradas dentre os quais Nida (1945), Vinay e Dalbernet (1975), Aixelá (1996), Molina e Albir (2002), Aubert (2003), Davies e Scott-Tennent (2005), e Aubert (2006); com a escolha das categorias de Aixelá (1996), mais adequadas ao presente estudo, as demais foram descartadas.

A próxima subseção apresenta e discute os resultados da classificação dos ILEs com base em categorias específicas, adaptadas de Aixelá (1996).

3.4 Resultados da classificação dos ILEs/ICEs com base nas categorias específicas, adaptadas de Aixelá (1996)

Esta seção apresenta os resultados quantitativos e discute os resultados da análise das linhas de concordância dos TTs com base nos procedimentos específicos para tradução dos ICEs, adaptados de Aixelá (1996), descritos na subseção Procedimentos de classificação dos ILEs com base nas categorias específicas, adaptadas de Aixelá (1996).

Considerando-se as especificidades das marcas culturais nos textos pós-coloniais, as quais determinaram ajustes na metodologia de pesquisa, a análise das linhas de concordância

contendo os ILEs visou também verificar quais desses ILEs eram ICEs. Tendo adotado o conceito de item cultural específico proposto em Aixelá (1996), o presente estudo constatou que todos os ILEs, em todos os textos do *corpus* do presente estudo, são ICEs. Isso porque a definição de ICE em Aixelá (1996) abrange não apenas os itens sem equivalente no sistema cultura-alvo, mas também aqueles que mesmo presentes em tal sistema, possuem valor intertextual diferente daquele a eles atribuído na cultura-fonte. Essa constatação permite um avanço dos estudos desenvolvidos em Saldanha (2005, 2011a), Frankenberg-Garcia (2005) e Magalhães e Blauth (2015), justificando a adoção da metodologia ora seguida.

Objetivando identificar a estratégia geral utilizada pelos tradutores para a tradução dos ICEs, procedeu-se à classificação desses itens com base nas categorias específicas de análise, adaptadas de Aixelá (1996) e complementadas com as categorias omissão e acréscimo de Saldanha (2005, 2011a). A Tabela 4, a seguir, apresenta as frequências absolutas e relativas referentes à utilização dos procedimentos de tradução dos ICEs em cada TT.

Tabela 4: Resultados quantitativos da classificação dos ICEs nos TTs com base nas categorias de procedimentos específicos

Procedimento		TFA_Antunes_Rego		TFA_Costaesilva_83	
Conservação	Repetição	53	76,81%	55	54,45%
	Adaptação ortográfica	02	3,77%	-	-
	Glosa extratextual	03	5,66%	25	24,75%
	Glosa intratextual	-	-	06	5,94%
Substituição	Sinonímia	02	3,77%	06	5,94%
	Universalização absoluta	01	1,44%	-	-
	Eliminação	-	-	01	0,99%
	Criação autônoma	01	1,44%	-	-
	Omissão	02	3,77%	03	2,97%
	Acréscimo	05	9,43%	05	4,95%
	Total	69	100%	101	100%

Fonte: A autora, com adaptações de Aixelá (1996) e Saldanha (2005, 2011a)

Os dados quantitativos da Tabela 4 respondem à pergunta de pesquisa (7) sobre a frequência dos procedimentos de tradução utilizados nos TTs nesta etapa da pesquisa. Constatou-se que o TT para o português brasileiro apresentou maior número total de escolhas - 101 - para a tradução dos ICEs do que o TT para o português europeu - 69 -, embora o

primeiro tenha utilizado número menor de procedimentos distintos para fazê-las do que o segundo, sete e oito respectivamente. O procedimento que predominou em ambos os TTs foi a repetição do ICE. Em TFA_Antunes_Rego, o segundo procedimento mais utilizado foi acréscimo, seguido por glosa extratextual, e em TFA_CostaeSilva_83, glosa extratextual foi o segundo procedimento mais utilizado, seguido por glosa intratextual e sinonímia. Os procedimentos adaptação ortográfica, sinonímia e omissão ficaram em quarto lugar em frequência de utilização em TFA_Antunes_Rego, e a menor frequência de utilização foi a dos procedimentos universalização absoluta e criação autônoma. Em TFA_CostaeSilva_83, a quarta frequência de utilização foi do procedimento acréscimo, seguido por omissão; o procedimento menos utilizado foi eliminação. A tradução para o português europeu não utilizou os procedimentos eliminação e glosa intratextual, enquanto que a tradução para o português brasileiro não utilizou adaptação ortográfica, universalização absoluta, e criação autônoma.

Quanto à repetição, verificou-se que, embora esse procedimento tenha sido aplicado a um número maior de ICEs distintos em TFA_CostaeSilva_83, ele foi mais utilizado em TFA_Antunes_Rego, totalizando 76,81% das escolhas dos tradutores. Além disso, no TT para o português europeu, a repetição apresentou frequência de uso 10,6 vezes maior do que a do próximo procedimento mais usado, confirmando a grande preferência dos tradutores por esse procedimento. Na tradução brasileira, embora a repetição também tenha sido o procedimento mais frequente, representando 54,45% das escolhas da tradutora, a diferença na frequência de uso em relação ao próximo procedimento foi menos acentuada, 2,2 vezes maior. Repetição é o procedimento que mais aproxima o TT do TF porque conserva ao máximo o ICE. Os números indicam, portanto, que TFA_Antunes_Rego tem mais interferência do TF do que TFA_CostaeSilva_83, e contribuem para corroborar a segunda hipótese desta pesquisa.

Constatou-se através da análise das linhas de concordância classificadas na categoria repetição que mesmo quando repetiram os ICEs os tradutores por vezes tomaram decisões diferentes. Em TFA_CostaeSilva_83 a tradutora pluralizou quatro ICEs distintos – *chi*, *compound*, *egwugwu* e *ogbanje*. Em TFA_Antunes_Rego ocorreram expansões com mudanças de ordem em relação à mesma ocorrência do ICE no TF. Tais mudanças são mostradas no Quadro 7, a seguir.

Quadro 7: Mudanças em relação à repetição de ICEs

	TFA_Achebe	TFA_Antunes_Rego	TFA_CostaeSilva_83
(17)	Everybody was killed, except the old and the sick who were at home and a handful of men and women whose <i>chi</i> were wide awake and brought them out of that market.	Mataram toda a gente, excepto os idosos e os doentes, que haviam ficado em casa, e uma mancheia de homens e mulheres cujo <i>chi</i> estava bem acordado e os fez sair do mercado.	Todos morreram, exceto os velhos e os doentes, que tinham ficado em casa, e mais um punhado de homens e mulheres cujos <i>chis</i> estavam bem acordados e os fizeram sair do mercado.
(18)	The only work that men did at this time was covering the walls of their <i>compound</i> with new palm fronds.	Não se aplica.	A única tarefa que os homens executavam naquela época do ano era a de recobrir os muros de seus <i>compounds</i> com novas folhas de palmeira.
(19)	Ajofia was the leading <i>egwugwu</i> of Umuofia.	Ajofia era o <i>egwugwu</i> dominante de Umuofia.	Ajofia era o líder dos <i>egwugwus</i> de Umuófia.
(20)	Women and children returning from the stream with water on their heads wondered what was happening until they saw Okagbue and guessed that it must be something to do with <i>ogbanje</i> .	Mulheres e crianças que regressavam do ribeiro com cântaros de água à cabeça interrogaram-se sobre o que se passava até verem Okagbue e depois supuseram que deveria ser alguma coisa a ver com a <i>criança ogbanje</i> .	Mulheres e crianças que regressavam do rio com bilhas d'água à cabeça, ficavam a olhar, a tentar descobrir o que acontecera, até que viam Okagbue e imaginavam logo tratar-se de algo relacionado com <i>ogbanjes</i> .
(21)	"In those other clans you speak of, <i>ozo</i> is so low that every beggar takes it."	Nesses outros clãs de que falas, o título de <i>ozo</i> é tão vulgar que qualquer pedinte o toma.	Não se aplica.

Fonte: A autora

Foram contabilizadas 32 ocorrências de ICEs pluralizados em TFA_CostaeSilva_83, as quais conformam os ILEs às normas da língua alvo. Em TFA_Antunes_Rego, foram duas as instâncias de expansão.

No exemplo (17) verifica-se que Achebe utilizou a forma *chi*, porém o verbo no plural, de onde é possível inferir que o ICE encerra a ideia de plural, mas que em ibo não se expressa o plural através do acréscimo de s; Antunes e Rego mantiveram o ICE como no TF, escolhendo utilizar o determinante relativo e o verbo no singular, o que causou mudança de significado no TT; Costa e Silva manteve o mesmo significado do TF, para tanto, utilizou o determinante relativo e o verbo no plural, e decidiu concordar o ILE com eles, acrescentando-lhe um s, de acordo com a norma da LA.

No exemplo (18), Achebe utilizou *compound* no singular, pode-se cogitar que este seja um uso de mesoleta, como explicado em Bamiro (2006), revisado na seção Literatura pós-colonial e estratégias linguísticas em textos pós-coloniais. Costa e Silva, a qual transformou este item em ILE no TT, preferiu adequá-lo às normas do português, utilizando a forma plural, que no caso também existe na LF. Antunes e Rego não utilizaram o procedimento repetição para essa ocorrência do ICE.

No exemplo (19), Achebe utilizou o ICE como núcleo do grupo nominal o qual tem como pré-modificadores um dêitico e um classificador; Antunes e Rego seguiram a escolha do autor do TF; no entanto, em português, essa opção não marcada foi realizada por um dêitico, o núcleo do grupo nominal, seguido pelo classificador; Costa e Silva utilizou o ICE como qualificador do grupo nominal, composto por um dêitico, o núcleo e o qualificador, realizado por uma frase preposicionada a qual demandou o plural. A escolha da tradutora, além de adequar a forma do ILE às normas do português, retira a proeminência do ICE.

No exemplo (20), considerando o ICE no TF na ordem da palavra, verifica-se que a escolha em TFA_Antunes_Rego acarretou uma expansão, formando um grupo nominal no qual o ICE passa a ser o classificador. Embora Achebe tenha utilizado apenas *ogbanje* nessa ocorrência, na terceira ocorrência do ICE, ele havia empregado *ogbanje children*, considerado por Igboanusi (2001) um *loan-blend*. Como explicado anteriormente, esse procedimento, recorrente em TFA_Achebe, faz parte da estratégia utilizada pelo autor para lidar com os ICEs, a qual facilita o entendimento do item, sem revelar seu significado cultural. Portanto, a decisão em TFA_Antunes_Rego conforma com a estratégia utilizada por Achebe. Em TFA_CostaSilva_83, o ICE foi pluralizado seguindo a norma da LA, o que atribuiu um sentido mais amplo a *ogbanje*.³⁹

Em (21), Antunes e Rego também realizaram uma expansão em relação ao TF, mas desta vez o ICE passou a ser o qualificador no grupo nominal, realizado através de frase preposicionada. Nessa ocorrência, Achebe utilizou somente o item *ozo*, porém, nas duas ocorrências anteriores do ICE, ele havia empregado o *loan-blend ozo title*. Desta forma, esta expansão em TFA_Antunes_Rego também concorre com a estratégia utilizada por Achebe para inserção do vocabulário ibo. As escolhas de Antunes e Rego mostradas nos exemplos (20) e (21), apesar de retirarem a proeminência do ICE no grupo nominal, contribuiram para

³⁹ No glossário de TFA_Achebe consta a seguinte entrada: *ogbanje*: a changeling; a child who repeatedly dies and returns to its mother to be reborn. It is almost impossible to bring up an *ogbanje* child without it dying, unless its *iyi-uwa* is first found and destroyed. (ACHEBE, 1994, p.)

um entendimento mais fácil do mesmo. Costa e Silva não utilizou o procedimento repetição para essa ocorrência do ICE.

O procedimento acréscimo em TFA_Antunes_Rego, com frequência relativa de 9,43%, foi utilizado com os ICEs *Afo*, *egwugwu*, *ilo*, *obi* e *osu*, como mostram os exemplos do Quadro 8, a seguir. Diferentemente da etapa anterior desta pesquisa, o ICE *ewuro* não foi incluído nessa categoria.

Quadro 8: Utilização do procedimento acréscimo em TFA_Antunes_Rego

	TFA_Achebe	TFA_Antunes_Rego
(22)	They have a big market in Abame on every other Afo day and, as you know, the whole clan gathers there.	Costuma haver um grande mercado em Abame dia Afo sim dia Afo não e, como sabem, todo o clã aí se reúne.
(23)	"They are strangers," he said, "and they are ignorant.	-- São forasteiros -- disse o egwugwu -- e são ignorantes.
(24)	But whenever they came to preach in the open marketplace or the village playground, Nwoye was there.	mas sempre que eles iam pregar ao mercado da aldeia ou ao ilo , Nwoye lá estava.
(25)	The women were screaming outside, afraid to go in.	Do lado de fora do obi as mulheres gritavam, receando entrar.
(26)	and they, in turn, could not shelter under his roof.	e estes, por sua vez, não se podiam abrigar debaixo do telhado de um osu .

Fonte: A autora.

No exemplo (22), o autor do TF utilizou uma frase preposicionada. No TT para o português europeu, a escolha dos tradutores foi quase um decalque da colocação em português dia sim, dia não, na qual o ICE foi introduzido duas vezes. No grupo nominal formado a partir dessa expansão, o significado do TF foi mantido e o ICE *Afo* funciona como classificador de dia, assim como no TF. Em TFA_CostaSilva_83, a tradutora preferiu manter a frase preposicionada, na qual de *Afo* é qualificador de dias. Tal escolha, apesar de conformar às normas do português, acarretou mudança de significado no TT, como mostrado a seguir.

- (27) Costumava haver uma grande feira em Abame, nos dias de *Afo*, quando todo o clã, como sabem, ali se reunia.

Nos exemplos (23), (25) e (26), os acréscimos de ICEs deixaram o TT mais claro que o TF, através da explicitação de *quem* disse em (23), do lado de fora de *onde*, em (25) e

debaixo do telhado *de quem* em (26). Em (25), houve também uma mudança temática, na qual uma estrutura não marcada no gerúndio em inglês foi substituída por outra marcada no português, tomando a circunstância como ponto de partida. No exemplo (24), a escolha pelo acréscimo do ICE, que substituiu um equivalente do ICE em inglês, acarreta no TT implicitação do significado expresso no TF.

Apesar do número de ocorrências acrescidas nos dois TTs ser o mesmo, a frequência relativa, que no TT para o português brasileiro é de 4,95%, mostra que esse procedimento foi mais utilizado em TFA_Antunes_Rego. Em TFA_CostaSilva_83, acréscimo foi utilizado com os ICEs *egwugwu*, *iyi-uwa*, *ogbanje(s)*, *osu* e *compound*, como ilustrado pelos exemplos do Quadro 9, a seguir.

Quadro 9: Utilização do procedimento acréscimo em TFA_CostaSilva_83

	TFA_Achebe	TFA_CostaSilva_83
(28)	and was only prevented from doing serious harm by two men who restrained him with the help of a strong rope tied round his waist.	e somente graças à ajuda de dois homens que conseguiram sujeitá-lo, amarrando-lhe uma grossa corda em volta da cintura, o <i>egwugwu</i> fora impedido de causar sérios danos.
(29)	she could not ignore the fact that some really evil children sometimes misled people into digging up a specious one.	não podia ignorar o fato de que algumas crianças verdadeiramente perversas algumas vezes induziam as pessoas em erro, levando-as a desenterrar um falso <i>iyi-uwa</i> .
(30)	In that way she will elude her wicked tormentor and break its evil cycle of birth and death.	Assim fazendo, ela conseguirá escapar às artes malvadas do <i>ogbanje</i> e se romperá esse ciclo maldito de nascimento e morte.
(31)	and they, in turn, could not shelter under his roof.	e estes, por sua vez, não poderiam jamais abrigar-se sob o teto de um <i>osu</i> .
(32)	The weeping was now quite close and soon the children filed in, carrying on their heads various sizes of pots suitable to their years.	O choro estava agora muito perto, e a feira de crianças entrou no <i>compound</i> , com bilhas de vários tamanhos à cabeça, de acordo com a idade de cada uma.

Fonte: A autora.

Considerando-se certa familiarização do leitor com os ICEs, todos os acréscimos de ICE em TFA_CostaSilva_83 contribuiriam para tornar o TT mais fácil de ser lido do que o TF, pois explicitaram os significados do TF. Os acréscimos concorrem para elevar o caráter exótico do texto pelo simples aumento do número de ocorrências do ICE no TT, o que, por outro lado, ajuda a tornar o texto coerente, devido a recursos de coesão que aparentemente deixam o texto mais “*tightly cohesive*” (Munday, 2002). As linhas de concordância contendo

acréscimos de ocorrências de ICEs foram retomadas para análise coesiva na terceira etapa da pesquisa.

Glosa extratextual foi o segundo procedimento mais utilizado em TFA_Costa e Silva_83 para tradução dos ICEs em língua estrangeira, com 24 ocorrências em forma de nota de rodapé/do tradutor e uma ocorrência entre parênteses. Isso significa que 24,75% das escolhas da tradutora para tradução dos ICEs são glosa extratextual. As glosas, especialmente as notas de rodapé/do tradutor, são a forma mais evidente da “presença mediadora” (Malmkjaer, 2004) do tradutor no texto; assim sendo, as escolhas de Costa e Silva tornaram-na bastante visível. Os itens que receberam glosa extratextual no TT para o português brasileiro podem ser vistos na Figura 4.

Figura 4: ICEs com os quais foi utilizado o procedimento glosa extratextual

	A	B
1	Procedimento	ICE
3	Glosa extratextual	Afo
9	Glosa extratextual	agbala do-o-o-o
14	Glosa extratextual	agbala ekeneo-o-o-o
19	Glosa extratextual	agbala ekene gi-o-o-o-o
21	Glosa extratextual	agbala cholu
23	Glosa extratextual	Aru oyim de de dei
41	Glosa extratextual	Chi negbu madu ubosindu ya nato ya uto daluo-o-o-o-o!
45	Glosa extratextual	compound
110	Glosa extratextual	egwugwu
111	Glosa extratextual	egwugwus
145	Glosa extratextual	Eke
148	Glosa extratextual	ekwe
156	Glosa extratextual	foo-foo
170	Glosa extratextual	ikenga
179	Glosa extratextual	inyanga
181	Glosa extratextual	isa-iji
185	Glosa extratextual	iyi-uwa
201	Glosa extratextual	kwenu
220	Glosa extratextual	obi
256	Glosa extratextual	ochu
285	Glosa extratextual	Oye
288	Glosa extratextual	ozo
295	Glosa extratextual	tufia-a
303	Glosa extratextual	umuada
310	Glosa extratextual	yaa

Fonte: A autora

O único ICE em que a glosa extratextual aparece entre parênteses e não como nota de rodapé/do tradutor é *yaa*.

Verificou-se que Costa e Silva não inseriu glosa extratextual para ICEs explicados por Achebe no texto através das estratégias de inserção do vocabulário ibo, evitando assim

redundância semântica. Por outro lado, as notas da tradutora refletem uma preocupação em transmitir elementos culturais ibos com precisão para seus leitores, como demonstrado através da comparação da definição do ICE *kwenu* no glossário de TFA_Achebe (33) e a nota da tradutora Costa e Silva (34) para o mesmo item:

- (33) *kwenu* a shout of approval and greeting.
- (34) Umófia kwenu - Povo de Umuófia, vamos ficar de acordo? (frase que, entre os ibos, o mais velho ou o mais importante dos membros do grupo deve sempre gritar, no começo de uma assembléia).

Tal explicação do ICE, que consiste em seu equivalente em português, seguido de sua contextualização, levou Costa e Silva a realizar outras mudanças de tradução no TF para o português brasileiro. A tradutora acrescentou glosa intratextual para o ICE e realizou mudança de pontuação, utilizando ponto de interrogação no TT, em cinco ocorrências nas quais o personagem mais velho ou mais importante se dirige ao grupo no início da assembleia. A glosa intratextual é mostrada mais adiante quando tal procedimento é abordado. A troca dos sinais de pontuação é mostrada nos exemplos (35) e (36), a seguir.

- (35) "*Umuofia kwenu*," he bellowed a fifth time, and the crowd yelled in answer.
-- *Umuófia kwenu?* -- clamou pela quinta vez, e a multidão gritou em resposta.
- (36) "*Umuofia kwenu!*"
-- *Umuófia kwenu?*

Segundo a linguística sistêmico-funcional de Halliday (1978, 1985, 1994, 2014), no sistema da língua inglesa, a interrogação representa grafologicamente a função pergunta na fala, e a exclamação representa grafologicamente funções de fala que podem ser comando, oferta, sugestão, exclamação, chamada e cumprimento. No sistema da língua portuguesa brasileira, segundo Tufano (2005), o ponto de interrogação é utilizado em indagações ou questionamentos, em frases interrogativas diretas. O ponto de exclamação expressa, na escrita, sentimentos diversos, como surpresa, espanto, alegria, em frases exclamativas e interjeições; e ordem ou pedido, em frases imperativas; pode ainda ser utilizado nos vocativos. Pode-se dizer que esses recursos gráficos representam as mesmas funções nos dois

sistemas linguísticos. Dessa forma, a mudança de pontuação realizada por Costa e Silva resultou em mudança da função da fala do personagem, que no TF poderia significar cumprimento ou chamada quando a exclamação foi utilizada e passou a significar uma pergunta, com o emprego da interrogação.

Costa e Silva também utilizou glosa extratextual para ICEs que não constam no glossário do TF e para os quais Achebe não utilizou as estratégias facilitadoras para inserção do vocabulário ibo, como é o caso dos ICEs numerados 9, 14, 19, 21, 23 e 41 na Figura 4, os quais constituem orações. Segundo Aixelá (1996), glosa extratextual serve para explicar o significado ou as implicações do ICE, portanto, acarreta explicitação no texto. A frequência de utilização desse procedimento em TFA_CostaeSliva_83 é um forte indício de que a tradutora utilizou a estratégia de explicitação e sustenta a hipótese (1) inicial desta pesquisa a respeito de Costa e Silva. A explicitação do significado dos ICEs é contrária à estratégia de Achebe para inserção dessas marcas culturais no TF. Em certas instâncias, Achebe permite a seus leitores uma provável interpretação do significado do ICE; em outras, o autor propositalmente deixa o leitor sem nenhuma explicação, enfatizando a lacuna cultural entre o leitor e o TF. Diferentemente, o uso de glosa e outros procedimentos que promovem a explicitação do significado dos ICEs estabelece uma ponte entre o leitor e o TF, como mostra (37), a seguir, no qual a primeira ocorrência é do TF, sem glosa extratextual, e a segunda de TFA_CostaeSilva_83, com glosa.

- (37) *Aru oyim de de de dei!* filled the air as the spirits of the ancestors, just emerged from the earth, greeted themselves in their esoteric language.

Aru oyim de de de de dei! * E essas vozes enchiam o ar, à medida que os espíritos dos ancestrais, recém-saídos da terra, se saudavam uns aos outros, em sua linguagem esotérica.

**Aru oyim de de de de dei!* - Deixe meu corpo frio jazer num bom lugar!

A frequência relativa de glosa extratextual em TFA_Antunes_Rego é de 5,66%. *Ewuro*, juntamente com *fufu* e *egusi*, são os ICEs em língua estrangeira para os quais os tradutores Antunes e Rego utilizaram esse procedimento, em forma de notas de rodapé/do tradutor. Esses três itens são relacionados à comida e as notas foram feitas, segundo os

tradutores (correspondência pessoal), porque *fufu*, *egussi* e *ewuro* não são usuais na realidade portuguesa. Verificou-se que tais ILEs não constam no glossário. Portanto, Antunes e Rego também usam explicitação, diferindo do TF, embora em escala mais reduzida do que Costa e Silva.

O procedimento glosa intratextual é utilizado com a frequência relativa de 5,94% em TFA_CostaeSilva_83. A tradutora utilizou o procedimento para os ICEs *ekwe*, *iba*, *kwenu*, *Nne*, *nso-ani* e *udu*. As linhas de concordância contendo glosa intratextual são apresentadas no Quadro 10, a seguir.

Quadro 10: Utilização do procedimento glosa intratextual em TFA_CostaeSilva_83

	TFA_Achebe	TFA_CostaeSilva_83
(38)	He could hear in his mind's ear the blood-stirring and intricate rhythms of the <i>ekwe</i> and the <i>udu</i> and the <i>ogene</i> , and he could hear his own flute weaving in and out of them, decorating them with a colorful and plaintive tune.	Com os ouvidos da mente, conseguia escutar os excitantes e intrincados ritmos do <i>ekwe</i> , o tambor falante , do <i>udu</i> , a botija de barro de cuja boca, com um abano, se retira um som cavo , e do agogô, bem como a sua própria flauta, a se entretecer com a percussão, enfeitando-a com melodia plangente e colorida.
(39)	Then from the distance came the faint beating of the <i>ekwe</i> .	De repente, na distância, ouviu-se o vago bater do <i>ekwe</i> , o tambor de madeira .
(40)	" <i>Umuofia kwenu!</i> " shouted the leading <i>egwugwu</i> , pushing the air with his raffia arms.	-- <i>Umuófia kwenu!</i> Povo de Umuófia, vamos ficar de acordo? -- gritou o líder dos <i>egwugwus</i> , gesticulando violentamente com seus braços de ráfia.
(41)	"It is <i>iba</i> ," said Okonkwo	-- É a <i>iba</i> , a malária -- declarou Okonkwo.
(42)	Ezinma did not call her mother <i>Nne</i> like all children.	Ezinma não chamava a mãe de <i>Nne</i> , mamãe , como as outras crianças.
(43)	This year they talked of nothing else but the <i>nso-ani</i> which Okonkwo committed.	Nesse ano, não se falou noutra coisa que não fosse o <i>nso-ani</i> , o grande pecado que Okonkwo cometera.

Fonte: A autora.

Constatou-se que todas as glosas intertextuais foram utilizadas juntamente ao procedimento de repetição do ICE. Costa e Silva inseriu glosa intratextual na forma de aposto explicativo, separado do ICE por vírgula. Os apostos em TFA_CostaeSilva_83 explicam o significado dos ICEs, promovendo explicitação.

O procedimento sinonímia foi utilizado em TFA_CostaeSilva_83 com a frequência de 5,94%, para os ICEs *foo-foo*, *iyi-uwa*, *ogene*, *ozo*, *sah* e *udala*. Para *foo-foo* foram utilizados

os sinônimos *pasta de inhame*, duas vezes, e *pirão de inhame*, uma vez. *Iyi-uwa* foi substituído pelo pronome demonstrativo *o*; *ogene* por *agogô*, em suas seis ocorrências; *ozo* por *esse título*; *sah* por *siô*, uma tentativa de manter o traço dialetal; e *udala* por *grande árvore*. Em TFA_Antunes_Rego, sinonímia, com frequência relativa de 3,77%, foi utilizada para *iba*, substituído por *febre*, e *sah*, por *senhor*. Verifica-se que, exceto o caso de *iyi-uwa*, as demais substituições por sinonímia tornaram os TTs mais explícitos. Portanto, a utilização desse procedimento em TFA_CostaeSilva_83 é mais um fator a corroborar a hipótese de explicitação (1) no TT para o português brasileiro. As linhas de concordância nas quais o procedimento sinonímia foi utilizado foram retomadas na terceira etapa da pesquisa para análise de coesão.

O procedimento omissão apresentou frequência relativa de 2,97% em TFA_CostaeSilva_83 e foi utilizado com os ICEs *egwugwu*, *obi* e *obodo-dike*. O ICE *uli* não foi incluído na categoria omissão nesta etapa da pesquisa. Em TFA_Antunes_Rego, a frequência relativa desse procedimento foi de 3,77%, e foi utilizado com os itens *iyi-uwa* e *obi*. O Quadro 11, a seguir, apresenta as ocorrências classificadas na categoria omissão.

Quadro 11: Utilização do procedimento omissão

	TFA_Achebe	TFA_Antunes_Rego	TFA_CostaeSilva_83
(44)	As they spoke two other groups of people had replaced the first before the egwugwu , and a great land case began.	Enquanto falavam, dois outros grupos de pessoas haviam substituído os primeiros frente aos egwugwu , e uma importante disputa sobre terras teve início.	Enquanto conversavam, dois novos grupos de pessoas tinham substituído os anteriores [Ø] e se iniciava um grande caso de disputa de terras.
(45)	Before it was dusk Ezeani, who was the priest of the earth goddess, Ani, called on Okonkwo in his obi .	Antes mesmo de escurecer, Ezeani, o sacerdote da deusa da Terra, Ani, foi visitar Okonkwo ao seu obi .	Antes do crepúsculo, Ezeani, que era o sacerdote de Ani, a deusa da terra, veio ter com Okonkwo [Ø].
(46)	Umuofia obodo dike! Umuofia obodo dike! It said this over and over again, and as it dwelt on it, anxiety mounted in every heart that heaved on a bamboo bed that night.	Umuofia obodo dike! Umuofia obodo dike! Proclamava isto uma e outra vez e à medida que se detinha nesta frase a ansiedade crescia em todos os corações que batiam numa cama de bambu naquela noite.	Umuófia obodo dike! [Ø] Repetia-se essa frase muitas e muitas vezes, e a insistência era tanta, que a ansiedade começou a crescer no coração de todos aqueles que, pouco antes, tinham estado ressonando tranqüilamente numa cama

			de bambu.
(47)	"Where did you bury your <i>iyi-uwa</i> ?" Okagbue had asked Ezinma. "What is <i>iyi-uwa</i> ?" she asked in return.	Onde é que enterraste a tua <i>iyi-uwa</i> ? -- perguntou-lhe ela de volta. [ø]	-- Onde foi que você enterrou seu <i>iyi-uwa</i> -- Okagbue indagara à menina. -- O que é <i>iyi-uwa</i> -- perguntara Ezinma.
(48)	Outside the <i>obi</i> Okagbue and Okonkwo were digging the pit to find where Ezinma had buried her <i>iyi-uwa</i> .	Lá fora [ø], Okagbue e Okonkwo escavavam o buraco para descobrir onde Ezinma enterrara a sua <i>iyi-uwa</i> .	Lá fora, junto ao <i>obi</i> , Okagbue e Okonkwo continuavam a cavar o buraco, em busca do <i>iyi-uwa</i> enterrado por Ezinma.

Fonte: A autora.

Em (44) e (45), os ICEs omitidos em TFA_CostaeSilva_83 eram parte integrante de adjuntos indicando circunstância de lugar. Tais omissões parecem ter atenuado ou até apagado a importância do acontecimento. No exemplo (46), a omissão da segunda ocorrência do ICE pode ter sido uma forma de economia para compensar as ampliações realizadas pela tradutora Costa e Silva nessa passagem. A repetição do ICE no TF serviu para enfatizá-lo e foi parcialmente compensada pelo item *repetia-se* no TT. No exemplo (47), Antunes e Rego realizaram a fusão de duas falas de personagens diferentes, acarretando a omissão de uma ocorrência do ICE *iyi-uwa*, tal escolha, que parece aleatória, compactou o TT e representou omitir a apresentação da fala de uma das personagens. Em (48) o ICE omitido em TFA_Antunes_Rego também é parte de um adjunto que indica lugar e a decisão dos tradutores acarreta uma implicação do significado expresso no TF. As linhas de concordância classificadas segundo o procedimento de omissão foram retomadas para a análise de coesão realizada na terceira etapa desta pesquisa.

O procedimento eliminação, com frequência relativa de 0,99% em TFA_CostaeSilva_83, foi utilizado com o ICE *uli*, com duas ocorrências no TF. Em TFA_Antunes_Rego o procedimento empregado com esse item é repetição. As linhas de concordância relacionadas ao item *uli* no TF, em TFA_Antunes_Rego e em TFA_CostaeSilva_83 são apresentadas em (49) e (50), a seguir.

- (49) Cam wood was rubbed lightly into her skin, and all over her body were black patterns draw with *uli*.
Esfregara sândalo levemente pela pele e por todo o corpo se viam padrões desenhados a negro com *uli*.

Haviam-lhe esfregado suavemente a pele com tintura de madeira e por todo o seu corpo havia desenhos escuros [Ø].

- (50) They painted their bodies with red cam wood and drew beautiful patterns on them with *uli*.

Pintaram os corpos com sândalo vermelho e desenharam bonitos padrões com *uli*.

Pintavam o corpo com tintura vermelha de madeira e nele faziam bonitos desenhos [Ø].

Utilizando as variáveis explicativas de Aixelá (1996), examinando o contexto limitado em que *uli* ocorre no TF e as linhas de concordância correspondentes no TT, pode-se sugerir que a tradutora considerou pequena a relevância do item para o esforço exigido dos leitores para entendê-lo ou da tradutora para traduzi-lo ou glosá-lo. Essa decisão acarretou uma contração no TT e parece contrária às escolhas usuais de Costa e Silva; com apenas uma ocorrência, o procedimento eliminação não constitui padrão, mas pode ser uma forma de compensar decisões tomadas na direção contrária. Segundo Aixelá (1996), eliminação é um procedimento de substituição que distancia o TT do TF.

Em TFA_Antunes_Rego os ICEs que sofreram adaptação ortográfica são *egusi* e *fufu*, segundo informação fornecida pelos próprios tradutores, esses ICEs já se encontram dicionarizados em português europeu com tal grafia.⁴⁰ Esse procedimento apresentou frequência relativa de 3,77% no TT para o português europeu. A escolha dos tradutores pela grafia portuguesa acarretou uma normalização do TT em termos linguísticos, mas, ao mesmo tempo, culturalmente reduziu o caráter exótico de ILE, aproximando-o do leitor da LA. Essa aproximação foi aumentada pela escolha de acrescentar nota do tradutor a esses dois itens, como mostrado na discussão do procedimento glosa extratextual. A atenuação da diferença cultural realizada pela grafia do ICE na língua alvo condiz com a decisão do autor do TF de não marcá-lo com itálicos e é contrária à decisão de Costa e Silva, que o italicizou.

⁴⁰ O item lexical *fufu* consta no Grande Dicionário da Língua Portuguesa de José Pedro Machado e no Dicionário Lello. O item *egussi* pode ser encontrado no Grande Dicionário da Língua Portuguesa de José Pedro Machado e no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Informação fornecida pelos tradutores Eugénia Antunes e Paulo Rego em correspondência pessoal à pesquisadora Cristina Lazzzerini.

Universalização absoluta apresentou frequência relativa de 1,44% em TFA_Antunes_Rego. O ICE ao qual o procedimento foi aplicado é *udala*, substituído por *macieira* em ambas as ocorrências. Pesquisas online⁴¹ mostraram que *udala* é o nome ibo para a planta *Chrysophyllum albidum*, em inglês *white star apple*, devido à disposição das sementes do fruto, em formato de estrela, como pode ser visto na Figura 5, a seguir. *Udala* não é da família da macieira, *Malus domestica*, mas da seringueira. Na Nigéria, a árvore é o centro das festividades que celebram fertilidade e generosidade; possui importância econômica, pois o fruto maduro, conhecido pelo sabor requintado, é vendido em mercados e utilizado para feitura de vinhos e geleias; se colhido verde pode ser mascado como chiclete; e da árvore também é extraído látex.

Figura 5: Fruto da árvore udala



Fonte: <http://blogs.worldwatch.org/nourishingtheplanet/star-apple-prized-fruit-and-timber/>

Os exemplos (51) e (52) mostram as ocorrências relacionadas ao item *udala* em TFA_Achebe, TFA_Antunes_Rego e TFA_CostaSilva, respectivamente:

- (51) Nwoye's mind had gone immediately to Nwayieke, who lived near the **udala** tree.
Nwoye pensara de imediato em Nwayieke, que vivia perto da **macieira**.
O pensamento de Nwoye voltara-se imediatamente para Nwayieke, que morava perto de uma **grande árvore**.
- (52) When she got to the big **udala** tree Ezinma turned left into the bush, and the crowd followed her.

⁴¹ http://www.itis.gov/servlet/SingleRpt/SingleRpt?search_topic=TSN&search_value=505966
http://www.itis.gov/servlet/SingleRpt/SingleRpt?search_topic=TSN&search_value=505966
<http://blogs.worldwatch.org/nourishingtheplanet/star-apple-prized-fruit-and-timber/>

Quando chegou perto da grande **macieira**, Ezinma virou à esquerda em direção ao mato, e a multidão seguiu-a.

Ao chegar perto da grande árvore **udala**, Ezinma virou à esquerda, na direção da mata, seguida pela multidão.

Achebe utilizou o processo de inovação linguística que Igboanusi (2001) denomina *loan-blend* para introduzir o ICE. O item em ibo, *udala*, é empregado junto a um equivalente parcial em inglês, *tree*, formando um grupo nominal no qual *the* é dêitico específico, *udala* o classificador e *tree* o núcleo. Esse procedimento facilita o entendimento do ICE no contexto ao mesmo tempo em que mantém seu significado cultural implícito.

Já o procedimento de universalização absoluta, empregado em TFA_Antunes_Rego, apagou qualquer traço cultural do item, introduzindo uma referência neutra para a audiência alvo; a escolha de *macieira*, provavelmente se deveu ao item lexical *apple*, em *white star apple*.

Em TFA_CostaSilva_83, a tradutora utilizou substituição por sinonímia para a primeira ocorrência de *udala* e repetição para a segunda. No exemplo (51), o grupo nominal é formado por dêitico não específico, classificador e núcleo; a tradutora manteve o mesmo núcleo do grupo nominal do TF e provavelmente trouxe o classificador da ocorrência em (52). A escolha de Costa e Silva apagou a referência cultural expressa no TF pelo ICE e modificou o sentido do TT porque Achebe utilizou um dêitico específico que mostra que a árvore já é conhecida, provavelmente um ponto de referência na aldeia, e a utilização do dêitico não específico retirou a relevância da árvore. Em (52) Costa e Silva manteve o mesmo grupo nominal do TF, mas, ao adequá-lo ao português, utilizou o classificador *udala* à direita do núcleo, em posição não marcada, e o classificador grande à esquerda, em posição mais marcada.

O procedimento criação autônoma, com frequência relativa de 1,44%, foi empregado por Antunes e Rego com a introdução do ICE *ewuro* no TT, que não existe no TF. *Ewuro* é o item lexical em ibo para uma das espécies comestíveis da planta de nome científico *Vernonia*, em inglês conhecida pelo nome comum *bitterleaf*. Exemplo da ocorrência de *ewuro* é mostrado em (53), a seguir.

- (53) Ezinma and her mother sat on a mat on the floors after their supper of yam foo-foo and bitter-leaf soup.

Ezinma e a mãe estavam sentadas numa esteira no chão depois do jantar de fufu de inhame e sopa de folhas amargas de *ewuro*.

Ezinma e a mãe estavam sentadas numa esteira estendida no chão, após terem acabado a ceia de pirão de inhame e sopa de folha-amarga.

Verifica-se que Achebe utilizou a grafia hifenizada para *bitterleaf*, a qual não foi encontrada nas pesquisas realizadas online, e que Costa e Silva fez a mesma escolha em português, escolha que foi mantida consistentemente para todas as ocorrências do item. Quando os tradutores decidiram incluir o item africano indígena em TFA_Antunes_Rego, havia a opção de utilizá-lo em substituição a *bitter-leaf*, e o TT teria lido sopa de *ewuro*; mas não foi isso que ocorreu. Os tradutores inseriram o ICE junto a *folhas amargas*, utilizando o procedimento *loan-blend* de Achebe, onde *ewuro* é inserido como qualificador no grupo nominal, realizado por frase preposicionada. Apesar de criação autônoma ser considerado um procedimento de substituição, poder-se-ia dizer que tal decisão aproxima o TT da estratégia geral do TF para inserção de ICE, não fosse pelo fato de os tradutores terem decidido também utilizar nota de rodapé para explicá-lo. Criação autônoma não é um procedimento típico em TFA_Antunes_Rego, mas contribuiu para aumentar o número de ICEs em ibo no TT e, conseqüentemente, o caráter exótico do texto; pode ter sido usado para compensar outros procedimentos contrários, como adaptação ortográfica e universalização absoluta.

A descrição produzida na segunda etapa deste estudo, a partir da classificação dos ICEs com base nas categorias específicas adaptadas de Aixelá (1996), apresentou instâncias diversas em que os tradutores optaram por diferentes soluções na tradução dos ICEs, respondendo, portanto, à pergunta de pesquisa 8 e confirmando, assim como na primeira etapa deste estudo, o pressuposto (7) de que os tradutores fazem escolhas diferentes para lidar com os mesmos problemas de tradução.

Retomando a pergunta (10) sobre as tendências predominantes nos TTs nos âmbitos linguístico e sociocultural, foi possível constatar que, no âmbito linguístico, Costa e Silva naturalizou – utilizando o termo em Holmes (1988) - a tradução para o português brasileiro por meio de pluralização de ILEs, através de mudanças de pontuação, e através da escolha não marcada da ordem das palavras em grupos nominais contendo ICEs. No âmbito sociocultural, é possível afirmar que Costa e Silva utilizou uma estratégia mista, pois ao mesmo tempo em que a repetição dos ICEs presentes no TF é o procedimento mais utilizado no TT para o português brasileiro, contribuindo para o caráter exótico do texto, os procedimentos glosa

extratextual e glosa intratextual, com frequência de utilização elevada, produzem efeito contrário ao explicitar o significado dos ICEs para o leitor. Considerando-se a frequência relativa dos procedimentos repetição e acréscimo, somada à frequência dos procedimentos glosa extratextual e intratextual, verificou-se que TFA_CostaeSilva_83 é menos exótico que o TF. Portanto, esses resultados confirmam parcialmente o pressuposto (9) de que, no âmbito linguístico, a tendência contemporânea é naturalizar, e de que, no âmbito sociocultural, há uma tendência a tornar o texto mais exótico.

No TT para o português europeu, Antunes e Rego naturalizaram linguisticamente com a utilização do procedimento adaptação ortográfica, o que contribuiu para minimizar o caráter exótico do texto. Culturalmente, Antunes e Rego tornaram o TT mais exótico com a utilização do procedimento criação autônoma, que introduziu o item *ewuro* no texto, e os acréscimos, mais frequentes que em TFA_CostaeSilva_83. Portanto, respondendo à pergunta de pesquisa 10, é possível afirmar que, sob a perspectiva do uso de ILEs e ICEs, TFA_Antunes_Rego tende a utilizar as normas da língua alvo, mas no âmbito cultural, tende a seguir as estratégias utilizadas no TF, uma vez que a frequência de utilização dos procedimentos divergentes identificados não é relevante. Esses resultados também confirmam parcialmente o pressuposto 9, pois no âmbito linguístico há naturalização, mas o TT não foi tornado mais exótico do que o TF no âmbito cultural. Comparando-se os dois TTs, verifica-se que ambos naturalizaram linguisticamente, e embora ambos sejam menos exóticos do que o TF, TFA_Antunes_Rego é mais exótico do que TFA_CostaeSilva_83, devido principalmente à maior frequência de utilização do procedimento repetição e da menor utilização do procedimento glosa extratextual.

Os dados discutidos na resposta à pergunta 10 fornecem subsídios para responder à pergunta (9) a respeito da possibilidade de distinguir a estratégia geral empregada pelos tradutores para a tradução dos ILEs/ICEs nesta etapa da pesquisa. Como foi demonstrado, em ambos os TTs, a maior tendência foi repetir os ILEs presentes no TF, porém, houve uma tendência à adequação dos TTs às normas da língua alvo e, em TFA_CostaeSilva_83, foi confirmada a estratégia de explicitação por meio da utilização frequente de glosas. O pressuposto 8 será retomado para confirmação ou refutação após a resposta à pergunta 9, na terceira etapa de pesquisa.

A subseção seguinte apresenta os resultados da análise de coesão das linhas de concordância que apresentaram mudanças coesivas em relação aos ICEs em língua estrangeira nos TTs.

3.5 Resultados da análise da coesão

Esta subseção apresenta os resultados da análise de coesão para rastreamento dos participantes do discurso - que no caso deste estudo são os ILEs - pelo recorte das mudanças ocorridas em relação à tradução dos ILEs nos TTs. Nenhuma dessas mudanças foi imposta pelo sistema linguístico alvo.

A Tabela 5, a seguir, mostra as frequências relativas dos tipos de recursos coesivos utilizados no TF e no TT para o português europeu, nas 12 linhas de concordância que apresentaram mudanças na tradução em relação aos ILEs.

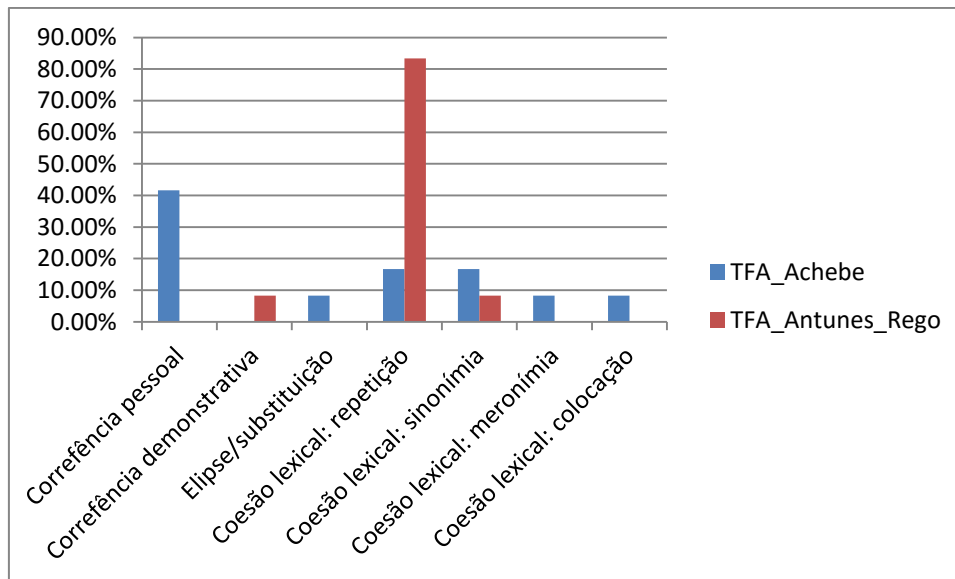
Tabela 5: Frequência relativa dos recursos coesivos em TFA_Antunes_Rego e TF

	A	B	C
1		TFA_Achebe	TFA_Antunes_Rego
2	Correferência pessoal	41,67%	-
3	Correferência demonstrativa	-	8,33%
4	Elipse/substituição	8,33%	-
5	Coesão lexical: repetição	16,67%	83,33%
6	Coesão lexical: sinonímia	16,67%	8,33%
7	Coesão lexical: meronímia	8,33%	-
8	Coesão lexical: colocação	8,33%	-

Fonte: A autora

O Gráfico 1, a seguir, facilita a visualização dos dados apresentados na Tabela 5.

Gráfico 1: Comparação das frequências relativas dos recursos coesivos no TF e no TT para o português europeu



Fonte: A autora

Os resultados da tabela demonstram que a variedade de tipos de recursos coesivos utilizados no TF é o dobro da variedade de tipos de recursos coesivos utilizados no TT. Em TFA_Achebe foram utilizados correferência pessoal, elipse/substituição, e coesão lexical por repetição, sinonímia, meronímia e colocação; em TFA_Antunes_Rego, foram utilizados correferência demonstrativa, e coesão lexical por repetição e por sinonímia. O tipo de recurso predominante no TF é correferência pessoal com 41,67% das ocorrências, enquanto que no TT predomina coesão lexical por repetição, com 83,33% das ocorrências. Coesão lexical por repetição e por sinonímia apresentaram a segunda maior frequência de utilização no TF, 16,67%, e elipse/substituição, coesão lexical por meronímia e por colocação foram os tipos de recurso menos utilizados, com 8,33% cada. No TT, os outros dois tipos de recursos utilizados - correferência demonstrativa e coesão lexical por sinonímia – também apresentaram baixa frequência de utilização, 8,33%. Esses resultados respondem à pergunta de pesquisa (11) sobre a frequência dos marcadores lexicais nas linhas de concordância que apresentaram mudanças de tradução comparando-se o TF e o TT para o português europeu.

Sob o recorte das mudanças ocorridas com os ILEs, todas as ocorrências de relação coesiva realizadas por correferência pessoal no TF foram realizadas por coesão lexical por repetição do ILE no TT. O mesmo aconteceu com as ocorrências de coesão lexical por sinonímia, meronímia, elipse/substituição e colocação do TF. As ocorrências de coesão lexical por repetição do TF foram realizadas por correferência demonstrativa e coesão lexical

por sinonímia no TT. Exemplos dessas mudanças podem ser vistas no Quadro 12, a seguir. Para facilitar o entendimento da discussão, os cotextos foram expandidos para mostrar os referentes ou, quando os referentes estavam mais distantes no texto, seus cotextos de ocorrência foram recortados e colados.

Quadro 12: Exemplos de mudanças de tipos de relação coesiva em TFA_Antunes_Rego

	TFA_Achebe	TFA_Antunes_Rego
(54)	Some of their men had gone out to beg the <i>egwugwu</i> to retire for a short while for the women to pass. They agreed and were already retiring, when Enoch boasted aloud that they would not dare to touch a Christian. Whereupon they all came back and one of them gave Enoch a good stroke of the cane, which was always carried.	Alguns dos homens tinham ido pedir aos <i>egwugwu</i> para se retirarem por um momento para que as mulheres pudessem passar. Estes concordaram e estavam já a retirar-se quando Enoch se vangloriou em voz alta que os espíritos não se atreveriam a tocar num cristão. Ao escutarem estas palavras, os egwugwu regressaram e um deles aplicou-lhe um valente golpe com a bengala que trazia.
(55)	Ekwefi had a feeling of spacious openness, and she guessed they must be on the village <i>ilo</i> , or playground. But whenever they came to preach in the open marketplace or the village playground , Nwoye was there.	Ekwefi foi acometida pela sensação que estavam em espaço aberto e supôs que deveriam estar no <i>ilo</i> ou terreiro da aldeia. Não se atrevia a chegar perto dos missionários com medo do seu pai, mas sempre que eles iam pregar ao mercado da aldeia ou ao ilo , Nwoye lá estava.
(56)	She rose from her mat, took her stick and walked over to the <i>obi</i> . She knelt on her knees and hands at the threshold and called her husband, who was laid on a mat.	Ela ergueu-se da sua esteira, pegou no seu bordão e foi até ao <i>obi</i> do marido. Colocou-se de quatro à entrada do obi e chamou pelo marido, que estava deitado numa esteira.
(57)	Ekwefi went into her hut to cook yams. Her husband had brought out more yams than usual because the medicine man had to be fed. Ezinma went with her and helped in preparing the vegetables. Outside the obi Okagbue and Okonkwo were digging the pit to find where Ezinma had buried her <i>iyi-uwa</i> .	Ekwefi foi para a sua cabana cozinhar inhames. O marido trouxera mais do que era costume porque o curandeiro tinha de ser alimentado. Ezinma seguiu a mãe e ajudou na preparação dos legumes. Lá fora, Okagbue e Okonkwo escavavam o buraco para descobrir onde Ezinma enterrara a sua <i>iyi-uwa</i> .
(58)	"It is <i>iba</i> ," said Okonkwo as he took his machete and went into the bush to collect the leaves and grasses and barks of trees that went into making the medicine for iba .	-- É <i>iba</i> -- disse Okonkwo e pegou no seu machete e correu para o mato para reunir as folhas, ervas e cascas de árvore usadas na confecção do medicamento para a febre .

(59)	<p>"On what market-day was it born?" he asked. "Oye," replied Okonkwo. "And it died this morning?" Okonkwo said yes, and only then realized for the first time that the child had died on the same market-day as it had been born.</p> <p>Was it not on an Eke day that they fled into Umuofia?" he asked his two companions, and they nodded their heads. "Three moons ago," said Obierika, "on an Eke market day a little band of fugitives came into our town.</p> <p>They have a big market in Abame on every other Afo day and, as you know, the whole clan gathers there.</p>	<p>-- Em que dia da semana é que a criança nasceu? -- perguntou o curandeiro. -- Oye -- respondeu Okonkwo. -- E morreu esta manhã? Okonkwo acenou que sim com a cabeça e só então se apercebeu pela primeira vez que o menino morrera no mesmo dia da semana em que nascera.</p> <p>Não foi num dia Eke que eles fugiram para Umuofia? -- perguntou aos seus dois companheiros e eles acenaram que sim com a cabeça. -- Há três luas, num dia Eke, um pequeno grupo de fugitivos chegou à nossa aldeia.</p> <p>Costuma haver um grande mercado em Abame dia Afo sim dia Afo não e, como sabem, todo o clã aí se reúne.</p>
------	---	---

Fonte: A autora

Os exemplos (54), (55) e (56) ilustram respectivamente relações coesivas realizadas no TF por correferência pessoal, coesão lexical por sinonímia, e coesão lexical por meronímia, e suas equivalentes no TT, realizadas por coesão lexical por repetição do ICE. Em (54), no TF, há duas menções do participante do discurso anteriores à destacada realizadas por correferência pessoal antes que se consiga chegar ao ILE. No TT, há três menções do participante do discurso anteriores à destacada realizadas por correferência pessoal, uma por sinonímia e outra por correferência demonstrativa até se chegar ao ILE. Em (55), a menção anterior do participante em questão foi realizada por coesão lexical por sinonímia em ambos os textos. Em (56), anterior ao item destacado, há coesão lexical por repetição do ILE tanto no TF quanto no TT.

Nos exemplos (57) e (58), o tipo de recurso utilizado para realizar relação coesiva no TF foi coesão lexical por repetição do ILE, sendo que no TT, no exemplo (57), foi utilizada correferência demonstrativa e, em (58), coesão lexical por sinonímia. Em (57), o elo coesivo anterior ao item destacado foi realizado por coesão lexical por colocação em ambos os textos, e em (58) por coesão lexical por repetição do ILE.

O exemplo (59) ilustra coesão lexical por colocação no TF. Embora haja apenas uma ocorrência do ILE *Afo* no romance, há outros itens lexicais - *Oye, Eke day, market-day* - que indicam a contagem de tempo na cultura ibo com os quais *Afo* se relaciona semanticamente (“*word meaning relations*”, Halliday e Hasan, 1976), estabelecendo elos coesivos. Portanto, dentro do romance, existe também uma tendência de esses itens ocorrerem num mesmo ambiente lexical. Por outro lado, *every other day* é uma colocação típica em língua inglesa porque embora seus itens lexicais não apresentem relação semântica entre si, eles tendem a coocorrer no mesmo ambiente lexical, relacionado à contagem de tempo nas culturas de língua inglesa. *Every other Afo day* é uma apropriação que Achebe faz da colocação em inglês para expressar a experiência ibo. Ao adaptar tal colocação, Achebe utiliza a estratégia de extensão semântica (Igboanusí, 2001) ou africanização do inglês (Bamiro, 2006), gerando uma colocação criativa, a qual ainda mantém uma relação semântica, e, portanto, elos coesivos, com os itens lexicais *Oye, Eke day, market-day*.

No TT para o português europeu, a relação coesiva foi realizada por coesão lexical por repetição do ILE *Afo*, mas há também relação coesiva do tipo coesão lexical por colocação. Como no TF, há relação semântica entre os itens *Afo, Oye* e *Eke*, embora tenha havido normalização com a escolha do equivalente dia da semana para *market-day*, apagando parte da referência cultural. Para a tradução da colocação criativa de Achebe, os tradutores escolheram uma colocação típica do português, quebrando-a duas vezes para que o ICE fosse introduzido. Adotaram, assim, a mesma estratégia de Achebe e o significado do TF foi mantido, embora mais uma vez a decisão dos tradutores tenha acarretado normalização no TT.

A descrição acima demonstra uma preferência por marcadores de coesão mais explícitos em TFA_Antunes_Rego do que no TF, os quais aumentaram o grau de redundância do TT e tornaram sua textura mais “densa” (Blum-Kulka, 1986). A utilização de elipse, que causa implicitação no texto, teve baixa frequência de utilização no TT e parece ter sido utilizada para compensar uma instância em que a elipse do TF foi realizada por repetição do ILE no TT. Portanto, as escolhas dos tradutores por marcadores coesivos diferentes daqueles do TF resultou em um texto mais coeso e de mais fácil leitura para o público alvo. Esses resultados confirmam a pergunta de pesquisa (12) de que foram utilizados marcadores coesivos diferentes no TT e no TF; (13), de que há maior explicitação das relações coesivas no TT; (14) de que o TT é mais redundante de que o TF; e (15) de que o TT é mais coeso do que o TF.

As frequências relativas dos tipos de recursos coesivos utilizados no TF e no TT para o português brasileiro, nas 15 linhas de concordância que apresentaram mudanças de tradução dos ILEs, são mostradas na Tabela 6, a seguir.

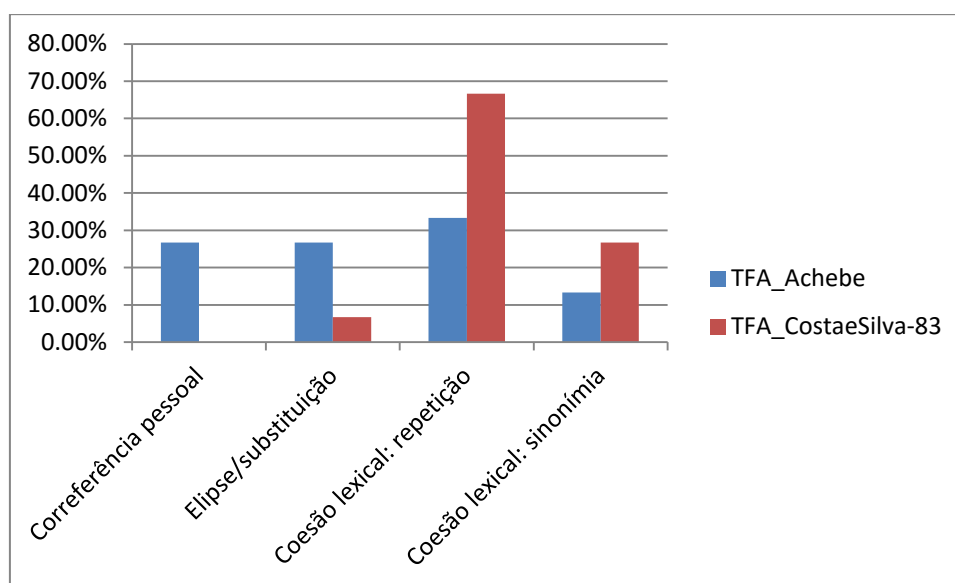
Tabela 6: Frequência relativa dos recursos coesivos em TFA_Costaesilva_83 e TF

	A	B	C
1		TFA_Achebe	TFA_Costaesilva_83
2	Correferência pessoal	26,67%	-
3	Elipse/substituição	26,67%	6,67%
4	Coesão lexical: repetição	33,33%	66,67%
5	Coesão lexical: sinonímia	13,33%	26,67%

Fonte: A autora

O Gráfico 2, a seguir, ilustra os dados apresentados na Tabela 6.

Gráfico 2: Comparação das frequências relativas dos recursos coesivos no TF e no TT para o português brasileiro



Fonte: A autora

Constata-se, com base nos resultados da Tabela 6, que também em relação a TFA_Costaesilva_83, TFA_Achebe apresenta maior variedade de tipos de recursos coesivos. No TF, foram utilizadas correferência pessoal, elipse/substituição, e coesão lexical por repetição e por sinonímia; no TT, apenas os três últimos tipos de recursos coesivos foram utilizados. O tipo predominante em ambos os textos é coesão lexical por repetição, sendo que

a frequência no TT é o dobro da frequência no TF, 66,67% e 33,33% respectivamente. No TF, a segunda maior frequência foi de correferência pessoal e elipse/substituição, ambos com 26,67% de utilização. O tipo de recurso menos utilizado no TF foi coesão lexical por sinonímia, com 13,33%. Coesão lexical por sinonímia foi o segundo tipo de recurso mais utilizado no TT, com 26,67% de frequência; e elipse/substituição foi o recurso menos utilizado no TT, com frequência de 6,67%. Esses resultados respondem à pergunta de pesquisa (11) sobre a frequência dos marcadores lexicais nas linhas de concordância que apresentaram mudanças de tradução comparando-se o TF e o TT para o português brasileiro.

Em consonância com os resultados de TFA_Antunes_Rego, todas as ocorrências de relação coesiva realizadas por correferência pessoal em TFA_Achebe foram realizadas por coesão lexical por repetição em TFA_CostaeSilva_83, assim como todas as ocorrências de elipse/substituição e coesão lexical por sinonímia. As ocorrências de coesão lexical por repetição no TF foram realizadas 80% das vezes por coesão lexical por sinonímia, e 20% das vezes por elipse/substituição no TT. O Quadro 13, a seguir, apresenta exemplos de tais mudanças.

Quadro 13: Exemplos de mudanças de tipos de relação coesiva em TFA_CostaeSilva_83

	TFA_Achebe	TFA_CostaeSilva_83
(60)	And he told him what an <i>osu</i> was. He was a person dedicated to a god, a thing set apart -- a taboo for ever, and his children after him.	E explicou o que era um <i>osu</i> . Um osu era uma pessoa dedicada a um deus, uma coisa posta de lado -- um tabu para sempre, assim como todos os filhos que viesse a ter.
(61)	Many years ago another <i>egwugwu</i> had dared to stand his ground before him and had been transfixed to the spot for two days. This one had only one hand and it carried a basket full of water.	Há muitos anos, um outro <i>egwuwu</i> se atrevera a desafiá-lo e lhe fizera frente: ficara imobilizado, durante dois dias, no mesmo lugar. Este egwugwu tinha uma mão só e nela carregava uma cesta cheia d'água.
(62)	Everybody knew she was an <i>ogbanje</i> . These sudden bouts of sickness and health were typical of her kind .	Todos sabiam que a menina era um <i>ogbanje</i> . Essas súbitas passagens da saúde para a enfermidade eram características dos ogbanjes .
(63)	And although she believed that the <i>iyi-uwa</i> which had been dug up was genuine, she could not ignore the fact that some really evil children sometimes misled people into digging up a specious one . But Ezinma's <i>iyi-uwa</i> had looked real enough.	E, embora acreditasse que o <i>iyi-uwa</i> desenterrado era genuíno, não podia ignorar o fato de que algumas crianças verdadeiramente perversas algumas vezes induziam as pessoas em erro, levando-as a desenterrar um falso iyi-uwa . O de Ezinma, contudo, tinha aparência

		de real.
(64)	"I think it is good that our clan holds the <i>ozo</i> title in high esteem," said Okonkwo. In those other clans you speak of, ozo is so low that every beggar takes it.	-- Acho que é certo que em nosso clã se tenha o título de <i>ozo</i> em tão alta estima -- replicou Okonkwo. -- Nos outros clãs que você mencionou, esse título está tão por baixo, que qualquer mendigo o recebe.

Fonte: A autora

Os três primeiros exemplos do Quadro 13 mostram ocorrências de correferência pessoal (60), elipse/substituição (61), e coesão lexical por sinonímia (62) no TF as quais foram realizadas por coesão lexical por repetição no TT; os exemplos (63) e (64), ilustram ocorrências de coesão lexical por repetição em TFA_Achebe, realizadas por elipse/substituição (63) e coesão lexical por sinonímia (64) no TT. Os participantes rastreados nos exemplos (60), (61), (62) e (64), tanto no TF quanto no TT, tiveram sua menção anterior à destacada realizada pelo próprio ILE; já o participante do exemplo (63) - *iyi-uwa* - teve sua menção anterior à destacada realizada por elipse/substituição no TF – one -, e pelo próprio ILE - *iyi-uwa* -, no TT.

Em cinco das linhas de concordância contendo o item *compound* nas quais houve mudança do tipo de relação coesiva, a relação coesiva foi realizada no TF por coesão lexical por repetição do ILE e no TT por coesão lexical por meronímia – *terreiro*-, provavelmente devido ao significado que *compound* assume nesses contextos. O exemplo 65, a seguir, ilustra tal ocorrência.

- (65) He asked his second wife, who came out of her hut to draw water from a gigantic pot in the shade of a small tree in the middle of the **compound**.
 [...] perguntou à segunda esposa, que saía de sua cabana, para tirar água de um gigantesco pote que ficava à sombra de uma árvore pequenina, no meio do **terreiro**.

A descrição acima responde à pergunta de pesquisa 12, confirmando que foram utilizados marcadores coesivos diferentes nas linhas de concordância analisadas do TT para o português brasileiro e suas correspondentes no TF. Os resultados em TFA_CostaeSilva_83 também confirmam uma preferência por marcadores coesivos mais explícitos do que os utilizados no TF, respondendo afirmativamente à pergunta de pesquisa 13. Desta forma, TFA_CostaeSilva_83 é mais redundante e mais “denso” (Blum-Kulka, 1986) do que o TF, sob a perspectiva das escolhas da tradutora de diferentes recursos coesivos para o

rastreamento dos ILEs, constatações que respondem de forma afirmativa às perguntas de pesquisa 14 e 15.

Os resultados em ambos os TTs corroboram o pressuposto (10) que diz respeito ao TT ser mais redundante do que o TF em decorrência da mediação inerente ao processo tradutório, e, mais especificamente, devido a uma maior explicitação das relações coesivas.

Verificando a análise coesiva de um grau de delicadeza menor, no qual é possível agrupar os resultados em apenas três tipos de recursos coesivos, obteve-se as frequências relativas apresentadas na Tabela 7, a seguir.

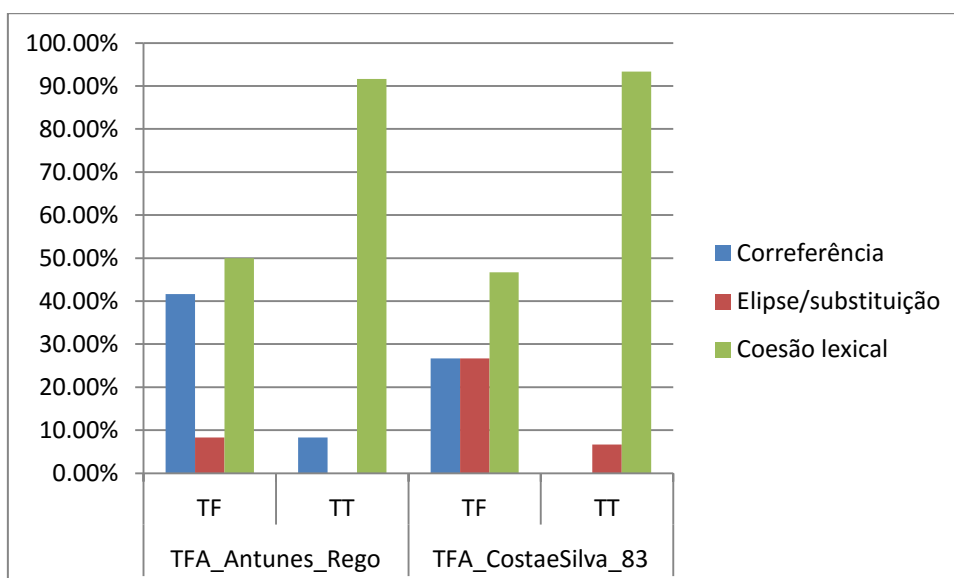
Tabela 7: Frequência relativa dos recursos coesivos nos textos do *corpus*

	TFA_Antunes_Rego		TFA_CostaSilva_83	
	TF	TT	TF	TT
Correferência	41,67%	8,33%	26,67%	-
Elipse/substituição	8,33%	-	26,67%	6,67%
Coesão lexical	50%	91,66%	46,66%	93,34%

Fonte: A autora

O Gráfico 3, a seguir, propicia uma mais fácil visualização e comparação dos dados da Tabela 7.

Gráfico 3: Comparação das frequências relativas dos recursos coesivos nos textos do *corpus*



Fonte: A autora

Esses resultados confirmam a preferência por coesão lexical em ambos os TTs. TFA_Antunes_Rego, com 91,66%, e TFA_CostaSilva_83, com 93,34%, são condizentes com os resultados em Pagano et al (2015) no que diz respeito à preferência, no português traduzido, por coesão lexical para fazer o rastreamento dos participantes do discurso, corroborando também a afirmativa em Baker (1992, 2011) de que o português utiliza repetição lexical com mais frequência para rastrear os participantes do discurso.

TFA_Achebe também apresenta preferência por coesão lexical para rastrear os ILEs, embora com frequências menores que os TTs. Esse resultado não confirma os resultados em Pagano et al (2015), o qual verificou uma preferência por correferência nos textos em inglês original, nem a assertiva em Baker (1992, 2011) de que o inglês utiliza pronomes com mais frequência para rastrear os participantes do discurso. Correferência foi o segundo recurso coesivo mais utilizado no TF.

Portanto, o pressuposto (11), de que o TT para o português é mais coeso do que seu TF em inglês, devido à preferência de utilização de pronomes em inglês e repetição lexical em português para rastrear participantes do discurso não pôde ser totalmente confirmado. Partindo da afirmativa de Pagano et al (2015, p. 58) de que a escolha dos recursos coesivos é primeiramente influenciada pelo tipo de texto, parece viável atribuir o resultado em TFA_Achebe como característico de sua escrita pós-colonial, onde a repetição dos ICEs na língua da cultura retratada é recorrente, pois tem a função de familiarizar o leitor com esse item ao mesmo tempo que marca o espaço do Outro. A escolha de Achebe por um padrão de repetição lexical de ILEs parece ser motivada e contribui com o significado geral do texto; da perspectiva experiencial, constrói de forma distinta uma cultura pré-colonial; da perspectiva interpessoal, estabelece a distância entre o autor e o leitor. A escolha dos tradutores, por outro lado, embora tenha sido pelo mesmo padrão de repetição lexical de ILEs, parece ser motivada por normas da língua alvo para realizar a função textual dos textos, deixando de contribuir para a construção do mesmo significado geral do TF. Reconhece-se, entretanto, que a análise de coesão realizada nesta terceira etapa da pesquisa teve seu escopo limitado pelo recorte utilizado e seus resultados não podem ser generalizados.

Retomando a pergunta de pesquisa (9) sobre possibilidade de distinguir a estratégia geral empregada pelos tradutores para a tradução dos ILEs/ICEs nesta etapa da pesquisa, os resultados permitem afirmar que, em ambos os TTs, os tradutores utilizaram uma estratégia mista a qual, por um lado, segue a preferência por uso de coesão lexical do TF e, por outro, adéqua os TTs às normas da língua alvo, a qual também apresenta preferência por coesão lexical para rastrear os participantes do discurso. A adoção desta estratégia, como discutido

anteriormente, acarretou TTs mais coesos, mais explícitos e mais redundantes do que o TF, sob a perspectiva das mudanças de tradução em relação aos ILEs/ICEs.

Tendo respondido à pergunta (9) para esta última etapa de pesquisa, é possível confirmar o pressuposto (8) de que os procedimentos tradutórios empregados ao longo da tradução, cujo acúmulo determina a estratégia geral utilizada para a tradução dos ICEs, derivam da necessidade de fazer com que o texto literário traduzido represente o texto fonte na língua alvo e seja concomitantemente valorizado nessa língua.

A seção subsequente apresenta as conclusões.

CONCLUSÕES

A pesquisa apresentada nesta dissertação investigou o estilo da tradução sob a perspectiva do uso de itens lexicais estrangeiros e itens culturais específicos em um *corpus* paralelo composto pelo romance pós-colonial *Things Fall Apart*, de Chinua Achebe; sua tradução para o português brasileiro, *O Mundo se Despedaça* (1983), realizada por Vera Queiroz da Costa e Silva; e sua tradução para o português europeu *Quando Tudo se Desmorona* (2008), realizada por Eugénia Antunes e Paulo Rego. Esta pesquisa utilizou a metodologia da estilística tradutória para identificar e descrever padrões de uso de ILEs/ICEs e empregou procedimentos e ferramentas da linguística de *corpus* para buscar os dados estatísticos gerais do *corpus* e os dados referentes ao uso de ILEs/ICEs. Fez, ainda, interface com os Estudos da Tradução Baseados em *Corpus*, os Estudos Descritivos da Tradução e a Linguística Sistêmico-Funcional.

A metodologia desta pesquisa envolveu a preparação do *corpus* conforme os padrões do ESTRA, a preparação dos arquivos de texto para que pudessem ser processados pelo programa *WordSmith Tools 6.0* (SCOTT, 2012), e os procedimentos de análise. Na primeira etapa da pesquisa, os procedimentos de análise consistiram no levantamento dos dados gerais do *corpus*, na busca pelos itálicos no *corpus*, e na classificação dos ILEs com base nas categorias gerais, adaptadas de Saldanha (2005, 2011a). Na segunda etapa da pesquisa, procedeu-se à classificação dos ICEs com base nas categorias específicas, adaptadas de Aixelá (1996), e, na terceira etapa, realizou-se uma análise coesiva das linhas de concordância que apresentaram mudanças de tradução em relação aos ILEs/ICEs com base no modelo de coesão de Halliday e Hasan (1976) e Halliday e Matthiessen (2014).

Os trabalhos teóricos que fundamentaram a presente pesquisa motivaram a elaboração de 11 pressupostos teóricos e 14 perguntas de pesquisa a eles associadas. Os sete primeiros pressupostos dizem respeito à primeira etapa da pesquisa, os pressupostos oito e nove são pertinentes à segunda etapa da pesquisa, e os pressupostos 10 e 11 concernem à terceira etapa, sob o recorte das mudanças ocorridas com os ILEs/ICEs. Por vezes, porém, os resultados alcançados em uma determinada etapa fornecem subsídios para a confirmação ou refutação de pressupostos inicialmente elaborados em relação a outra etapa de pesquisa.

O primeiro pressuposto, elaborado a partir de Saldanha (2005) e Magalhães e Blauth (2015), indicou que o uso de itálicos seria em sua maioria para a diferenciação de itens

lexicais estrangeiros. A pergunta elaborada visando à verificação desse pressuposto inquiriu sobre a frequência dos usos de itálicos no *corpus* desta pesquisa.

O segundo pressuposto presumiu que a maioria dos ILEs nos textos do *corpus* estariam italicizados e foi elaborado com base em Saldanha (2005, 2011a). A fim de verificar esse pressuposto, foram elaboradas duas perguntas de pesquisa. A primeira indagou sobre a frequência dos ILEs no *corpus* do presente estudo e, a segunda, se a maioria dos ILEs utilizados no *corpus* deste estudo estariam italicizados.

O terceiro pressuposto estabeleceu, a partir de Saldanha (2011a) e Frankenberg-Garcia (2005), que os ILEs nos TTs estariam em sua maioria na língua do TF. Com a finalidade de averiguar esse pressuposto, a pergunta de pesquisa correspondente questionou se os ILEs presentes nos TTs do *corpus* desta pesquisa estariam na língua do TF.

O quarto pressuposto, embasado em Igboanusi (2001), supôs que seria encontrada uma frequência alta de itens lexicais em ibo nos textos do *corpus* da presente pesquisa. A pergunta de pesquisa associada a esse pressuposto versava sobre a frequência dos itens lexicais em ibo no *corpus* desta pesquisa.

O quinto pressuposto previu, segundo Ashcroft et al (1989, 2002), Igboanusi (2001) e Bamiro (2006), que o uso de ILEs/ICES nos textos do *corpus* desta pesquisa seria motivado. A pergunta de pesquisa elaborada a partir desse pressuposto indagou qual seria a motivação para o uso de ILEs/ICES no *corpus* do presente estudo.

O sexto pressuposto, fundamentado em Saldanha (2011a) e Frankenberg-Garcia (2005), determinou que o procedimento de tradução mais utilizado com os ILEs seria trazê-los do TF. A pergunta para averiguar esse pressuposto inquiriu sobre a frequência dos procedimentos de tradução utilizados nos TTs do *corpus* desta pesquisa e, embora tenha sido inicialmente elaborada em relação à primeira etapa da pesquisa, foi posteriormente aplicada à segunda etapa.

O sétimo pressuposto, elaborado a partir de Saldanha (2011a), indicou que os tradutores fariam escolhas diferentes para lidar com os mesmos problemas de tradução. A pergunta vinculada a esse pressuposto pretendeu saber quais foram as instâncias em que os tradutores optaram por diferentes soluções na tradução dos ILEs/ICES.

O oitavo pressuposto, baseado em Toury (1980), estabeleceu que os procedimentos tradutórios empregados ao longo da tradução, os quais determinavam a estratégia geral utilizada para a tradução dos ICES, derivariam da necessidade de fazer com que o texto literário traduzido representasse o TF na língua alvo, ao mesmo tempo em que fosse valorizado nessa língua. Com o propósito de verificar tal pressuposto, perguntou-se qual foi a

estratégia geral empregada pelos tradutores para a tradução dos ILEs/ICEs. Essa pergunta também foi inicialmente elaborada em relação à primeira etapa da pesquisa e posteriormente estendida às demais etapas.

O nono pressuposto apontou, com base em Holmes (1988), que haveria uma tendência dos tradutores a naturalizar no âmbito linguístico, e de tornar o texto mais exótico no âmbito sociocultural. A pergunta de pesquisa vinculada a esse pressuposto indagou quais foram as tendências predominantes nos TTs do *corpus* deste estudo nos âmbitos linguístico e sociocultural.

O décimo pressuposto, a partir de Blum-Kulka (1986), presumiu que os TTs seriam mais redundantes do que o TF devido à mediação inerente ao processo tradutório e que tal redundância poderia se manifestar através de uma maior explicitação das relações coesivas. Visando verificar esse pressuposto, perguntou-se primeiramente qual seria a frequência dos marcadores coesivos no TF e nos TTs nas linhas de concordância que apresentaram mudanças na tradução dos ILEs/ICEs; a seguir, indagou-se se foram utilizados nos TTs marcadores coesivos diferentes dos marcadores utilizados no TF; depois, se haveria maior explicitação das relações coesivas e conseqüentemente maior redundância nos TTs; e, por último, se os TTs seriam mais redundantes do que o TF.

O décimo primeiro pressuposto, elaborado com base em Baker (1992, 2011) estabeleceu que os textos traduzidos para o português seriam mais coesos do que seu TF em inglês devido a uma preferência por utilização de pronomes em inglês e de repetição lexical em português para rastrear os participantes do discurso. A pergunta associada a esse pressuposto procurou saber se os TTs do *corpus* da presente pesquisa são mais coesos do que o TF.

Três hipóteses foram elaboradas para este estudo a partir do arcabouço teórico, dos pressupostos, das perguntas de pesquisa e da pesquisa exploratória.

A primeira hipótese propôs que a tradutora Costa e Silva faria uso da estratégia de explicitação. Os resultados alcançados permitiram confirmar essa hipótese tanto no nível léxico-gramatical – por meio do uso de acréscimos de ILEs e sinonímia, e da preferência por coesão lexical para rastreamento dos participantes do discurso –, quanto no nível semântico, com o apoio adicional do uso de glosas extratextuais e intratextuais. Cogita-se que a estratégia de explicitação utilizada por Costa e Silva se relacione a uma possível vontade da tradutora de compartilhar com seus leitores conhecimentos sobre a cultura ibo, uma vez que teve experiência pessoal com a cultura nigeriana.

A segunda hipótese propôs que a tradução para o português europeu apresentaria maior interferência do TF. Essa hipótese também pôde ser confirmada. Os dados quantitativos nas três etapas desta pesquisa indicaram que a tendência dos tradutores de ambos os TTs foi seguir a estratégia utilizada no TF para a construção experiencial da cultura ibo por meio da inserção de itens lexicais em ibo no romance. Assim sendo, na primeira etapa da pesquisa, o procedimento mais utilizado pelos tradutores foi trazer os ILEs do TF; na segunda etapa, o procedimento mais frequente foi conservação do ICE por repetição; e na terceira etapa, utilização de coesão lexical para rastrear os participantes do discurso. No entanto, a análise das mudanças de tradução mostrou que os tradutores apresentaram padrões diferentes de escolhas, contribuindo para a construção de significados diferentes nos TTs e que essas mudanças foram mais frequentes em TFA_CostaSilva_83 do que em TFA_Antunes_Rego. Ademais, mesmo quando Antunes e Rego optaram por procedimentos diferentes da estratégia de escrita de Achebe para inserir ICEs em ibo no romance, esses procedimentos foram, em sua maioria, condizentes com a estratégia do autor do TF. Esse resultado condiz com o papel mediador que os tradutores portugueses se atribuem de proporcionar ao leitor alvo uma leitura o mais próxima possível do TF, dentro das possibilidades oferecidas pela língua alvo.

A terceira hipótese propôs que os TTs seriam mais coesos e mais redundantes do que o TF. A investigação realizada nesta pesquisa não permitiu um posicionamento definitivo em relação a essa hipótese, devido ao seu recorte limitado às mudanças ocorridas na tradução dos ILEs/ICEs. Sob essa perspectiva apenas, essa hipótese foi confirmada, embora por motivos distintos daqueles inicialmente supostos. Isso porque o TF não apresentou uma maior frequência de uso de correferência para o rastreamento dos participantes do discurso, o que contribuiria para a diminuição do nível de coesão no texto; a coesão lexical, recurso de coesão mais explícito que contribui para o aumento do nível de coesão textual, foi o recurso mais recorrente. Ainda assim, a frequência de uso de coesão lexical nos TTs foi significativamente maior do que a utilização desse recurso no TF, indicando que os TTs seriam ainda mais coesos do que o TF, e conseqüentemente mais redundantes. A análise desses resultados permitiu constatar uma diferença na motivação da escolha do recurso coesão lexical por repetição dos ILEs por parte do autor do TF e dos tradutores. Enquanto a escolha de Achebe se relacionou à construção distinta de uma cultura pré-colonial e ao distanciamento do autor do leitor através da ênfase na diferença e da marcação do espaço do Outro, a escolha dos tradutores pareceu se relacionar à realização da função textual através da utilização das normas da língua alvo.

Com vistas a atingir metas na presente pesquisa estabeleceu-se um objetivo geral e cinco objetivos específicos.

O objetivo geral desta pesquisa foi investigar o estilo da tradução em um *corpus* paralelo compilado com o texto fonte e duas traduções em língua portuguesa do romance *Things Fall Apart*, de Chinua Achebe, sob a perspectiva do uso de itens lexicais estrangeiros e itens culturais específicos em língua estrangeira para verificar a existência de padrões de uso diferenciados desses itens nos textos traduzidos e as prováveis consequências no significado desses textos.

Os objetivos específicos foram alcançados:

1) Verificou-se o uso de itálicos nos textos do *corpus*, constatando-se que a maioria desses itálicos foram usados com a função de diferenciação para marcar os ILEs e identificando-se mudanças de tradução quanto ao uso de itálicos, as quais foram analisadas e descritas. A verificação dos itálicos também propiciou a busca dos ILEs no *corpus*.

2) Descreveram-se os padrões de uso de ILEs/ICEs nos textos traduzidos em relação ao uso desses itens no TF. Nas três etapas da pesquisa, após a apresentação dos dados quantitativos referentes à classificação realizada em cada etapa, procedeu-se à análise qualitativa, nas quais esses resultados foram descritos. Essa descrição permitiu visualizar as mudanças de tradução em relação aos ILEs/ICEs e discernir padrões de uso desses itens nos TTs em contraste com o TF.

3) Explicou-se o uso motivado de ILEs/ICEs nos textos do *corpus* desta pesquisa.

No TF, os ILEs/ICEs foram utilizados para a construção experiencial da cultura ibo em um texto pós-colonial escrito em inglês nigeriano, para enfatizar a distinção cultural e marcar alteridade. O uso de ICEs em ibo em *Things Fall Apart* chama a atenção para o fato de que a cultura retratada é outra, diferente da cultura em cuja língua o texto foi escrito e visa resistir à hegemonia da língua inglesa no contexto pós-colonial, além de fazer referência à etnia ibo de Achebe, conectando-o àquela cultura e distanciando-o dos leitores de língua inglesa. Essa distância é enfatizada pela estratégia utilizada pelo autor para inserção desses itens no texto, a qual algumas vezes permite ao leitor um entendimento parcial do significado do ILE/ICE, outras vezes o deixa sem explicação alguma.

Nos TTs, o uso de ILEs/ICEs pareceu seguir o uso desses itens no TF, com a função de construir experiencialmente a cultura ibo. No entanto, constatou-se que parte da motivação foi alterada. Primeiramente, a motivação de subverter a hegemonia do inglês não existe nas traduções em português e, apesar de os itens lexicais em ibo continuarem a fazer referência à etnia de Achebe, a importância desse fato é diminuída nos TTs, os quais não mais funcionam

como uma forma de resistência ao colonizador. As estratégias utilizadas pelos tradutores para a tradução desses itens, mais frequentemente por Costa e Silva através da explicitação, facilitam a leitura dos textos e o entendimento dos ILEs/ICEs, trazendo o autor do TF para os leitores dos TTs. Portanto, a marcação de alteridade e distinção cultural são amenizadas.

4) Identificou-se a estratégia geral para a tradução dos ILEs em cada um dos TTs.

Em TFA_Antunes_Rego, a estratégia geral para a tradução dos ILEs/ICEs consistiu em repetir a grande maioria dos ILEs/ICEs presentes no TF e de realizar normalização do texto. As demais mudanças de tradução identificadas no TT para o português europeu ou concorreram com as estratégias utilizadas por Achebe para com os ILEs/ICEs, ou não foram muito frequentes, geralmente compensando mudanças opostas.

Em TFA_CostaSilva_83 foi detectada a mesma estratégia acima, sendo que Costa e Silva repete menos frequentemente os ILEs/ICEs do TF, e realiza mais normalização do que Antunes e Rego. Ademais, identificou-se em TFA_CostaSilva_83 a estratégia de explicitação, por meio da qual a tradutora se fez mais visível.

5) Identificaram-se as mudanças em relação ao uso de marcadores coesivos nos textos do *corpus*, sob a perspectiva das mudanças de tradução dos ILEs/ICEs.

Nas linhas de concordância examinadas, essas mudanças consistiram principalmente em não utilizar correferência pessoal, utilizada no TF, e mais do que duplicar a frequência de uso de coesão lexical por repetição do TF, resultando em TTs mais coesos, mais explícitos e mais redundantes do que o TF.

Por fim, foi possível identificar as mudanças de significado nos textos e no nível da função textual decorrentes das escolhas diferentes dos tradutores para a tradução dos ILEs/ICEs. A análise descritiva apontou diversas instâncias nas quais ocorreram mudanças de significado no nível local. No nível global, essas mudanças se deveram principalmente às motivações diferentes de uso dos ILEs/ICEs nos TTs e no TF. Na função textual, as mudanças foram suscitadas pela normalização dos TTs.

Os resultados alcançados em relação ao objetivo geral, pressupostos, perguntas de pesquisa, objetivos específicos e hipóteses são ilustrados no Quadro14, a seguir.

Quadro 14: Objetivos, pressupostos, perguntas de pesquisa e hipóteses respondidos

Objetivo geral		
Investigar o estilo da tradução em um <i>corpus</i> paralelo compilado com o texto fonte e duas traduções em língua portuguesa do romance <i>Things Fall Apart</i> , de Chinua Achebe, sob a perspectiva do uso de itens lexicais estrangeiros e itens culturais específicos em língua estrangeira para verificar a existência de padrões de uso diferenciados desses itens nos textos traduzidos e as prováveis consequências no significado desses textos. Alcançado.		
Pressupostos	Perguntas	Objetivos específicos
O uso de itálicos no <i>corpus</i> é em sua maioria para diferenciação de itens lexicais estrangeiros. Corroborado.	Qual é a frequência dos usos de itálicos no <i>corpus</i> da presente pesquisa? Totalmente respondida.	Verificar o uso de itálicos nos textos do <i>corpus</i> desta pesquisa. Alcançado.
A maioria dos ILEs nos textos do <i>corpus</i> está italicizada. Corroborado.	Qual a frequência de ILEs no <i>corpus</i> da presente pesquisa? Totalmente respondida.	Descrever os padrões de uso de ILEs e ICEs nos TTs em relação aos padrões de uso desses itens no TF. Alcançado.
	Os ILEs utilizados no <i>corpus</i> da presente pesquisa estão em sua maioria italicizados? Sim.	
Os ILEs nos TTs do <i>corpus</i> são em sua maioria na língua do TF. Não corroborado.	Os ILEs presentes nos TTs do <i>corpus</i> da presente pesquisa são em sua maioria na língua do TF? Não.	
Há uma frequência alta de itens lexicais em ibo nos textos do <i>corpus</i> , compilado com um texto literário pós-colonial nigeriano escrito em língua inglesa. Corroborado.	Qual a frequência dos itens lexicais em ibo no <i>corpus</i> desta pesquisa? Totalmente respondida.	
O uso de ILEs e ICEs nos textos do <i>corpus</i> , com características de escrita pós-colonial, é motivado. Corroborado.	Qual é a motivação para o uso de ILEs e ICEs no <i>corpus</i> da presente pesquisa? Totalmente respondida.	
O procedimento de tradução mais utilizado com os ILEs no <i>corpus</i> é trazer os ILEs do TF. Corroborado.	Qual é a frequência dos procedimentos de tradução utilizados nos TTs do <i>corpus</i> da presente pesquisa? Totalmente respondida.	Identificar a estratégia geral utilizada pelos tradutores para a tradução dos ILEs. Alcançado.
Os tradutores fazem escolhas diferentes para lidar com os mesmos problemas de tradução. Corroborado.	Quais foram as instâncias em que os tradutores optaram por diferentes soluções na tradução dos ILEs e ICEs? Totalmente respondida.	
Os procedimentos tradutórios empregados ao longo da tradução, cujo acúmulo determina a estratégia geral utilizada para a tradução dos ICEs, derivam da necessidade de fazer com que o texto literário traduzido represente o texto	Quais foram os procedimentos empregados pelos tradutores para a tradução dos ILEs e ICEs? Totalmente respondida.	

fonte na língua alvo e seja concomitantemente valorizado nessa língua. Corroborado.		
No âmbito linguístico, a tendência dos tradutores é de naturalizar, no sentido de utilizar as normas da língua alvo; no âmbito sociocultural, há uma tendência contrária, no sentido tornar o texto mais exótico. Parcialmente corroborado.	Sob a perspectiva da tradução dos ILEs e ICEs, quais foram as tendências predominantes nos TTs no âmbito linguístico e no âmbito sociocultural? Totalmente respondida.	
Os TTs são mais redundantes do que o TF devido à mediação inerente ao processo tradutório; uma das formas de manifestação da redundância é uma maior explicitação das relações coesivas. Corroborado.	Sob o recorte das mudanças ocorridas com os ILEs e ICEs, qual é a frequência dos marcadores coesivos no TF e nos TTs? Totalmente respondida.	Identificar as mudanças em relação ao uso de marcadores coesivos nos textos do <i>corpus</i> , sob o recorte de ILEs e ICEs. Alcançado.
	Sob o recorte das mudanças ocorridas com os ILEs e ICEs, foram utilizados nos TTs marcadores coesivos diferentes daqueles utilizados no TF? Totalmente respondida.	
	Sob o recorte das mudanças ocorridas com os ILEs e ICEs, há maior explicitação das relações coesivas nos TTs?	
	Sob o recorte das mudanças ocorridas com os ILEs e ICEs, os TTs são mais redundantes do que o TF? Totalmente respondida.	
Os textos traduzidos para o português são mais coesos do que seu TF em inglês, pois há uma preferência de utilização de pronomes em inglês e de repetição lexical em português para rastrear participantes do discurso. Parcialmente corroborado.	Sob o recorte das mudanças ocorridas com os ILEs e ICEs, os TTs são mais coesos do que o TF? Totalmente respondida.	
Hipóteses		
A tradutora Costa e Silva faz uso da estratégia de explicitação. Confirmada.		
A tradução para o português europeu apresenta maior interferência do TF. Confirmada.		
Os TTs são mais coesos e mais redundantes do que o TF. Sem posicionamento definitivo.		

Fonte: A autora

Esta pesquisa preencheu uma lacuna constatada nos estudos que investigaram o estilo da tradução sob a perspectiva dos itens lexicais estrangeiros e itens culturais específicos, na medida em que trabalhou com um *corpus* compilado com um texto pós-colonial em inglês, o qual apresentou características específicas e demandou metodologias distintas daquelas até então empregadas. Além disso, utilizou categorias de classificação de procedimentos de tradução de ICEs provenientes dos Estudos Descritivos da Tradução para análise de estilo da tradução e complementou a análise das mudanças de tradução por meio de uma análise de coesão com base no modelo de coesão da linguística sistêmico-funcional de Halliday (1970, 1985, 1994, 2014), até então não realizada nos estudos com o mesmo recorte.

Diferentemente das pesquisas que fundamentaram esta dissertação, o *corpus* utilizado no presente estudo apresentou abundância de ILEs, todos em língua distinta daquela em que o TF foi escrito e todos funcionando para a construção experiencial de uma terceira cultura, para evidenciar a diversidade cultural e assinalar alteridade. O estudo mostrou que o uso motivado de ILEs/ICEs nas traduções foi diferente do uso desses itens no texto de Achebe, o que levou os tradutores a optar por procedimentos distintos para a tradução dos ILEs/ICEs. O quadro teórico-metodológico empregado na segunda etapa da pesquisa possibilitou abarcar a diversidade dos procedimentos utilizados para a tradução de ILEs/ICEs, incluindo na análise procedimento extratextual relevante para a identificação da estratégia de explicitação em TFA_CostaeSilva_83, não contemplado pela metodologia dos estudos de estilo que embasaram esta pesquisa e utilizada na primeira etapa deste estudo. Portanto, os resultados alcançados validaram as categorias de classificação dos procedimentos de tradução de ILEs/ICEs provenientes dos Estudos Descritivos da Tradução para a análise de estilo da tradução sob a perspectiva do uso de ILEs/ICEs em *corpus* paralelo compilado com texto pós-colonial. A análise de coesão sistêmico-funcional permitiu a construção de perfis linguísticos dos textos do *corpus* sob a perspectiva das mudanças de tradução ocorridas com os ILEs. Essa análise foi profícua para indicar a tipicidade do texto pós-colonial e para apontar os perfis linguísticos diferentes dos TTs, relevantes para a construção do significado global nesses textos, diverso daquele do TF.

Devido ao escopo de uma pesquisa de mestrado, este estudo foi realizado sob a perspectiva do uso de itens lexicais estrangeiros, entre eles os itens culturais específicos. Dessa forma, a análise de estilo da tradução empreendida não abrangeu outras marcas culturais presentes no TF e outras estratégias linguísticas típicas da escrita de Achebe, características singulares desse *corpus* de estudo, as quais podem ser exploradas em pesquisas futuras. Ademais, a análise de coesão foi realizada apenas para as linhas de concordância que

apresentaram mudanças em relação à tradução dos ILEs/ICEs. Portanto, seus resultados não podem ser generalizados, mas fornecem indícios de que uma análise de coesão mais compreensiva nesse *corpus* pode ser produtiva para confirmar a tipicidade das relações coesivas na escrita pós-colonial de Achebe em contraste com os perfis coesivos dos TTs, permitindo responder de forma definitiva à terceira hipótese elaborada para esta pesquisa. Pode, ainda, ser produtiva para a identificação de outras mudanças de significado nos TTs.

Esta pesquisa acrescentou aos estudos de estilo da tradução por utilizar um *corpus* de estudo distinto daqueles empregados por estudos anteriores que investigaram o uso de ILEs e ICEs, por empregar metodologias complementares capazes de abarcar as diferenças apresentadas por esse *corpus* e por apresentar possibilidades de prosseguimento das investigações realizadas. Por fim, esta pesquisa trouxe uma contribuição para o ensino da tradução, em que os resultados alcançados podem ser utilizados para conscientizar o tradutor em formação a respeito de opções diversas para a tradução de ILEs e ICEs e suas implicações para o significado do TT, contribuindo assim para o desenvolvimento de sua competência tradutória.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHEBE, C. *O mundo se despedaça*. Trad. Vera Queiroz da Costa e Silva. São Paulo: Editora Ática S. A., 1983.

_____. *Things Fall Apart*. New York: Anchor Books, [1958]1994.

_____. *Quando tudo se desmorona*. Trad. Eugénia Antunes e Paulo Rego. Lisboa: Mercado de Letras Editores, 2008.

_____. The African Writer and the English Language. In: *Morning Yet on Creation Day*. New York: Anchor Press/ Doubleday, 1975. p.91-103.

AIXELÁ, J. Culture-specific Items in Translation. In: *Translation, Power, Subversion*. Clevedon: Multilingual Matters Ltd, 1996, p.52-78.

ANCHIETA, A. *Tongue-tied: traduzindo os contos em guerra de Chinua Achebe*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Brasília: Instituto de Letras da UnB/Pos-Trad, 2014.

ANDERSON, W.; CORBETT, J. *Exploring English with online Corpora*. Palgrave: Macmillan, 2009, p. 21-44.

ASHCROFT et al. *The empire writes back: theory and practice in post-colonial literature*. London/New York: Routledge, [1989] 2002.

AUBERT, F. Indagações acerca dos marcadores culturais na tradução. *Revista de Estudos Orientais*, n. 5, 2006, p. 23-36.

AUBERT, F. Traduzindo as diferenças extra-linguísticas: procedimentos e condicionantes. *TradTerm* 9, 2003, p. 151-172.

BAKER, M. *In other words*. London: Routledge, [1992] 2011.

_____. *Towards a methodology for investigating the style of a literary translator*. Target, Amsterdam, v. 12, no. 2, 2000. p. 241-266.

_____. Corpus-based translation studies: the challenges that lie ahead. In: SOMERS, H. (ed.). *Terminology, LSP and translation: studies in language engineering in honour of Juan C. Sager*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1996. p. 177- 187.

_____. *Corpus linguistics and translation studies: implications and applications*. In: BAKER et al. (eds.). *Text and technology: In honour of John Sinclair*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1993. p. 233-250.

BAMIRO, E. Nativization strategies: Nigerianisms at the intersection of ideology and gender in Achebe's fiction. In: *World Englishes*, v. 25, no. 3/4, 2006. p. 315–328.

BERBER-SARDINHA, T. *Pesquisa em Linguística de Corpus com WordSmith Tools*. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

_____. *Linguística de Corpus*. Barueri: Manole, 2004.

BLUM-KULKA, S. Shifts of Cohesion and Coherence in Translation. In: HOUSE, J.; BLUM-KULKA, S. (eds): *Interlingual and Intercultural Communication*. Tübingen: Narr, 1986, p. 17-35.

CHESTERMAN, A. A causal model for translation studies. In: OLOHAN, Maeve (Ed.). *Intercultural Faultlines*. Manchester: St. Jerome, 2000, p. 15-27.

COLLINS ENGLISH DICTIONARY. Disponível em:

<<http://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/compound?showCookiePolicy=true>>.

Acesso em: 09/09/2015.

DAVIES, E. A Goblin or a Dirty Nose? The Treatment of Culture-Specific References in Translations of the Harry Potter Books. *The Translator*, vol. 9, n.1, 2003, p. 65-100.

DAVIES, M.; SCOTT-TENNENT, C. A problem-solving and student-centred approach to the translation of cultural references. *Meta*, L, 1, 2005, p. 160-179.

FRANKENBERG-GARCIA, A. *A corpus based study of loan words in original and translated texts*. Lisboa: ISLA, 2005.

HALLIDAY, M.A.K. *Language as Social Semiotic*, London/New York: Edward Arnold, 1978.

HALLIDAY, M.A.K.; HASAN, R. *Language, context and text: aspects of language in a social semiotic perspective*. Geelong: Deakin University Press, 1985.

HALLIDAY, M.A.K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. Hong Kong: Longman, 1976.

HALLIDAY, M.A.K.; MATTHIESSEN, C.M.I.M. *Halliday's introduction to functional grammar*. 4a ed. Londres: Routledge, 2014.

HERMANS, T. *The Translator's Voice in Translated Narrative*. *Target*, 8:1. 23-48. 1996.

IGBOANUSI, H. The igbo tradition in the Nigerian novel. In: *African Study Monographs*, 22(2): 53-72, July 2001(b).

Integrated Taxonomic Information System. Disponível em:

<http://www.itis.gov/servlet/SingleRpt/SingleRpt?search_topic=TSN&search_value=505966

>. Acesso em: 09/09/2015.

KLAUDY, K.; KÁROLY, K. *Implication in Translation: an empirical justification of operational asymmetry in translation*. *Across Languages and Cultures*. Vol. 6, n. 1, 2005. p. 13-28.

KOSKINEN, K.; PALOPOSKI, O. Retranslation. In: GAMBIER, Y.; DOORSLAER, L. van (Eds.) *Handbook of translation studies*, v. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2010, p. 294-297.

MAGALHÃES, C. M. ESTRA: um *corpus* para o estudo do estilo da tradução. *Cadernos da Tradução*. Florianópolis, no. 34, jul./dez. 2014. p. 248-271.

MAGALHÃES, C. M.; BLAUTH, T. Estilo do tradutor: um estudo do uso do itálico, palavras estrangeiras e itens culturais específicos por seis tradutores de *Heart of Darkness*. In: Viana, V.; Tagnin, S. (Org.). *Corpora na tradução*. São Paulo: Hub Editorial, 2015. p.171-209.

MALMKJAER, K. *Linguistics and the Language of Translation*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2005.

_____. Translational stylistics: Dulcken's translations of Hans Christian Andersen. In: *Language and Literature*. SAGE publications (London, Thousand Oaks, CA and New Delhi), v. 13 (1), 2004. p. 13-24.

_____. *What happened to God and the angels: an exercise in translational stylistics*. Target, v. 15. Amsterdam, 2003, p. 37-58.

MCENERY, Tony and HARDIE, Andrew. *Corpus linguistics: method, theory and practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012, p. 1-24.

MERRIAM-WEBSTER DICTIONARY. Disponível em: <<http://www.merriam-webster.com/dictionary/compound>>. Acesso em: 09/09/2015.

MOLINA MARTINEZ, L.; ALBIR, A. H. Translation techniques revisited: A dynamic and functionalist approach. *Meta*, 47, n. 4, 2002. p. 498 - 512.

MUNDAY, J. *Style and ideology in translation: Latin American writing in English*. New York: Routledge, 2008.

_____. Systems in Translation: A Systemic Model for Descriptive Translation Studies. In: HERMANS, T. (Ed.). *Cross-cultural Transgressions*. Manchester: St. Jerome Publishing, 2002. p. 76-92.

NIDA, E. Linguistics and ethnology in translation problems. In: HYMES, D. *Language in culture and society: a reader in linguistics and anthropology*. Tokyo: Harper International, [1945]1966, p. 90-100.

NOURISHING THE PLANET. Disponível em: <http://blogs.worldwatch.org/nourishingtheplanet/star-apple-prized-fruit-and-timber/>. Acesso em: 09/09/2015.

PAGANO et al. Relações coesivas no texto traduzido: um estudo baseado em *corpus*. In: Pontes, V.; Cunha, R.; Carvalho, E.; Tavares, M. (Org.) *A tradução e suas interfaces: múltiplas perspectivas*. Curitiba: Editora CRV, 2015, p. 51-64.

SALDANHA, G. Style of translation: the use of foreign words in translations by Margaret Jull Costa and Peter Bush. In: KRUGER, A.; WALLMACH, K.; MUNDAY, J. (eds.). *Corpus Based Translation Studies: Research and Applications*. London and New York: Continuum, 2011(c). p. 237-258.

_____. Emphatic Italics in English Translations: Stylistic Failure or Motivated Stylistic Resources? *Meta: Translators' Journal*, vol. 56, n° 2, 2011(b). p. 424-442.

_____. Translator Style: Methodological considerations. *The Translator*. Vol. 17, n° 1, 2011. p. 25-50.

_____. *Style of Translation: An exploration of stylistic patterns in the translations of Margaret Jull Costa and Peter Bush*. Tese (Doutorado em Filosofia). Dublin: School of Applied Language and Intercultural Studies, Dublin City University, 2005.

THE FREE DICTIONARY. Disponível em: <<http://www.thefreedictionary.com/compound>>. Acesso em: 09/09/2015.


TUFANO, D. *Gramática e literatura brasileira: curso completo*. São Paulo: Paulus, 2005.





VINAY, J.; DALBERNET, J. *Comparative stylistics of French and English: a methodology for translation*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, [1958, 1975] 1995.

ANEXO A – Verbetes para *compound*

Figura 6: Significados, origem e traduções de *compound* no Collins English Dictionary

compound²

(ˈkɒmpaʊnd )

► **Definitions**    

Collins English Dictionary

noun

1. (esp formerly in South Africa) an enclosure, esp on the mines, containing the living quarters for Black workers
2. any similar enclosure, such as a camp for prisoners of war
3. (formerly in India, China, etc) the enclosure in which a European's house or factory stood

► **Word origin**

C17: by folk etymology (influenced by *compound*¹) from Malay *kampong* village

► **Translations for 'compound'**

British English: [compound](#) NOUN
A compound is an enclosed area of land that is used for a particular purpose. They took refuge in the embassy compound.

Brazilian Portuguese: complexo	Italian: recinto
Chinese: 作特定用途的围地	Japanese: 構内
European Spanish: recinto	Korean: 특정 용도의 부지
French: enceinte	Portuguese: área delimitada
German: Gelände	Spanish: recinto

Fonte: A autora, com recortes de

<http://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/compound?showCookiePolicy=true>


Figura 7: Significados, etimologia e tradução de compound no American Heritage Dictionary of the English Language, Random House Kernerman Webster's College Dictionary e Kernerman English Multilingual Dictionary

com·pound² (kɑm'pound)

n.

1. A building or buildings, especially a residence or group of residences, set off and enclosed by a barrier.
2. An enclosed area used for confining prisoners of war.

[Alteration of Malay *kampung*, *village*.]


"CITE"  American Heritage® Dictionary of the English Language, Fifth Edition. Copyright © 2011 by Houghton Mifflin Harcourt Publishing Company. Published by Houghton Mifflin Harcourt Publishing Company. All rights reserved.

com·pound² ('kɑm paʊnd)

n.

a separate area, usu. fenced or walled, containing residences, business offices, barracks, or other structures.

[1670–80; alter., by association with **compound¹**, of Malay *kampung* village, collection, gathering; compare **kampung**]

"CITE"  Random House Kernerman Webster's College Dictionary, © 2010 K Dictionaries Ltd. Copyright 2005, 1997, 1991 by Random House, Inc. All rights reserved.

Translations

Select a language:  Portuguese / Pctuguês ▼

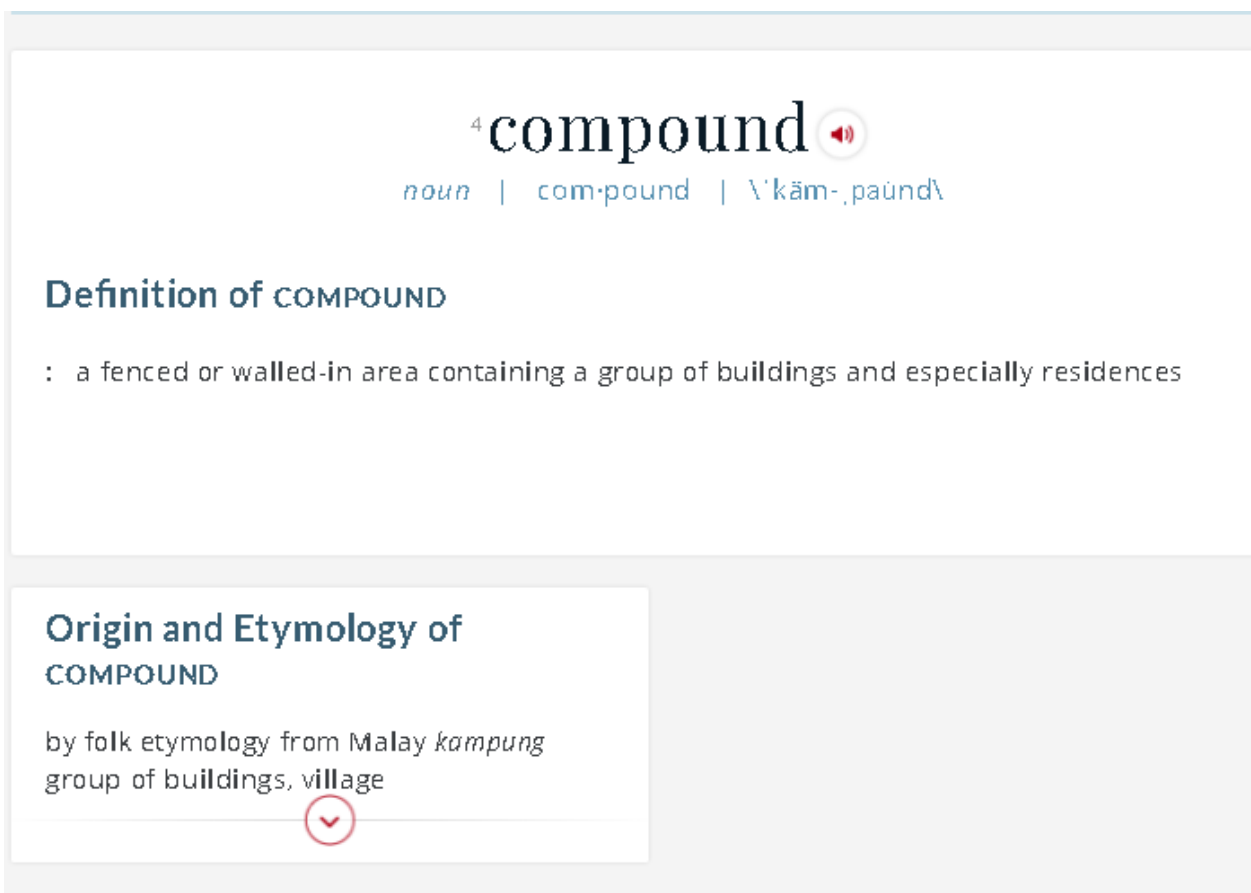
compound² ('kɒmpaʊnd) *noun*

a fenced or walled-in area, eg round a factory, school etc. **recinto**

"CITE"  Kernerman English Multilingual Dictionary © 2006–2013 **K Dictionaries Ltd**.

Fonte: A autora, com recortes de <http://www.thefreedictionary.com/compound>

Figura 8: Significado e etimologia de compound no Merriam-Webster Dictionary



The image shows a screenshot of the Merriam-Webster Dictionary entry for the word "compound". At the top, the word "compound" is displayed in a large, dark blue serif font, with a small red speaker icon to its right. Below the word, the part of speech "noun" is listed, followed by the syllabification "com·pound" and the phonetic transcription "\ 'kām- ,paund\u026a".

The main definition is titled "Definition of COMPOUND" in bold, dark blue text. The definition itself is: "a fenced or walled-in area containing a group of buildings and especially residences".

Below the definition, there is a section titled "Origin and Etymology of COMPOUND" in bold, dark blue text. The text explains that the word is derived from the Malay word "kampung", which means "group of buildings, village". A small red speaker icon is located at the bottom of this section.

Fonte: A autora, com recortes de <http://www.merriam-webster.com/dictionary/compound>

ANEXO B – Glossário de TFA_Antunes_Rego e notas do tradutor referentes a ILEs/ICEs nos TTs

Glossário de palavras e expressões na língua dos Ibos

(o "o" é sempre pronunciado aberto, como na palavra "pó")

agadi--nwayi mulher idosa.

agbala mulher: também usado para referir um homem que não tomou títulos.

chi deus pessoal.

efulefu homem inútil.

egwugwu um mascarado que personifica um dos espíritos ancestrais da aldeia.

ekwe um instrumento musical: uma espécie de tambor de madeira.

eneke-nti-oba um tipo de pássaro.

eze-agadi-nwayi os dentes de uma mulher idosa.

iba febre.

ilo o terreiro da aldeia, onde decorrem reuniões, actividades, discussões, etc.

inyanga exhibir-se, gabar-se.

isa-ifi uma cerimónia: se uma mulher tivesse estado separada do seu marido durante algum tempo e se juntasse de novo a ele, esta cerimónia seria organizada para se garantir que ela não lhe fora infiel durante o período de separação.

iyi-uwa um tipo especial de pedra que forma a ligação entre um *ogbanje* e o mundo dos espíritos. Só depois de esta pedra ser descoberta e destruída é que o ciclo de nascimentos e mortes da criança seria interrompido.

jigida colar de contas usado na cintura.

kotma beleguim. A palavra não é de origem ibo, sendo uma corruptela de “court messenger” (à letra, mensageiro do tribunal).

kwenu grito de aprovação e saudação.

ndichie anciãos.

nna ayi nosso pai.

nno bem-vindo.

nso-ani um tipo de ofensa religiosa que a todos causa aversão.

nza um pássaro muito pequeno.

obi os alojamentos do chefe de família.

obodo dike a terra dos corajosos, dos bravos.

ochu assassínio ou homicídio involuntário.

ogbanje uma criança que morre e regressa repetidamente ao ventre da mãe para nascer de novo. É quase impossível criar uma criança *ogbanje* sem que esta morra, a não ser que a sua *iyi--uwa* seja primeiro encontrada e destruída.

ogene um instrumento musical: uma espécie de gongo.

oji odu achu-ijiji-o vaca (*i e*: aquela que usa a cauda para afugentar as moscas).

osu proscrito; tendo sido dedicado a um deus, o *osu* era tabu e não lhe era permitido misturar-se com os livres de nascença fosse de que maneira fosse.

Oye o nome de um dos quatro dias da semana.

ozo o nome de um dos títulos ou estatutos.

tufia uma maldição ou um juramento.

udu um instrumento musical; um tipo de tambor feito em cerâmica.

uli uma matéria corante usada pelas mulheres para desenhar padrões na pele.

umuada uma reunião familiar de filhas durante a qual as familiares do sexo feminino regressam às suas aldeias de origem.

umunna um grupo alargado de familiares do sexo masculino (a forma masculina da palavra *umuada*).

Uri parte da cerimónia de esponsais durante a qual o dote é pago.

Notas dos tradutores Eugénia Antunes e Paulo Rego na tradução portuguesa referentes a ILEs/ICEs

3 – fufu

Comida típica da África Central e Ocidental. Consiste numa pasta espessa feita com tubérculos cozidos e moídos no almofariz e transformada em bolas. (ACHEBE, 2008, p.37)

7 – ewuro

Arbusto (*Vernonia amygdalina*), de folhas pecioladas e forma elíptica, indígena da África subsariana. As folhas são verdes e têm um odor característico e um sabor amargo. São lavadas antes de serem cozinhadas para perderem o sabor amargo. São também usadas com fins medicinais. (ACHEBE, 2008, p.83)

8 – egussi

Sementes de abóbora ou melancia que são usadas como condimento ou moídas para engrossar a sopa. (ACHEBE, 2008, p.141)

Notas da tradutora Vera Queiróz da Costa e Silva na tradução brasileira referentes a ILEs/ICEs

2 – **Dançarino egwugwu** - usa máscara na cabeça e tem o corpo inteiramente coberto de ráfia. (ACHEBE, 1983, p. 13)

6 – **Umófia kwenu** - Povo de Umuófia, vamos ficar de acordo? (frase que, entre os ibos, o mais velho ou o mais importante dos membros do grupo deve sempre gritar, no começo de uma assembléia). (ACHEBE, 1983, p. 19)

7 – **Compound** - conjunto de habitações onde mora uma família, normalmente cercado ou murado. (ACHEBE, 1983, p. 22)

8 – **Obi** - a casa do homem, distinta da casa das esposas. (ACHEBE, 1983, p. 22)

11 – **Inyanga** - exibicionismo. (ACHEBE, 1983, p. 48)

12 – **Foo-foo** - bolo feito de inhame pilado. É uma massa branca -- semelhante, na forma e na consistência, à pamonha -- que se mergulha num molho condimentado. (ACHEBE, 1983, p. 54)

13 – **Ozo** - sociedade de homens eminentes. Para ingressar nela e obter o título de *ozo*, tem-se de efetuar grande despesa. (ACHEBE, 1983, p. 60)

15 – **Oye** - na Ibolândia, os dias da semana ou dias-de-mercado são quatro: **Eke, Oye, Nkwo, Afo**. (ACHEBE, 1983, p. 77)

16 – **Iyi-uwa** - uma pedra especial; se localizada e destruída, a criança não pode mais *partir, e sobrevive*. (ACHEBE, 1983, p. 79)

18 – **Egwugwus** - mascarados que personificam o espírito dos ancestrais. (ACHEBE, 1983, p. 86)

19 – **Aru oyim de de de de dei!** - Deixe meu corpo frio jazer num bom lugar! (ACHEBE, 1983, p. 86)

20 – **Agbala do-o-o-o! Agbala ekeneo-o-o-o!** - Paz de Agbala! Agbala os saúda a todos! -- Os íbós prolongam o **o** final como demonstração de respeito pela pessoa a quem se dirigem. (ACHEBE, 1983, p. 96)

21 – **Okonkwo! Agbala ekene gio-o-o-o! Agbala cholu ifu ada ya Ezinmao-o-o-o!**
- Okonkwo! Agbala te saúda e só a ti! Agbala deseja que leves a ela tua filha Ezinma!
(ACHEBE, 1983, p. 96)

22 - **Tufia-a** - Cuspo nisto! (ACHEBE, 1983, p. 97)

23 – **Agbala do-o-o-o! Agbala ekeneo-o-o-o! Chi negbu madu ubosi ndu ya nato ya uto daluo-o-o-o!** - Chi, deus que matais as pessoas no dia mais feliz de suas vidas, eu vos saúdo!
(ACHEBE, 1983, p. 103)

24 – **Ekwe** - tambor de madeira, cujas batidas imitam a entonação da voz humana.
(ACHEBE, 1983, p. 113)

27 – **Ochu** – assassinato. (ACHEBE, 1983, p. 120)

28 – **Isa-ifi** - realiza-se após o marido ter estado longe por algum tempo da mulher, a fim de assegurar-se de que ela não lhe foi, durante o período da separação, infiel. É também usual antes do casamento. (ACHEBE, 1983, p. 122)

29 – **Umuada** - reunião de mulheres da mesma família, quando todas retornam à aldeia de seus pais e tios. (ACHEBE, 1983, p. 122)

31 – **Ikenga** - estatueta de madeira, com chifres, que simboliza o valor, o esforço e a excepcionalidade de cada indivíduo. É invocada por seu possuidor para lhe trazer êxito.
(ACHEBE, 1983, p. 163)